

N. 535
5-1-946

CAPITAL
CrS 1,20
ESTADOS
CrS 1,50



**JANE
HARKER**

Carrioca
EMPRESA A NOITE
Diretor da Empresa: JOAQUIM THOMAZ
Diretor: HEITOR MONIZ
Gerente: OCTAVIO LIMA



Nela e Nele A DISTINÇÃO DO PENTEADO

ganha mais realce com a nova LOÇÃO FIXADORA Coty

Eis uma esplêndida criação de Coty: — a Loção Fixadora (Hair Dressing). É magnífica tanto para os caprichosos penteados da mulher como para a elegante simplicidade do cabelo masculino. Contendo óleos vegetais revigorantes, a Loção Fixadora Coty tonifica, nutre e assenta o cabelo. É ainda perfumada com Emeraude — o precioso e arrebatador perfume de Coty.

LOÇÃO FIXADORA

(Hair Dressing)

Coty



A sentinela da guarita próxima ao rio perfilou o mosquete ao vêr o padre e êle retribuindo-lhe o cumprimento, afavelmente, fôra entrando de portão a dentro. No frontão do arco viam-se as armas neerlandêsas e adiante abria-se uma longa e ensombrada alameda de sapotiseiros. Encontrara logo o Conde Maurício de Nassau a passear pelo seu belo parque e a cuidar de melhoramentos nêle. Acompanhava-o Franz Post, o pintor. Assistiam os dois, interessadíssimos, ao plantio de mais um dos já crescidos coqueiros trazidos em carro de bois duma praia do norte, não me lembro bem se Pau Amarelo se Rio Tapado. Pouco importava, porém, a procedência pois de tôdo o litoral têm vindo árvores daquela família, como de outras espécies conduzem da zona da mata e mesmo do sertão. Elas se encontram espalhadas pelas longas alamedas, umas dando som-

De fato do sapotiseiro muito pejado de frutos caíam alguns dôces como mel. Franz Post preferira deter-se um pouco antes, abrindo o cavalete, fixando a têla e de palheta na mão começara a pintar trêcho do rio que ali dava volta encantadora. Ao fundo, via-se Olinda, distante, com as suas ruínas de incêndio a sorrirem entre a cercadura dos laranjais e dos momoeiros. Distinguiam-se os paredões tostados pelas labaredas dos antigos conventos e as torres vãs dos sinos das igrejas. Aqui e ali esqueletos de sobradões meio ocultos pela vegetação que parecia empolgar mais do que nunca as colinas da antiga cidade feudal de Duarte Coelho.

— Há obras novas em cada dia do governo de V. A. Sr. Conde e, por isso, sentimos avidez de em conversa conhecer quais as que se encontram em andamento e as que vivem ainda em projeto.

de uma morada de repouso o novo palácio servirá, também, como suas soteiras, de atalaia, de defesa. Infelizmente o mundo é feito de modo que mesmo nos benefícios da paz deve-se pensar nas artimanhas da guerra. Pieter Post soube, com sua planta, cuidar das duas utilidades.

— Pieter Post vem sempre a Pernambuco?

— Não sei ao certo. Promete-o. Mas, como sabes, êle na Holanda não chega para quem o quer. Tem trabalho até os olhos. É um nome nacional na arquitetura. Assim, parece-me que se limitará a nos ir enviando de lá os seus planos... O dos canais é um dêles. A outra ponte de acêso ao continente ultima-se.

— Estive lá ontem. Vai ficar excelente. E era de uma palpitante necessidade mesmo. O açúcar que vem do in-

UMA TARDE NO PALÁCIO DAS TORRES

MARIO SETTE

bra, outras oferecendo frutos: as esfêras da frua-pão as grossas sacólas das jacas; os pomos verdes ou amarelos das mangas, o róseo das romãs, o rubro dos cajús. Sem falar nas touceiras de abacaxis, de maracujás, das cêrcas de pitangueiras... Há de tudo no parque. Pássaros de viveiros e pássaros à solta. Ostentação de plumagens e concertantes de cantos. Tanto estridúla um canário como vibra uma araponga e flautêia uma sabiá. Passeiam motuns, pavões, guinês; encarapitam-se nos galhos araras, periquitos, saguis, papagaios. Enquanto o "ferreiro" golpeia a sua bigorna, zunindo-nos os ouvidos, o resto das aves, a um só tempo alteia suas vôzes. Típico e atordoante. Ao avistar o padre, o Conde, talvez percebendo-lhe leve franzir de sobrancêlha em face daquele "barulho canoro", perguntou a sorrir:

— Vindes ouvir a minha sifonia?

O padre sorriu fingindo-se deleitado pelo vozeio da passarada. E respondeu noutro tom:

— Vim dar um cavaco com V. Alteza. Se não o importuno.

— Nunca, bem sabeis. Assentai-vos neste banco que é farto de sombra e por vezes nos oferece uma dadiva saborosa.

Depois deste admiravel palácio das Torres vimos V. A. mandar erguer um outro não menos suntuoso... que visitei na companhia amavel do capitão Turlon... Por sinal, não o tenho visto!

Nassau fez uma carêta de malícia:

— Anda muito enfeitado pela linda viuva Ana Pais. A da Casa Forte, não sabeis? Apaixonou-se, padre, e enquanto não se vierem a casar, o nosso esbelto capitão viverá tolhido de prestar atenção aos amigos como V. Revma.

— Na verdade, a Ana, é uma linda mulher. Ademais, dona de uma fábrica de açúcar não menos invejavel. Hão de ser felizes, hão de ser... Mas, como dizia a V. A. corri o seu novo palácio da Boa-Vista.

— De Schoonzigt, sim. Ficou realmente bonito e num ponto magnífico. Digno do seu nome. O panorama que dali se descortina, daquele torreão quadrado do centro do edificio, por exemplo, é estonteador. Domina-se o sertão. Além das varseas as montanhas. Uma ondulação pouco acêntuada, é verdade, mas embaladora. Lembra o balanço suave e adormecedor das rêdes que os senhores tanto usam aqui e a que até vou me acostumando também... E... além

terior, pelo centro e pelo sul chegará ao porto dos Arrecifes sem os retardos e inconvenientes da "passagem" de canoas e balsas.

— Inaugurala-e-mos breve.

— E haverá outro boi a voar?

O Conde sorriu com a alusão.

— Não. Aquilo só teve graça da outra vez. O manso boi de Melchior andava à vontade pela Mauricêa; roia a grama das ruas; dormia à sombra das árvores; entrava até nas casas... Era conhecido de tôdo mundo. Veio-me, então, a idéia da farça. Mandei anunciar que no dia da inauguração da ponte o boi de Melchior voaria. Foi um espanto e um chamariz. Ninguém deixou de ir ver o espetáculo. Fez-n boi de mentira, encheu-se de palh. aranjou-se um cordel e...

— Realmente o boi voou...

— Voou. E o vôo rendeu. Quase deu para pagar a ponte...

— O Sr. Conde é um admiravel economista — elogiou o padre.

— A pilheria não surtiria mais o mesmo efeito, nem os cofres públicos exigem êsse recurso de ressarcimento de despesas. O boi de Melchior desta vez pôde ficar socegado... Não voará mais; (CONCLUE NA PAGINA 62)

MANGARATIBA

UMA TRADIÇÃO FLUMINENSE

De ALVARO PRADO

MANGARATIBA é uma antiga vila e município do Estado do Rio de Janeiro, situada na parte norte de uma encantadora enseada no litoral do Atlântico.

O primitivo povoado teve origem numa aldeia de índios tupiniquins, situada também na enseada de Mangaratiba, num lugar denominado Ingaíba.

Devido às péssimas condições de salubridade do terreno e mesmo em virtude da insalubridade da aldeia, foi feita a transferência para um sítio nas proximidades onde se encontra atualmente.

Construíram, embora toscamente, um templo dedicado a Santa Virgem, sob a invocação de N. S. da Guia dos Navegantes.

Em volta da igreja, ergueram-se, aproximadamente, quatrocentas choupanas, cobertas de sapé que serviram de moradia aos muitos índios que preferiram o novo sítio.

A agricultura se desenvolveu animadamente. A população aumentou muito com o numeroso grupo de lavradores que procuraram se estabelecer na nova aldeia.

Passou, depois, por um período áureo. Mangaratiba era um local de exportação. Vinham do interior tropeiros conduzindo café, cana de açúcar, bananas, ouro, madeiras, etc.

Mais tarde, o inconfundível Paulo de Frontin levou até Mangaratiba um ramal da Estrada de Ferro Central do Brasil. Foi um dia de grandes festejos para comemorar a nova era de progresso.

O próprio Paulo de Frontin mandou preparar a cidade.

A Igreja de N. S. da Guia foi caiada de branco novamente. Os mangaratibenses vibraram de contentamento. Podiam, doravante, ir ao Rio de trem, diretamente. Antes tinham que tomar uma embarcação que os levava até Corôa Grande e

daí rumavam para tomar o trem de Santa Cruz.

O orago é N. S. da Guia e diocese do Rio de Janeiro. Foi criada paróquia pela provisão de 16 de janeiro de 1761.

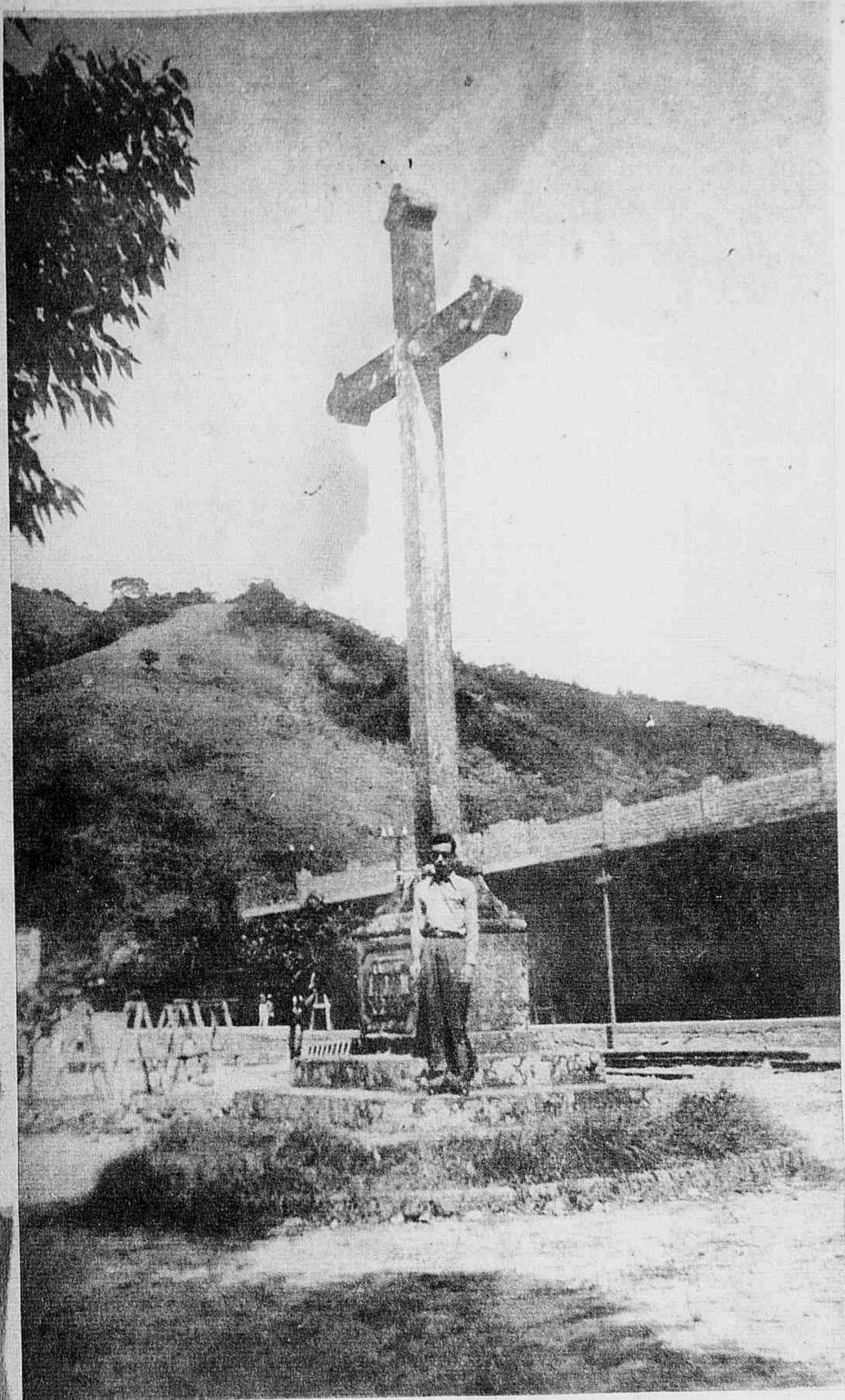
Em onze de novembro de mil oitocentos e trinta e um, foi elevada a categoria de vila. Enquanto foi freguesia, pertenceu ao termo da vila da Ilha Grande. Chegou a fazer parte de Itaguaí.

O antigo município, além da paróquia da vila, compreendia mais a N. S. da Conceição de Jacarei e Santana de Itacurussá.

Os rios que banham o município, entre outros, destacam-se o Mangaratiba, Saco, Itacurussá, São Custódio, Batatal e Praia Grande.

Os panoramas são admiráveis. Os viajantes procuram nesse belíssimo recanto do litoral sul-fluminense lugares pitorescos que podem ser visitados como Praia do Saco e Toca da Velha.





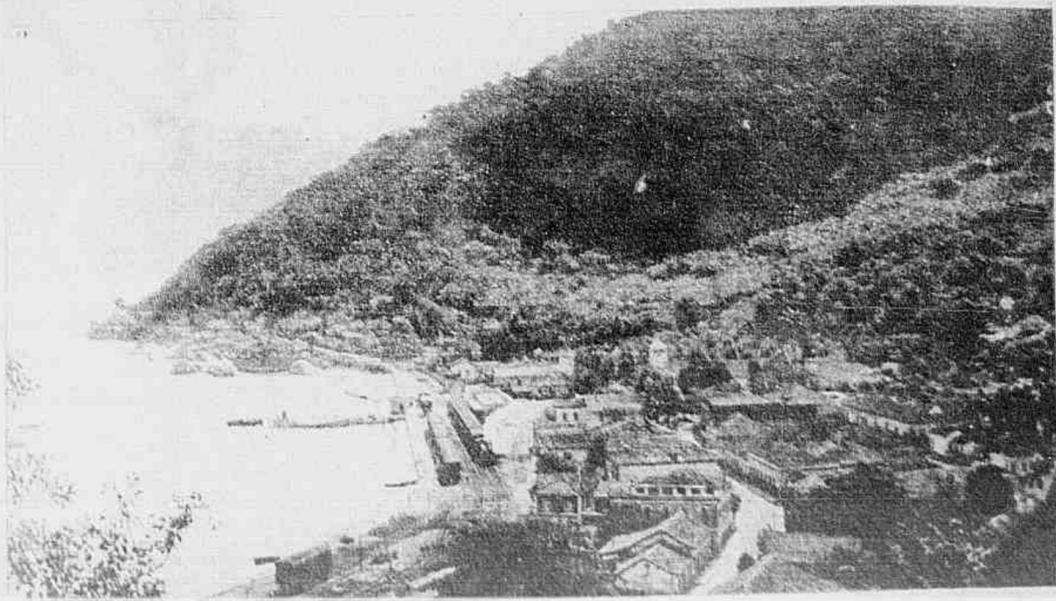
As montanhas que circundam Mangaratiba pertencem à Serra do Mar. Compreendem as Três Orelhas Tapina ou Corisco, Sai, Galdino (forma cônica e bizarra), Pico de Marambaia, onde se encontra a célebre Pedra de Gaia e a Serra de São João Marcos.

A baía de Mangaratiba é de uma beleza extraordinária.

Tem cerca de uma milha de largura na entrada e de duas no fundo. Está quase a N. O. 4 N. do Morro de Marambaia.

Penetrando-se na baía destaca-se logo, ao fundo, a cidade.

Encontra-se um rochedo que fica a uma milha e meia da ponta sul da ilha de Guaíba. Está junto à flor d'água e é muito perigoso à navegação em tempo escuro.



Carioca

EMPRESA A NOITE

Diretor da Empresa — JOAQUIM THOMAZ

PUBLICA-SE AOS SÁBADOS

Redação, Administração e Oficinas
Praça Mauá, 7, 5.º andar — Telefone 23-1910

Diretor — HEITOR MONIZ

Gerente — OCTAVIO LIMA

Diretor-substituto — A. VIEIRA DE MELO

Número avulso:

CAPITAL	Cr\$ 1.20
ESTADOS	Cr\$ 1.50

ASSINATURAS

PARA O BRASIL, PAISES DAS AMÉRICAS,
ESPANHA, PORTUGAL E COLÔNIAS

1 ano	Cr\$ 55,00
6 meses	Cr\$ 30,00

A praia de banhos fica ao lado da estação. É boa e muito frequentada pelos moradores e excursionistas cariocas.

Fronteira à estação está a ponte de atracação das lanchas que ligam Mangaratiba a Angra dos Reis, Parati, Ilha Grande e povoados do litoral.

Essas embarcações além de conduzirem dezenas de passageiros, levam também muitas mercadorias procedentes do Rio para as localidades citadas acima.

Os trechos compreendidos entre Mangaratiba e Angra dos Reis e Ilha Grande encerram panoramas deslumbrantes que não cansam os olhos do viajante.

O trem procedente do Rio, desde Corôa Grande vem acompanhando, bem de perto, o mar. É um passeio recomendado para um bom fim de semana.

Em Mangaratiba, encontra-se um bom hotel, restaurantes, bom comércio, muita

(CONCLUE NA PÁGINA 60)

Moças e senhoras "chics"



A "Depilina Sarah" destrói os cabelos supérfluos em qualquer parte do corpo que se deseje. Maravilhoso invento norte-americano de fácil aplicação. Faça seu pedido a F. S. NEVES — Caixa Postal 2398 — Rio de Janeiro. Cr\$ 20,00 em valor declarado ou pelo Serviço de Rembolso Postal. À venda nas Perfumarias, Drogarias e Farmácias do Brasil.

PERSONALIDADE

Lola Kneip de Melo

ERA o que ela possuía de mais bonito quando ria, mais que sua boca, riam seus olhos esplendidos, franzindo-se nos cantos, de um modo infantil e todo seu, obrigando a pessoa que a estivesse fitando a chegar à conclusão de que ela não era, de fato, uma linda mulher, porém, verdadeiramente, uma sedutora mulher.

Maria Clara sabia disso. E sabia também que tinha personalidade e inteligência, armas que manejava com rara finura.

Suas amigas, espantadas e maldosas, jamais chegavam a um acôrdo sobre o fato de ter ela, com tão poucos encantos, chegado a conquistar inteiramente o coração do elegante, rico e bonito Jorge de Castro que, a todos êsses predicados, cada um, em separado, valendo como um infalível "Abre-te Sézamo" para os corações femininos, juntava ainda o de ser demasiadamente amigo de breves e deliciosos romances, como contava, sem a mínima discução, a pequena e ultra granfina Júlia Barcelos.

— O Jorge, ah! vocês nem imaginam... Para êle, o prazer da vida está em beijar por dia três diferentes bocas femininas e no fim do mês nem pensar mais em nenhuma de suas possuidoras... O Jorge é assim. Não tem coração.

E juntava, mais baixinho:

— Não que eu diga isso por experiência mas, sabem, os outros falam...

Os que a ouviam riam-se à socapa, pois não fôra mistério para ninguém sua aguda paixão pelo rapaz, alguns meses antes. Amigos, apenas, agora, ela não conseguia esconder, no entanto, que ainda o amava. Sua rodinha de amigos saboreava, pois, de antemão, a encrenca que iria surgir, de um momento para outro, agora que era do conhecimento de todos a paixão simultânea que ligava Jorge de Castro a Maria Clara.

Como expectadores de uma luta que não se demoraria à realizar, esperavam com um prazer refinado e perverso o desenrolar da mesma, na expectativa do vencido e do vencedor. Porque Júlia não era mulher que ficasse quieta, sabendo, iniludivelmente, que aquele amor de Jorge iria durar mais que todos os outros e que Maria Clara lhe iria ganhar, mais do que ela o conseguira, um sentimento verdadeiro.

Um ódio sem limites entrou-lhe no coração. Lágrimas quentes como um cáustico lhe queimaram os olhos, quando os viu juntos pela primeira vez e notou em seus olhos, a mútua adoração. Aquilo era mais do que ela poderia suportar. Muito — mais. Enquanto o soubera mudando de amôres com a tranqüila inconsciência com que um menino troca de brinquedo, não se importava. Ele não se prenderia a nenhuma. Seu coração continuaria como até então — altivo, vazio, frio e indiferente. Com uma probabilidade em cem — embora!, de que ela, própria, Júlia, o conseguisse para si, um dia.

Mas agora... o caso era diferente, presentia-o seu agudo senso de mulhre apaixonada. A inquietação possuiu-a e o ciúme mordeu-a no âmago do ser com seus frios dentes perversos.

Seu raciocínio procurou em vão um meio de separa-los. Como? A sua ância infinita

de vê-lo para sempre longe da outra, juntava-se o medo de perdê-lo, irremediavelmente, se êle descobrisse qualquer pequenina trama de sua parte para desuni-los. Como odiou Maria Clara! Como odiou seu rosto sem beleza, que os homens qualificaram estupidamente de "rosto espiritual", a sua silhueta vulgar, as suas mãos comuns, sua alta testa mais sugerindo intelectualidade do que sonhos amorosos, como odiou-a tôda, todinha, da cabeça à ponta dos pés, num desejo de esmigalha-la, entre seus dedos, para sempre, para todo o sempre!

A certeza dêsse ódio teve-a Maria Clara naquela mesma noite, quando dansava no Cassino com Jorge, ao som de deliciosa música, tocada por uma orquestra de negros.

Seu rosto repousava no ombro do rapaz e ela tôda deixava-se levar no enlevo da dança, a alma escapando para uma esfera de pura felicidade. Jorge! Como o amava! Como gostava de sentir o cheiro bom de seu corpo sadio, de sua pele requeimada, de seus cabelos revoltos como os de um menino, que nem um pote inteiro de brilhantina conseguiria jamais domar inteiramente, sempre caindo em engraçadas mechas sobre a testa! Como o queria, como o adorava! Fechou os olhos, tonta por tamanha felicidade, mas abriu-os quase no mesmo instante, instintivamente, como se uma coisa qualquer a forçasse aquele gesto. O seu sexto sentido! Sentada em uma pequena mesa, agora bem defronte a êles, Júlia fitava-a com o rosto contraído de rancor, um gesto máu na boca bem pintada. Tentou imediatamente mudar de fisionomia, ao ver cravado em si o olhar da outra, mas não o fez bastante ligeiro para que Maria Clara não o percebesse. Ela encolheu-se mais de encontro a Jorge e de repente suas mãos ficaram tão frias que o rapaz se alarmou.

— Maria Clara! O que ha?

Ela tentou sorrir:

— Nada. Porque?

— Voce estremeceu tão violentamente! E suas mãos esfriaram tanto!

Sua voz traía uma inquietação sincera.

— Está sentindo alguma coisa, meu bem? Quer sentar-se?

— Não, não estou sentindo nada... Mas vamos para a mesa, sim?

Sentaram-se. Durante um momento, a moça ficou brincando com o copo de bebida. Parecia distraída e alheia ao ambiente. De repente, com modo decidido, interpretou Jorge:

— Jorge, você ainda gosta de Júlia?

O riso do rapaz ecoou claro e feliz.

— Tolinha! Ora essa! Quem botou isso na sua cabeça?

A expressão de ciedade dos olhos de Maria Clara surpreendeu-o. Bateu de leve sobre suas mãos.

— Não contei tudo a você? Já não disse que o que houve entre nós não passou de um "flirt" sem consequências? Porque essa pergunta, agora? Por que?

Na testa de Maria Clara não se alisaram

as pequeninas rugas de apreensão. Olhou de um modo implorativo para o rapaz.

— Perdoe, querido, não é desconfiança. Sei que sou tolo, pensando, ainda nessas coisas. Mas Júlia me olhou de tal modo... Parecia querer me fulminar.

A rizada de Jorge vibrou de novo.

— E você tem medo dela, acaso? Júlia não passa de uma pequena tola e inofensiva, pode crer.

— A moça meneou a cabeça, incrédula.

— Não sei, talvez... Mas, se não fosse a confiança que tenho em você, crelo que chegaria a ter medo. Ela ainda o quer, Jorge, seja por capricho ou por qualquer outro motivo. E odeia-me. Odeia-me.

Por mais assombro que isso parecesse às suas relações, Maria Clara e Jorge casaram-se.

Casaram-se, numa tarde fresca e bonita de abril, uma tarde que parecia um convite direto ao sonho e ao amor. Na pequena igreja, as pessoas se acotovelaram, numa curiosidade justificável. Queriam mais uma vez fitar bem de perto a noiva, para ver se por fim descobriam nela aquilo, aquela coisa que não conseguiam definir e que amarrara para sempre o belo, selvagem e querido Jorge de Castro.

Quando começaram a encher o ar notas melodiosas da Marcha Nupcial, surgiu na porta Maria Clara, alta, esguia, flexível, tôda envolta num lindo véu de rendas antigas. Seu traje de uma simplicidade absoluta e prendera apenas uma flôr nos seus cabelos, segurando o longo véu.

Caminhava calma e suavemente, de braço com o padrinho. Era uma figurinha chocante, muito branca, quase sem pintura, uma serenidade perfeita no rosto de contornos comuns, que não chamava a atenção de ninguém. Mas chamavam-na seus olhos, naquele momento. Pela primeira vez, notavam como ela os possuía bonitos. Azues, quase verdes, grandes e luminosos, pareciam uns lindos e assombrosos olhos de criança, no limiar de alguma emocionante aventura. Eram uns olhos incomuns, aqueles.

O noivo arrancou da multidão feminina um murmurio de admiração. O belo Jorge de Castro trazia estampada em seu rosto uma felicidade tão grande, que era quase um insulto e um desafio. Marchou sereno e firme, como um conquistador. Parecia um gigante, que ia fechar o mundo inteiro na palma de sua mão.

As mulheres alongavam o pescoço, não querendo perder nada do espetáculo. Principalmente porque Júlia ali estava. Para aquela sociedade de "blasés", o mexerico era como um tempêro forte, condimentando a monotonia de suas vidas sem objetivos.

Chegados os noivos diante do altar, o sacerdote começou a cerimônia: Podia ouvir-se, excetuando-se a voz do padre, o bater de uma aza de borboleta, tamanho silêncio se fizera.

Quando Maria Clara disse "sim", notou-se em sua voz uma vibrante emoção. E Jorge, ao pronunciar a pequena palavra que o uniria a ela para sempre, parecia dizer, com arrogante petulância, "Sim, estamos casados. E que querem vocês?"

Terminado o ato, começaram a receber os cumprimentos. Muitas bocas femininas beijaram o rosto de Maria Clara. Numa

(CONCLUE NA PAGINA 62)

OS cabelos brancos, assegurava Balzac, adornam as últimas paisagens... Mas ninguém pode afirmar que as últimas paixões não sejam as mais caras, e também, as mais nobres e perduráveis. "Juan Tenório devia ter muitos fios de prata", declarava o novelista Edouard Zamacois. Mas não devemos esquecer que o escrito, embora jovem, tinha a cabeça totalmente nevada, e que cultivava os cabelos brancos com evidente coqueteria.

Pode-se filosofar muito acerca dos cabelos brancos e até encontrar-lhes desculpas, explicações e mesmo justificativas. Porém, estejam ou não em voga, o certo é que constituem um dos motivos de preocupação e até de desespero da mulher. E também do homem.

A fisiologia não engana. E a descolo-

nuar o tom muito pronunciado das cabeleiras ruivas, as damas da cidade dos canais empapavam as cabeleiras e as expunham longo tempo à ação do ar e do sol. Numa palavra: contradetinhavam a defesa natural do cabelo, cuja oleosidade, além de conservar a cor e o brilho, põe-nos a salvo dos agentes exteriores cuja influência mencionamos.

Os homens encanecem antes que as mulheres, também por esta mesma razão. Molham a cabeça com maior frequência, utilizando, juntamente com a água natural, loções que sempre são alcalinas ou alcoolizadas. Além do mais, nas mulheres, quando os cabelos brancos começam a aparecer, é em forma dispersa. Ficam como que perdidos entre a massa dos cabelos. Ao contrário, no homem, ocupam zonas ou massas compactas.

É suficiente observar-se, os cabelos

mento empregado pelos criadores, com o fito de aumentar as manchas brancas nas crinas da testa dos cabelos de raça.

Que fazer então?

Primeiramente, se deveria prevenir a aparição prematura dos cabelos brancos, se é que fosse possível, pois só o é quanto aos fatores exteriores. Portanto, quando começam a aparecer, deve-se seguir o caminho que seja indicado pelo estado de espírito de cada qual. Se se tem ânimo e a todo transe não se quer aparecer com mais idade do que se tem; se não se possui um espírito suficientemente forte para demonstrar juventude não obstante os cabelos brancos, pode-se recorrer ao específico que mais convenha e ocultá-los. Se, ao contrário, se pensa como Zamacois, é deixar-se, pois, os cabelos brancos em liberdade e não se preocupar com o seu aparecimento, e a sua invasão. Porque, afinal de contas,

OS PRIMEIROS CABELOS BRANCOS

Por JOSÉ LUIS ABREU

ração dos cabelos importa num sintoma inquietante. Assinala alguma coisa. E embora não se envelheça realmente, ninguém quer parecer velho prematuro.

O encanecimento, assim como a queda do cabelo, pode ser hereditário. Também pode ser provocado por dores de cabeça, enxaquecas, nevralgias e hemicranias. Os transtornos fisiológicos, as excessivas fadigas, e as muitas preocupações contribuem para o encanecimento. A coloração e a própria vida de nosso cabelo depende do funcionamento de nosso organismo.

A descoloração do cabelo começa pelas pontas, embora haja numerosos casos em que seja a base que primeiro embranquece, já que a matéria colorante cessa de produzir-se na raiz.

O procedimento, empregado pelas antigas venezianas para descolorar os cabelos nos dá, sem entrar em detalhes, a chave do encanecimento prematuro. Para ate-

brancos na cabeça de um homem relativamente jovem. Pode-se verificar então que aparecem primeiro e com abundância na região das têmporas, ou sobre a fronte. Efetivamente, nos lugares em que é mais frequente a ação da água e onde, além do mais, o cabeleireiro os deixa mais curtos. Os cabelos destas partes ficam desprovidos da substância oleosa protetora contra a humidade e os agentes exteriores.

É uma crença popular que, por cada cabelo branco que se arranca, nascem mil. Desta vez o vulgo tem razão, como de tantas outras. Ao serem arrancados os cabelos brancos, produz-se a conseguinte irritação e se anulam as diminutas glândulas que segregam a substância sebacea defensiva. Em consequência, os cabelos que nascem depois são fracos e descolorados. E, se não fosse uma irreverência, se poderia recordar o procedi-

assim como, com a cabeça inteiramente podemos demonstrar um espírito, também com a cabeça enegrecida a casa de um corvo, se temos um espírito retraído e melancólico, não poderemos dissimular a prematura velhice.

Esta é a única verdade: o que prima e o que se impõe é o espírito, e este não tem idade. Quando existe um espírito jovem, nada mais tem importância.

**LEIAM
"SÍNTESE"**

MMARTINS Pena tinha trinta e três anos quando deixou de existir. Morreu, pode-se dizer, em meio da existência. Sua vida foi curta e fulgurante como a de Castro Alves, Junqueira Freire e Alvares de Azevedo. A tuberculose minou o seu organismo, e seu cérebro cessou de funcionar em pleno vigor de sua capacidade criadora.

A medida que o tempo decorre melhor se compreende a obra de Martins Pena. Com seus dramas e comédias, ele magnificamente conquistou um dos mais altos lugares nas letras brasileiras, e pode ser considerado, com toda justiça, o inaugurador, entre nós, do teatro de costume.

O teatro brasileiro firmouse com Martins Pena. Martins Pena está para o nosso teatro assim como Gonçalves

vam com a realidade aparente e o espírito da época.

A emancipação política do Brasil coincidiu com a sua emancipação cultural, ou melhor, a sua emancipação cultural estava na dependência de seu próprio desenvolvimento econômico que deveria determinar a sua emancipação política. A literatura brasileira perdeu assim o seu caráter colonial. Em todos os ramos da atividade intelectual, houve uma poderosa expansão que firmou uma literatura vigorosa e original, completamente liberta das influências restringidoras.

Martins Pena, ao morrer, deixou uma obra demasiadamente grande para quem viveu tão pouco. Escreveu 19 comédias, oito dramas fora os trabalhos de crítica no "Jornal do Comércio" e um romance histórico sobre Duquay-Trouin. Mas a parte

Silvio Romero sobre o teatro de Martins Pena: "O escritor fotografa o seu meio com uma espontaneidade de pasmar, e essa espontaneidade, essa facilidade, quase inconsciente e orgânica, é o maior elogio de seu talento. Se se perdessem todas as leis, escritos, memórias da história brasileira dos primeiros cinquenta anos deste século XIX, que está a findar, e nos ficasse somente as comédias de Pena, era possível reconstruir por elas a fisionomia moral de toda essa época."

Luiz Carlos Martins Pena nasceu a 5 de novembro no Rio de Janeiro. Muito cedo perdeu os pais e foi entregue ao avô, depois a um tio materno, que se incumbiram, como tutores, de sua educação. Inicialmente dirigiram o rapaz para a vida comercial. Mal terminou o curso

Cônsulado do Rio de Janeiro. Em abril de 1843, foi removido para a Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros. Recorrera para viver ao funcionalismo público, já que as letras não dariam o necessário para matar a fome, e sua carreira era lenta e sem brilho. Finalmente, em 1847, seguiu para a Europa como adido de primeira classe à Legação brasileira em Londres. Neste posto, conservou-se até fins do ano seguinte. Mas, vítima da tuberculose e verificando que seu estado de saúde se agravava de dia para dia, dispôs-se a regressar ao Brasil, partindo para Lisboa. Mas era tarde de mais. Ali faleceu a 7 de dezembro de 1848.

A obra de Martins Pena não foi ainda devidamente estudada. Quem se interessa por teatro conhece o Juiz de Paz da Roça, O Judas em

MARTINS PENA

EDMUNDO MONIZ

Dias para a poesia e José de Alencar para o romance. Antes dele, houve teatrólogos de mérito, não se devendo esquecer a obra de Antônio José. Mas, indiscutivelmente, foi no século XIX, após a vinda de D. João VI para o Brasil e a independência do país, que se firmou uma literatura caracteristicamente nacional de acordo com as tendências, os sentimentos e as idéias de nosso povo. Antes disso, a literatura feita no Brasil tinha uma feição colonial, sujeita totalmente à cultura européia, sem independência e sem vida própria. A inteligência permanecia de asas cortadas sem poder alcançar largos vôos nas esferas das criações artísticas. Presa às velhas fórmulas, tornara-se anacrônica, pois se utilizavam, nas letras, de métodos obsoletos que se choca-

teatral da obra de Martins Pena tem, sem dúvida, a primazia, e o comediógrafo está acima do dramaturgo.

Martins Pena não possuía, certamente, um temperamento filosófico. Não procurava explicar a sociedade e os homens. Limitava-se apenas a retratar o que via de um modo impessoal, permanecendo inteiramente fora de sua própria obra. Não se encarnou em nenhum de seus personagens tal como aconteceu com os grandes mestres do teatro, Shakespeare, Molière e o próprio Ibsen. Martins Pena, espírito sadio, alegre, brincalhão, sem querer doutrinar, mas tendo uma notável aptidão para observar o ridículo, criou, despreocupadamente, um pequeno mundo onde se encontra uma galeria admirável de tipos humanos. Importante é a observação de

primário, foi matriculado, em março de 1832, na escola de comércio. Martins Pena, porém, logo demonstrou as suas inclinações para as letras e as artes. Não nasceu para a carreira mercantil e só a seguiu por imposição de seu tio. Mas assim que pôde, começou a estudar música e canto para os quais mostrou algum talento, e frequentou durante algum tempo as aulas da Academia de Belas Artes, tendo se familiarizado com a arquitetura, pintura e escultura. Pouco a pouco, adquirindo independência e libertando-se da influência familiar, entregou-se ao estudo da literatura e das línguas inglesa, francesa e italiana que julgou indispensável conhecê-las profundamente a fim de completar a sua educação artística. Em setembro de 1838, conseguiu ser nomeado amanuense da Mesa do

sábado de Aleluia, Quem quer casar, quer casa, O Noivo e algumas outras de suas comédias. Mas o importante não é conhecer esta ou aquela peça de Martins Pena, e sim o conjunto de sua obra. Apesar de viver em plena era romântica, Martins Pena não foi propriamente um romântico. Não deixou que sua inteligência fosse sufocada pela corrente da moda. Soube manter a sua autonomia literária, dando somente expansão ao que lhe era natural. Muito de leve, o romantismo se refletiu em seus trabalhos. Observador e psicólogo, procurando retratar e compreender o seu meio e sua época, Martins Pena fez de sua obra um dos documentários mais importantes para os que procurarem estudar a vida e os costumes brasileiros no meado do século XIX.

ERA TARDE, JÁ...

Conto de NAZE REGO NEVES

QUANDO as últimas amigas que vieram trazer-lhe um pouco de consolo e ampará-la no transe por que estava passando, retiraram-se, Luiza ficou-se pensativa, contemplando o último retrato que Rubens lhe enviara, tirado momentos antes de embarcar para a Itália. Ele sorria orgulhoso, no uniforme de oficial e os botões da farda brilhavam tanto quanto os olhos que sabiam ser tão ternos quando a fitavam. A carta que acompanhava a fotografia estava caída no chão, meio amarrotada. Fôra escrita antes do desastre que o roubara à vida e, como em tôdas as cartas anteriores, Rubens só lhe falava do seu grande amor e da saudade enorme que sentia por estar tão longe dela. Nenhuma palavra, entretanto, nenhuma alusão à guerra cruei que o afastara por tempo indeterminado, de tudo o que lhe era querido. Somente frases de amor, ardentes e apaixonadas, cheias de ternura, terminando, por fim, nas clássicas palavras que êle usava sempre para se despedir:

"Vou dormir agora, querida, para ter-te comigo nos meus sonhos; por isso termino, repetindo mil vezes que te amo..."

Não havia uma só lágrima nos olhos de Luiza. Não que ela não desejasse chorar. Alguma coisa, porém, mais forte que

a sua própria dôr, impedia-a de fazê-lo. Ah! seria tão bom se pudesse aliviar o coração do peso enorme que o esmagava e sentir as lágrimas rolaem pelas faces, escorrendo dos olhos que estavam tão secos, tão enxutos! — Rubens, Rubens perdoa-me se eu nunca soube amar-te como merecias. Nunca saberá, é verdade, o que pretendia dizer-te na carta que escrevi e não cheguei a enviar-te, mas perdoa as palavras amargas e verdadeiras que ela encerrava. Foi o destino, quem sabe, que não quis que a recebesses. Foi melhor assim, Rubens. Se tudo teria de suceder fatalmente, se tão cedo a morte viria buscar-te, foi melhor mesmo que nunca te chegasse às mãos. Ela era o fim de tudo, o fim do nosso amor, do nosso compromisso. Continuo sendo para ti, Rubens, o mesmo que fui ontem; partiste para sempre levando no coração a certeza de meu amor. Deus quis que assim fôsse...

Luizia desviou os olhos do retrato e apanhou a carta que estava jogada no chão e leu-a uma vez mais. Seria verdade mesmo tudo o que os jornais diziam? Sim, ela sabia que era. Os jornais não mentem, como também não mentem os comunicados de guerra vindos das frentes de combate. E além disso, a notícia era tão clara, tão explícita: Perdeu a vida

em combate o bravo e valoroso oficial Rubens Reis.

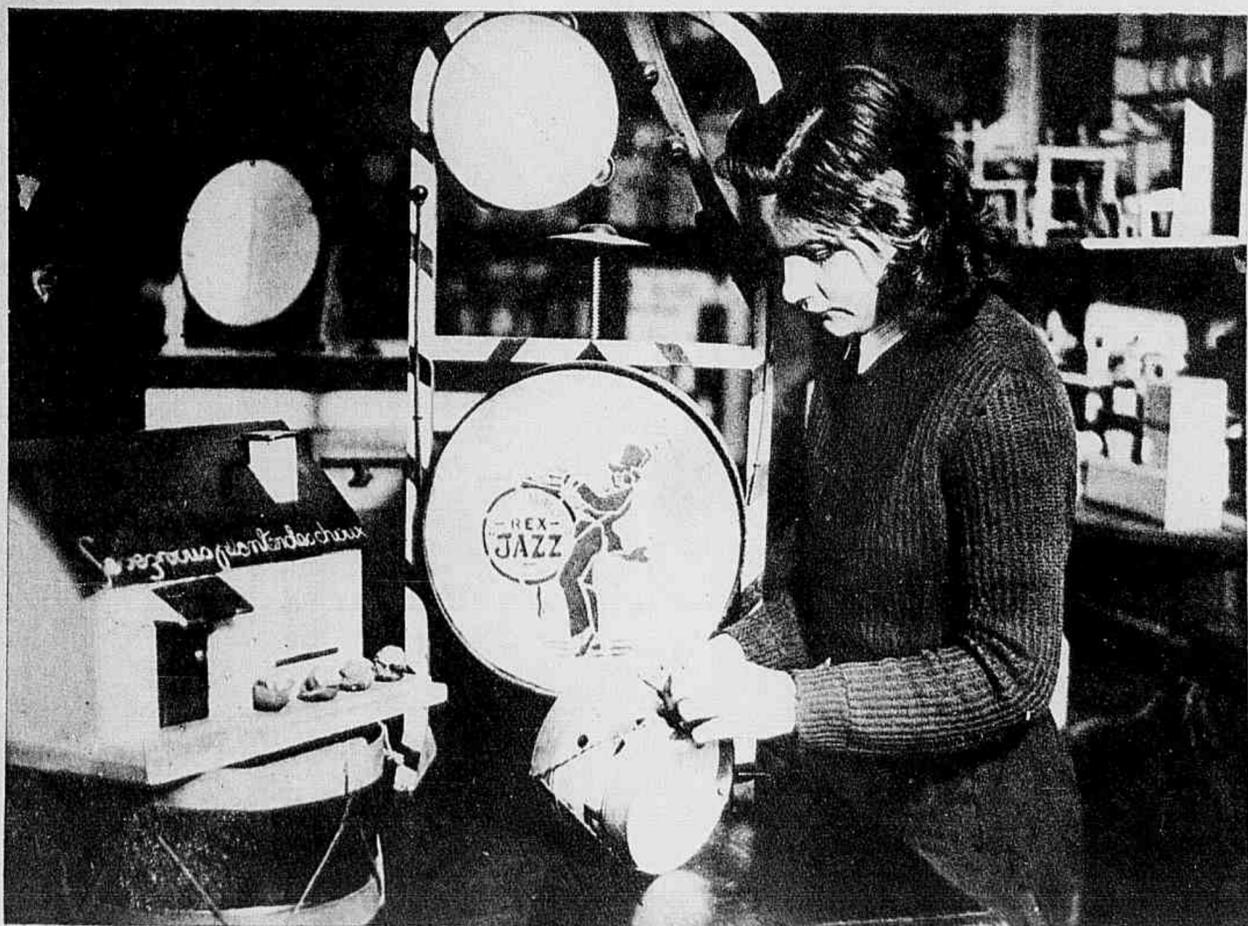
Rubens continuava a sorrir-lhe, dali do retrato, e sorrir-lhe-ia sempre mesmo quando o retrato ficasse desbotado pelo tempo porque era tão claro e luminoso o seu sorriso! O quarto estava já imerso na penumbra. Luiza levantou-se vagarosamente indo recostar-se à janela. A tarde estava cinzenta e triste. Fazia frio. Lembrou-se dum trecho de uma carta de Rubens e repetiu-o como se recitasse:

"Luiza, hoje mais do que nunca precisava de ti ao meu lado, só para dizer-te um pouco do que vou pensando da neve branca, insistente, caindo; do dia opaco, côr de cinza e, sobretudo, para conversar um pouco sobre nós... Que bom se eternamente pudessemos olhar os lírios do campo! Aspirar o aroma embriagador das flores! Contemplar, amar a Natureza, desde o sorriso meigo das crianças à mais pequenina, singela flor! Deixar-se enlevar pelos mistérios ainda insondáveis da terra e esquecer-se que em nossos dias há ainda dôr, miséria, injustiça — somente para ser feliz um instante!

Pela janela entreaberta olhou para um ponto distante do céu. Porque aquela nuvem escura e longínqua a fazia pensar no sorriso claro de Rubens e no modo particular que êle costumava ter quando sorria para ela? Não sabia por que. Tudo hoje, até as pequeninas coisas, lembravam-lhe Rubens. Recordou-se do período curto de seu noivado, logo interrompido pela guerra e, agora, terminado bruscamente pela morte. Ah! a guerra era, no final de tudo, a única causadora do desastre. Havia de odiá-la sempre, a essa ceifadora de vidas.

Permaneceu muito tempo, recostada à janela, contemplando a solidão do jardim, envolvendo-o de sombras, nem por isso êle ficou totalmente escuro porque em cada sombra brilhava o sorriso luminoso de Rubens.

Êle amou-a sempre, isso Luiza tinha certeza. As cartas que recebia de Rubens eram verdadeiros juramentos de amor. Ela, porém, não o tinha amado, até então. Gostava dêle como gostava de qualquer um dos seus irmãos. Tinha-lhe afeição de irmã... Mas, agora, que se lembrava dêle, sozinha no silêncio do quarto e ante o infinito do céu escuro e sem estrelas, sentia que começava a amá-lo como nunca o fizera até então. Ah! o sorriso de Rubens! Os seus olhos que brilhavam tanto quanto os botões dourados do seu uniforme de gala... Eram tão ternos, tão suaves, encerrando nêles todo o negror das noites sem estrelas. Mas era já tarde. Uma barreira invisível interpusera-se entre os dois: a morte. Era tarde, já...



Nas proximidades do Natal, trabalhava-se com ardor, em França, nas fábricas de brinquedos. Conseguirão as crianças francesas esquecer os horrores da guerra? (Foto do Serviço Francês de Informações, especial para CARIOCA)

Eutanásia

Conto de DIDI NASCIMENTO FONSECA

CHOVIA há quinze intermináveis dias; Lúcia sentia enlouquecer. Seu nervos todos estavam à flor da pele. Vinha suportando aquela vida, sem um queixume, sem uma lágrima, mas, agora, suas forças estavam todas esgotadas. Não suportava mais! Deixara a cidade cheia de sonhos e esperanças, abandonara a comodidade de seu lar, a convivência dos seus, e ali estava, entre quatro paredes de madeira, sofrendo aquele calor depauperante, dormindo em camas duras, envelhecendo. O reflexo do lampeão sobre o espelho, mostrava-lhe uma figura de mulher desiludida, desesperada, sem trato; seu cabelo, outrora crespo, encaracolado, lindo, trazia agora amarrado à nuca, numa maneira mais prática e preguiçosa. Seus movimentos eram lentos, frios, para mover um braço, parecia que precisava de momentos de reflexão. A chuva, o cantar triste e sempre igual dos seringueiros, o calor abafante, Augusto (sempre cheirando a aguardente para afugentar a malária) tudo lhe parecia um sonho mau, que não era ela quem estava vivendo. O apito cansado, igual, do vaporzinho, despertou-o. Augusto gemia, no outro quarto. Logo mais, o médico chegaria; o vaporzinho apitou de novo, agora, porém, mais alegre. Teria, afinal, com quem conversar, trocar idéias, esquecer um pouco de si mesma. Sim, o Amazonas era grandioso, belo, majestoso, mas não para enterrar lá, uma vida jovem e esperançosa — Como seria este médico? — Pior que fosse, seria melhor que ficar ali, horas e horas à fio, a conversar sozinha, às vezes em voz alta, como louca, outras vezes com o próprio espelho, um espelho velho, riscado, triste, como tudo que a rodeava. Augusto gemeu “água... água...” e Lúcia passou a mão pela testa, tirando um fio de cabelo imaginário, ou afugentando seu próprio pensamento. Ela e o marido não eram mais os mesmos que ali chegaram. O cansaço, a rotina, o desânimo, afetara o próprio amor, que ela um dia julgara capaz de suportar tudo. Era verdade que ali estavam, porque Augusto queria dar-lhe um futuro de garantia, de paz, mas já se passavam quatro longos anos, e ela agora via que o marido era fraco, incapaz de vencer, sem qualidades, enfim. E sentia pena, lástima, de seu pobre amor, que assim ia morrendo sem que ela pudesse fazer algo para retê-lo. Mas, agora tudo lhe era odioso, tudo, até o próprio contacto do marido. A porta abriu de mansinho, e um jovem alto, simpático, entrou, tirando as galochas e a capa de chuva. Sem cerimônia, alegre, como se estivesse chegando para uma festa. Lúcia veio do quarto; num resto de coquetrie, passou, mecanicamente, o arminho de pó, no rosto, e o pente, rapidamente, no cabelo. O médico fitou-a; e teve vergonha de sentir naquele momento, um acelerar de sentimentos. Tinha vindo ver um doente. Era um médico...

— O Sr. é o Dr., não?
— Sim, minha Sra. As suas ordens. E' algum parente seu que está doente.
— Meu marido. Ali... naquele quarto. Entre. As palavras, como os gestos, pesavam-lhe. O Dr. entrou e Lúcia ficou ali, a se embalar naquela cadeira. O vai e vem da cadeira já lhe era familiar. Muitas vezes parecia estar a repetir seu pensamento, como a chuva, como o apito do vapor. O Dr. entrou na sala; sua expressão era apreensiva, mas suas palavras foram alegres:
— Faz calor, não Lúcia? — Já sei que teu nome é Lúcia!

— O Sr. é o doutor...
— Mário. E tire o doutor, pois penso que temos que viver como em família por muitos dias. — E mudando de tom — Lúcia, sê corajosa. Vou ter que ser rude contigo, mas como te vejo sozinha e sem ter com quem contar, é necessário que sejamos francos. O caso de teu marido é gravíssimo. Cancer no estômago, sem esperanças de operação, pois o coração está fraquíssimo. O que lhe tens dado como tratamento?

Lúcia ouviu tudo, impassível; parecia-lhe que agora, morte ou vida pouco lhe importava. Respondeu:

— No começo da doença, tratei com quinino; parecia malária. Ultimamente, ele sofria dores atrozes (pareceu-lhe estar falando de um ente estranho) e tenho lhe aplicado, muito a miude, injeções de morfina. E' a única maneira de vê-lo mais calmo.

Chamaram-me em tempo. O abuso da morfina ajudaria a enfraquecer o coração, já estragado pelo álcool. Mais algumas aplicações, e talvez ele não resistisse. Mas não tens culpa, Lúcia; acalma-te... não chores assim:

Lúcia chorava agora. Chorava muito. Seu corpo todo estremecia em soluços. Mas não sabia bem porque chorava. Eram as lágrimas guardadas todos aqueles anos. Dor? Saudade? Desespero? E sentiu-se cretina, baixa, vulgar, ao sentir que a palavra “liberdade” martelava no seu cérebro. Como se respondesse ao seu pensamento, Mário falou:

— Lúcia. Sê forte. “Ainda há esperanças”...

Esperança. — Mas, era o que ela sentia... Esperança de liberdade, de poder gozar ainda a vida, viver a vida. Esperança... Esperança... E sentiu calor, conforto, prazer mesmo, em sentir, a ampará-la, dois braços másculos e carinhosos. Recuou envergonhada. Mário podia sentir a vulgaridade de sua fraqueza. Foi ver o doente. Augusto dormia. Procurou ver naquelas feições desfiguradas, o homem que havia amado. Procurou ser boa. Sim, ela queria ser boa. E chorou novamente, agora baixinho, para despertar o doente. Chorou de pena e vergonha. Amanheceu o dia. Lúcia arrumou para o médico uma cama na sala. Ela dormiria no sofá, junto ao marido.

— Bom dia, Lúcia. Como passou nosso doente

— Mais calmo, hoje. (Procurou fugir ao olhar do médico).

Lá fora a chuva continuava, irritante, indiferente. E a chuva, como se lhe agradasse, foi a cúmplice de tudo o que então se passou. O Dr. Mário avisou a Companhia que precisava ficar. O caso de Augusto era gravíssimo. E, devido ao mau tempo, os dois passaram ali, horas, dias, sempre juntos, sempre juntos. Augusto piorava. Lúcia sentia-se mais feliz. Ela e Mário conversavam muito. Tinham muito em comum. Mas, ambos procuravam ocultar o que lhes ia no íntimo. Lúcia sentia a vida junto a si. “Vida”, palavra que ela há muito desconhecia. Mas, lutava, lutava. A comparação é sempre deprimente, e ela estava sempre a compará-los. “Mário fez a barba agora, como está bonito!” “Meus Deus. Como posso ser tão tola, pensando nestas pequeninas coisas que nada têm a ver com minha vida miserável. — Certa noite, ao se despedir para deitar, Mário segurou sua mão, segurou e ficou com ela mais tempo do que devia. Os dois se olharam, desesperados, e Lúcia não teve forças para retirar a sua. Assim os dias iam se passando. Augusto havia noites que passava em claro, gemendo. Lúcia fazia tudo por ele. Não o deixava quase, era carinhosa e paciente. Queria abafar sua consciência. Não queria pensar. Queria ser boa...

Certa noite Augusto dormia calmamente. Lúcia, impaciente, insone, levantou e foi para a sala de jantar. Lá estava a velha cadeira de balanço. A velha companheira que embalava, também, seus sonhos e desesperos.

E ali ficou, minutos, talvez, horas, quando sentiu a presença d’“Ele”.

Nada disseram. A luz do lampeão formava figuras esquisitas na parede. Os dois ali, silenciosos, pareciam almas sozinhas, abandonadas. E um sentia a necessidade do outro. E suas almas se entrelaçavam. E suas almas se desejavam insaciáveis, desesperadas.

— Lúcia...

E mais nada se ouviu. Somente a chuva, a chuva, agora alegre, festiva, companheira. E a luz do lampeão mais nada refletiu. Augusto amanheceu pior. Mário saíra cedo. Lúcia fazia tudo mecanicamente, e lutava para que seu pensamento estivesse presente. E sentia prazer na tortura de sua culpa. Suas mãos tremiam. Assustava-se ao menor ruído. E tinha pena, muita pena, de Augusto, ali, esperando a morte, quase indiferente a tudo.

— Lúcia... a dor vem vindo. Eu não suportarei!

— Tenha paciência. Ficarás bom, logo. Voltaremos para a cidade e seremos felizes, muito felizes.

— Lúcia! Como fui egoísta! — Mas eu te quero tanto, tanto! E tens sido tão boa, tão companheira, tão minha. Perdoas-me Lúcia? Perdoas-me?

— Perdoar-te, Augusto? (E chorava...) Eu... perdoar-te?

— Serás capaz, Lúcia, de fazer por mim o maior sacrifício de tua vida? — Diga que sim. Eu não suporto mais esta dor. Estou cansado, muito cansado. Sei que

(CONCLUE NA PÁGINA 63)

TISSOT MILITAR

- O Novo Relógio de Pulso



para HOMENS DE PULSO!

Os relógios-pulseira comuns não são feitos para suportar as condições adversas da vida militar. Por isso, TISSOT lançou o seu novo modelo "MILITAR", criado especialmente para as mais árduas provas. É um relógio de precisão, resistente contra choques, impermeável à poeira e à água, insensível ao calor e ao frio e anti-magnético. E mais ainda: como todo relógio Tissot, é garantido por um ano contra qualquer acidente. Se não puder ser consertado, V. S. receberá um novo relógio. Procure-o nas boas relojoarias.



TISSOT MILITAR
à prova de:
Choque • Poeira
Água • Calor • Frio e
Eletricidade

Tissot
MILITAR
DEFENDE A SUA PONTUALIDADE

OMEGA

PRODUTO DA SOCIÉTÉ SUISSE POUR L'INDUSTRIE HORLOGÈRE - GENEVRA-SUIÇA

Tissot

Carloca

NOMES QUE A HISTÓRIA GUARDOU A MARQUESA DE CHÂTELET

ENTRE as muitas figuras femininas que se destacaram no mundo literário no século XVIII, a marquesa de Chatelet ocupa um lugar privilegiado.

Sua longa amizade com Voltaire permitiu-lhe chegar sem eclipse até nós.

Não só manteve um salão, onde reunia as personalidades intelectuais da época, como muitas outras mulheres de então, como soube destacar-se por características próprias e personalíssimas sobre seus contemporâneos.

Grande dama e apaixonada por Voltaire, jamais consentiu em abandonar sua independência espiritual. Pouco faltou para que renunciasse a sua categoria de afeiçoada e se alistasse entre os profissionais da pena. Sua casa tinha mais de laboratório que de salão. Sentia maior atração pelas ciências que pelas letras. Talvez seu destino fosse outro se Voltaire não entrasse em sua vida. À sombra do grande homem, desenvolveu uma forte intelectualidade.

A vida em comum levada pelo escritor e a marquesa durante longos anos foi tormentosa. Não faltaram cenas, censuras e gritos. Mas tais tormentas eram de singular valor para os protagonistas. Levavam a variedade à sua paixão que não teria tardado a apagar-se por força da monotonia.

As cenas eram originadas tanto pela autoritária e ciumenta marquesa, como pelo apaixonado e fantástico filósofo.

Pertencia Gabriela Emilia de Breteuil, marquesa de Châtelet à uma família de toga e finanças. Nascu em Paris em 1706, recebendo esmerada educação. Singularmente dotada para o estudo das línguas, aprendeu em sua juventude o latim, o italiano, o inglês, o castelhano, mostrando também muita disposição para a metafísica, para as matemáticas e a música.

Desde menina mostrou-se apaixonada. Fisicamente, não era feia nem bonita. Mme. Crequi, sua prima, pinta-a com severos caracteres: Era um colosso na extensão da palavra, uma maravilha de força e um prodígio de inércia! Pés terríveis e mãos formidáveis. Sua pele áspera e seu aspecto de guarda suíço fazem pensar que a geometria e a álgebra deveriam modificá-la muito para que Voltaire falasse de sua beleza". Mme. de Deffand, por seu lado, escreve:

"Imaginem uma mulher grande, seca, de pele muito colorida, rosto anguloso, nariz pontagudo: é a "bela Emilia". Sente-se tão satisfeita com sua figura que nada poupa para melhorá-la. Laços, pompons, pedrarias disseminam-se por sua pessoa. Quer ser formosa a despeito da natureza

e magnífica apesar da fortuna. Para ter o superfluo, sabe privar-se do necessário, como camisas e outras bagatelas".

O juízo crítico de uma mulher é mal para outra. A paixão e a rivalidade não são boas conselheiras. Outros contemporâneos mais desinteressados, dizem de Mme. de Châtelet: "grande, esbelta, morena, um pouco angulosa, possuía grandes e brilhantes olhos sob cílios cerrados. Sua fronte ampla, inteligente, harmonizava-se com a expressão de sua fisionomia e mal notava nela um ar levemente viril".

Quando se casou, em 1725, com o marquês de Châtelet, desempenhava este o cargo de coronel no exército do rei. Enquanto o marido está na guerra, a esposa dedica-se a seus estudos favoritos. Mas logo veio a atenção da vida mundana. Não tardou em desprezar o marido, de espírito nada cultivado e pouco de acordo com o seu preparo intelectual. Esqueceu-se do marquês de Châtelet para cultivar a amizade do marquês de Guébriand. A "liaison" não prolongou-se muito devido ao aspecto absorvente e trágico dado pela marquesa a seu novo sentimento.

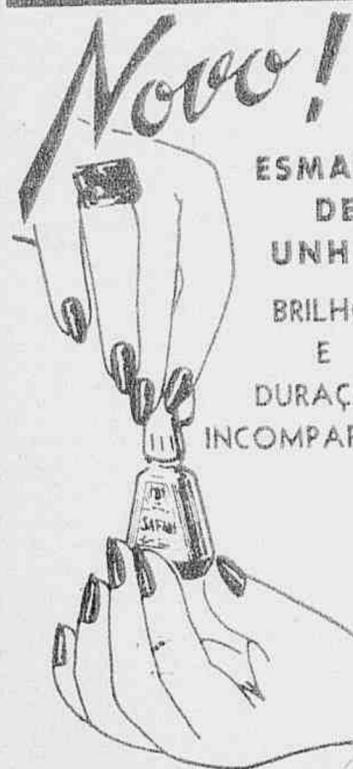
Emilia mostrou-se inconsolável com o abandono do marquês, até que Richelieu lhe estendeu os braços. Mas também não era homem para permanecer muito tempo no mesmo lugar. Mas conduziu-se com tanta gentileza que continuou sendo amigo e conselheiro da marquesa, para quem recorria ela em suas horas de angústia.

O ano de 1732 marca uma data memorável da vida da marquesa: suas relações com Voltaire. Acaba de dar "Zaire" com êxito supremo e estava livre. Interessou-se por aquela jovem inteligente e acessível. Foi bem recebido. As crônicas afirmam que a princípio procurou nela uma companhia espiritual. Não somente ela compreendeu as idéias do amigo como as discutia e muitas vezes impunha sua opinião inteligente.

Mas as "Cartas Inglesas" publicadas por Voltaire atraem perseguições. Ante o perigo de ser preso, foge. Refugia-se em Cirey, em Champagne, propriedade da marquesa. Familiariza-se com a solidão e não quer abandonar seu amável retiro. Como a "bela Emilia" não pode passar sem Voltaire, sacrifica-se e vai para junto do caprichoso filósofo. Consola-se estudando e mantendo correspondência com Richelieu. O filósofo distrae-se reconstruindo o castelo e mobiliando-o. Mme. de Châtelet instala um laboratório de física, trabalha incansavelmente e progride em ciências.

Voltaire, por seu lado, empenha-se em seu "século de Luiz XIV". De noite conversam com os amigos, pois apesar da vida laboriosa não deixam de ter sempre convidados. Quando Voltaire está de bom humor, arrasta os ouvintes em sua brilhante fantasia. Surgem também violentas brigas entre os dois.

(CONCLUIE NA PÁGINA 60)



Novo!
ESMALTE
DE
UNHAS
BRILHO
E
DURAÇÃO
INCOMPARÁVEIS

- ★ Espalha-se e seca rapidamente.
- ★ Inalterável de 10 a 20 dias.
- ★ Não resaca nem mancha as unhas.
- ★ Recomendado pelas melhores manicures.
- ★ Últimas criações em cores de New York e Hollywood.

SAFARI

Produto de Lesquendieu
New York — Rio

Distribuidor S. V. Mangual Cia. Ltda. — Rio



Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON n.º 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON n.º 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirá-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL - HORMON

Distribuidores para todo o Brasil
SOC. FARMACÊUTICA QUINTINO PINHEIRO LTDA.
Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda.
Queiram enviar-me pelo Recurso Postal
um vidro de "BEL-HORMON" n.º

NOME

RUA N.º

CIDADE ESTADO

PREÇO PARA TODO BRASIL CR\$35,00



Prepare com

COMPOSTO
DE GORDURA BOVINA
Saude

num instante

**um bolo excelente
e econômico**

Para conseguir rapidamente um bolo delicioso, empregue Composto Saude no preparo da massa. O Composto Saude apura sua con-textura, tornando-a mais fofa e crescida, fazendo com que leve muito menos tempo para assar. Lembre-se de untar a fôrma também com o Composto Saude, para retirar o bolo com mais facilidade! Outros pratos deliciosos - bolinhos, pastéis, biscoitos, etc. - são preparados com esta puríssima gordura. Peça Composto SAUDE ao seu empório.



DUPLU USO!



Empregue o Composto Saude no preparo de quaisquer massas: elas se tornarão mais fofas e crescidas!



Use sempre o Composto Saude para fritar ou untar fôrmas: verá como é mais econômico!

Fabricado por
ANDERSON, CLAYTON & CIA. LTDA.

Unicos Agentes: **FRIGORÍFICO WILSON DO BRASIL S.A.**

HORACE GRANDMOULIN

Conto de ANDRÉ ROGER

HORACE Grandmoulin, professor em N... , entrou em casa, naquêle dia de outono, pálido e trêmulo.

Perdera, mais uma vez no decorrer de sua existência, uma ocasião de se distinguir.

Chegando diante da casa em que morava, subiu lentamente a escada que levava à seu quarto. Fechando a porta, deteve-se no meiodo aposento e olhou-se no espêlho acima da chaminé.

Viu o rosto desfeito de um homem de quarenta anos, de olhos inquietos sem côr precisa, alto mas franzino, com ombros estreitos e mãos incertas pendendo de braços muito longos.

Olhou-se e sentiu piedade.

Decididamente nada tinha do herói cujo nome usava, no físico nem no moral... Era de desesperar. Desviou-se do espêlho e percorrendo o quarto com o olhar, começou a reviver, contra a vontade, a infância.

Seu avô, o velho Tessier, acabava de terminar a leitura da obra de Corneille, quando êle nascera. O bom homem não sabia qual dos dois acontecimentos o emocionara mais. Mas insistira para que o neto tivesse o nome de Horácio.

Sua filha, Emile Grandmoulin, que partilhava dos gostos literários do pai, não se opôs. Aliás, durante todo o período em que esperava o nascimento do filho, ouvira, num silêncio recolhido, os belos versos que o pai lia em voz alta, com um ardor impressionante. Só se interrompia para falar no pequeno ser que ambos criavam na imaginação, ingenuamente, quase inconsciente, à imagem do herói que os seduzia.

Depois, o velho Tessier se ocupara ardentemente da educação do neto. Morreu quando tinha doze anos, deixando-o arranjá-lo no meio de seus irmãos e irmãs, turbulentos e fortes meninos, de olhos vivos, braços musculosos e cuja imaginação cedia ao bom senso.

Horace pensava que nunca sentira a menor disposição para os jogos e trabalhos dos irmãos. Preferia os livros e o silêncio. Para os que o rodeavam, isso parecia natural. O contrário os teria surpreendido, quase decepcionado! O "velho" o tinha educado, e o "velho" era importante.

Todavia, na aparência, a criança vivia tôdo mundo, mas na realidade levava, na solidão em que se comprazia, uma existência interior extremamente fogaça, extremamente ardente.

Era muito simples: sentia-se com a alma de um herói. Esta estranha impressão, sentira-a desde os primeiros anos, antes mesmo de compreender a grandeza do nome que usava. Depois, esta necessidade de heroísmo atingiu a tais pro-

porções, que se tornava uma verdadeira obsessão. Procurava ávida e incessantemente a ocasião de o provar, não somente ao universo inteiro, porém, talvez mais ainda, a si mesmo, porque, infelizmente, ao mesmo tempo em que crescia êste nobre sentimento um outro se revelava, menos nobre mas não menos imperioso: o do medo.

Um medo tôdo físico, pensava sempre, mas enfim desconcertante, desmoralizante mesmo. Os dois estados que se desenvolviam simultaneamente nêle, com a mesma intensidade, tinham-no perturbado então e jamais cessaram de perturbá-lo. De modo estranho, pensava, as oportunidades de manifestar as tendências de heroísmo jamais lhe tinham faltado mas, de cada vez, no momento de agir, uma força misteriosa pregrava no chão, paralizava-o e, de cada vez, um outro lhe roubava a modéstia glória que lhe estendia os braços, aquela glória com que sempre sonhara, que desejava com tôda alma, e que jamais pudera alcançar.

O homem que caminhava de um lado para outro no aposento, imobilizou-se bruscamente como se, o fazendo, detivesse o curso de seus pensamentos. Depois esboçou um gesto fatigado. Lembrava-se de tantos incidentes iguais, pelo menos no que o concernia. Incidentes sem importância, de certo, para qualquer outra pessoa, e que jamais tiveram consequências, graças ao céu, até hoje!

"Até hoje", repetiu lentamente, porque hoje mesmo — estremeceu à êste pensamento, — um menino de sua própria classe, voltando da escola, se tinha aventurado por divertimento, sobre a camada de gelo muito fina que cobria o rio que atravessava a cidade.

Horace achava-se ali a alguns metros. O pequeno gritava, afundava. Com a garganta contraída pela emoção, viu-se atirando-se água e trazendo o menino são e salvo para a margem, mas foi um aluno de outra classe, um "grande", que se atirou e conseguiu salvá-lo.

Aproveitando a balbúrdia geral, eclipsara-se. Voltara acabrunhado.

Imensamente desanimado, atirara-se numa cadeira. Estremeceu quando, pela janela entreaberta, um vento gelado chegou até êle.

Desilusionado, definitivamente, sobre si mesmo, não sentia mais gosto em viver, mas aí também, teria coragem para...

O vento fez estalar um lado da janela. — Sim, disse êle, prosseguindo em seus pensamentos, terei coragem.

O dia escurecia. Em frente, acenderam uma lâmpada. Levantou-se de súbito com firmeza e se dirigiu para a porta. Na passagem, viu-se no espêlho. Na

luz atenuada, seus olhos brilhavam com uma luz nova. Deixou precipitadamente o aposento. Queria aproveitar pela primeira e última vez daquêle espírito de decisão que não conhecia.

Fôra, fazia frio. Tendo-se afastado de casa, pôs-se a correr lugar em que, definitivamente, compreendera que só era um insignificante e covarde personagem. Um tremor nervoso lhe passava pelo corpo, a medida que avançava. Mas não quis parar. Ao contrário, esforçou-se por redobrar o ritmo de sua corrida, e de repente, dentro da noite, sentiu a frescura da água e seu odor enjoativo, mesmo antes de a ter avistado. Uma grande fraqueza apoderou-se dêle e caiu sem sentido à margem.

Muito mais tarde, dois homens que passavam por ali apanharam-no. Foi levado, ainda inconsciente, para o hospital. Declarou-se uma febre cerebral que durou dois meses, aterrorizando tôda a família que acorrera.

Mas num cálido dia de fevereiro, num desses dias cheios de promessas, tendo sido muito bem tratado, voltou enfim para casa, curado.

Atirou-se molemente em sua poltrona, feliz por estar novamente em seu quarto, em meio de suas cousas. Tinha insistido junto aos seus para que o deixassem só naquêle primeiro dia. Tinha necessidade de repôr os pensamentos em ordem.

A verdade, é que não sabia ao certo o que lhe acontecera.

Olhou-se no mesmo espêlho que conhecia bem, muito bem. Pareceu-lhe que tinha mudado muito, e não era tanto por estar pálido, magro que se surpreendia, mas principalmente por experimentar aquela extraordinária calma, que não compreendia ainda.

Um raio de sol acariciou-lhe suavemente a face. Era bom, era quente. Sorriu contra a vontade. E, de repente, compreendeu que ia enfim saber aproveitar o que a vida lhe oferecia, a êle, homem médio e que apesar de tudo, seu lugar figurava no grande plano universal, um lugar bem distinto, bem determinado.

Sentiu um alívio inexprimível por ser enfim o que era o ficar satisfeito. Veiu-lhe também a idéia que pela primeira vez, dera prova de uma certa coragem. De novo um pálido sorriso, perpassou-lhe pelos lábios, mas êsse resto de amargura se dissipou logo. Horace Grandmoulin, fechando os olhos, espreguiçou-se longamente, deliciosamente, não sem experimentar furtivamente a impressão de fazer alguma coisa de mal, o que, de modo estranho, o encheu de alegria.

"PARKER"...

em Língua Malaia esta palavra significa "Qualidade Superlativa"



● Na península Malaia as canetas Parker gozam de um prestígio único entre os produtos similares. Tão alto é o conceito em que são tidas estas excelentes canetas pela perfeição da mão de obra e precisão cronométrica, que Parker veio a ter um significado especial na linguagem do povo. A própria palavra "Parker" é largamente empregada para designar "um objeto de qualidade superlativa — o melhor".

★ ★ ★

Durante mais de 57 anos as canetas Parker vêm agradando a seus velhos amigos e criando novos — em todo o mundo. O uso de materiais da mais alta qualidade — o que para a Parker constitui uma prática tradicional — a cuidadosa e excelente mão de obra empregada na fabricação destas canetas excepcionais, são considerados em toda parte como inigualáveis.

A experiência e o treino adquiridos pela Parker na fabricação de mais de 66 milhões de canetas, se refletem, atualmente, na Parker "51", inteiramente nova e diferente — a caneta que *escreve seco com tinta líquida!* De belíssimo estilo... funcionamento perfeito... ela justifica plenamente o conceito malaio da qualidade Parker. Em toda parte, "Parker" significa "o que há de melhor" em canetas-tinteiro e lapiseiras. À venda em todas as boas casas do ramo.



PARKER

66 Milhões de Canetas Fabricadas
Criaram Para Este Nome Uma Fama
Tradicional de Qualidade.

ANDERSEN

CARLOS RUBENS
Especial para CARIOCA

SE poucas foram as mãos que coroaram de rosas a vida e a obra e Alfredo Andersen, quando ele vivo, morto muitos são as que apedrejam-lhe o túmulo e tentam marear-lhe a memória.

O grande pintor norueguês recebe assim, postumamente, o prêmio de haver amado o Brasil que constituiu a sua segunda pátria, de criar um núcleo de arte no Paraná, para o que dedicou mais de quarenta anos de atividade e de talento.

Antes de Alfredo Andersen, o próspero Estado sulista não tivera pintores. As manifestações mais aproveitáveis estiolavam-se sem estímulo público ou oficial.

Segundo Silveira Neto, o ensino das artes plásticas no Paraná teve início com a inauguração de uma Escola de Artes e Indústrias, em 1886 e por iniciativa de um mediocre cenógrafo português. Não viveu muito. Andersen chegou a Curitiba em 1892. Não encontrou meio artístico. Nem escolas.

Artista completo, professor competente, trabalha, cria um estabelecimento de belas artes, ensina. Ao seu redor forma-se um núcleo de arte. As tendências florescem então pujantemente. Abre caminho a vários jovens que conseguem auxílio e se vão aperfeiçoar no Velho Mundo, mas que sem ele nunca passariam de esperanças. Leva os moços para a natureza que a trazem, pela primeira vez, radiante e fresca para a tela, milagre que ainda não havia acontecido. Nasceram desenhistas, paisagistas, figuristas, escultores.

Criava-se assim a pintura paranaense. E vinha logo depois a farandula de nomes como Schubert, D. Quiqui Niepce, Lauge de Mopietes, A. Scheleder, Kopp, João Ghelfi, Teodoro de Bona, Maria Amelia Assunção, Traplles e outros.

Andersen assim que chegara começou a trabalhar, a entrar em contacto com a natureza paranaense. A pintura que trazia era diferente, filha de uma natureza fria e brumal, sem a selvageria e a exuberância da nossa e, sobretudo, sem a luz tropical que tanto o surpreendera. Tempos depois, os críticos salientavam a evolução do eminente artista, que se tornava nosso, a fixação dos aspectos mais belos da terra paranaense.

Não se escravizando à luz e à cor da sua pintura de caráter alienígena, o mestre não podia pretender subordinar os seus alunos à sua maneira; à sua técnica. Por isso ensinava o desenho e a pintura e cada um seguia o seu rumo. Era lúcido e compreensivo.

Durante mais de quarenta anos, Alfredo Andersen, professor, pintor, aquarelista, paisagista, marinista, retratista, trabalha esforçada e proibidosamente, ensina, sofre injustiças e incompreensões, suporta a re-

cusas daqueles a quem não pede mais do que a manutenção de uma escola e morre com o fulvo sonho de uma escola de desenho para operários, de uma escola profissional. E depois de morto, num assanhamento de vespas, começam de atirar pedras sobre o que se foi e lama sobre a sua memória.

Negam-lhe o extraordinário serviço prestado no desenvolvimento da pintura no Paraná, contestam-lhe os méritos, condenam-lhe os métodos de ensino, o escamoteiam-lhe a glória de criador e na fúria vesânica do despeito e do insulto, nem os que, de sentimentos menos ásperos, glorificavam a vida trabalhosa e a obra imperecível de Andersen, escapam da cobardia.

Nem eu escapei à pedrouçaria atirada contra o mestre norueguês, pelo simples motivo de haver-lhe dedicado um estudo biográfico no qual repetia-lhe o apelido de "pai da pintura paranaense".

Andersen não fora nada, grasnavam, Frederico Virmond, um teuto faz-tudo, aqui chegado em 1818, que revelava conhecimentos de miniaturista, é que fôra, êsse, sim, o pai da pintura paranaense.

Ainda agora vejo que a obra e a memória do "criador da arte paranaense", no dizer de Pereira de Macedo, de quem "ensinou-nos a estudar o desenho e a pintura", segundo Silveira Neto, aquele "a quem devemos, incontestavelmente, a iniciação na arte de pintar" ("Gazeta do Povo"), não merecem respeito nem louvor.

Mandam-me um recorte de jornal em que se enaltece uma exposição do agora não-acadêmico Guido Viaro, ex-discipulo de Andersen, se diz:

"De qualquer forma, Viaro está iniciando com essa exposição, cuja importância principal ainda não foi devidamente assinalada, uma nova fase na pintura paranaense. Mesmo que, por absurdo, concordássemos em que os seus quadros do "novo estilo" fossem completamente desprovidos de valor, ainda assim lhe restariam os méritos de ter aberto novos caminhos nas artes plásticas do Paraná, adormecidas desde a aparição e a desaparecimento de um feiticeiro chamado Andersen. Evidentemente, não disponho de espaço nem de competência para examinar a obra de Andersen e resumir em algumas palavras o sentido e o valor do que deixou realizado. Mas o inegável é que êle foi tão grande artista e mestre tão seguro na realização, servida, antes de mais nada, por uma imaginação excepcional e por um bom gosto raro, que a sua influência no campo da pintura paranaense foi verdadeiramente opressiva e esterilizadora: matou todas as possibilidades de novas idéias, fechou completamente todos os caminhos da li-

bertação. Andersen, artista de méritos inegáveis, exerceu, assim, uma influência negativa entre os pintores do Paraná; marcou um limite de perfeição e até de escola além do qual ninguém mais se sentiu com coragem de passar.

O primeiro que o faz, com talento é Viaro".

Aí está. A influência do pobre Andersen "no campo da pintura paranaense, foi verdadeiramente opressiva e esterilizadora: matou todas as possibilidades das novas idéias, fechou completamente todos os caminhos da libertação".

Ora, o norueguês chegado aqui em 1893, era um artista de formação clássica. Aprendera a arte e bem a ensinava, sem extravagâncias e deformações que não conhecia. O mestre faz o pintor, o artista faz-se por si mesmo... quando tem talento e sensibilidade: Nenhum professor exerce opressão nem esteriliza o aluno, matando-lhe e fechando-lhe os caminhos da libertação. O aluno é que se oprime e se esteriliza e, muitas vezes, essa libertação é que se torna opressão.

Tudo depende do aluno. O professor forma, o estilista se cria. A função do mestre é ensinar a arte, a destinação espiritual desta cabe ao aluno. Este é que deve seguir o rumo que entender e não imitar ao mestre, subordinar-se à sua técnica, à sua maneira, à sua escola.

Portinari, Papa do modernismo, estudou na Escola de Belas Artes, onde teve mestres como Batista da Costa; Torçila do Amaral, grande figura feminina da pintura patológica, foi aluna de Pedro Alexandrino, pintor de natureza morta. Quase todos os vanguardistas vieram das mesmas puras fontes clássicas.

Porque alguém para enaltecer o autor do "galo" e da "segunda classe" ter necessidade de deprimir Batista e Alexandrino? Acusá-las de uma culpa que não cometeram?

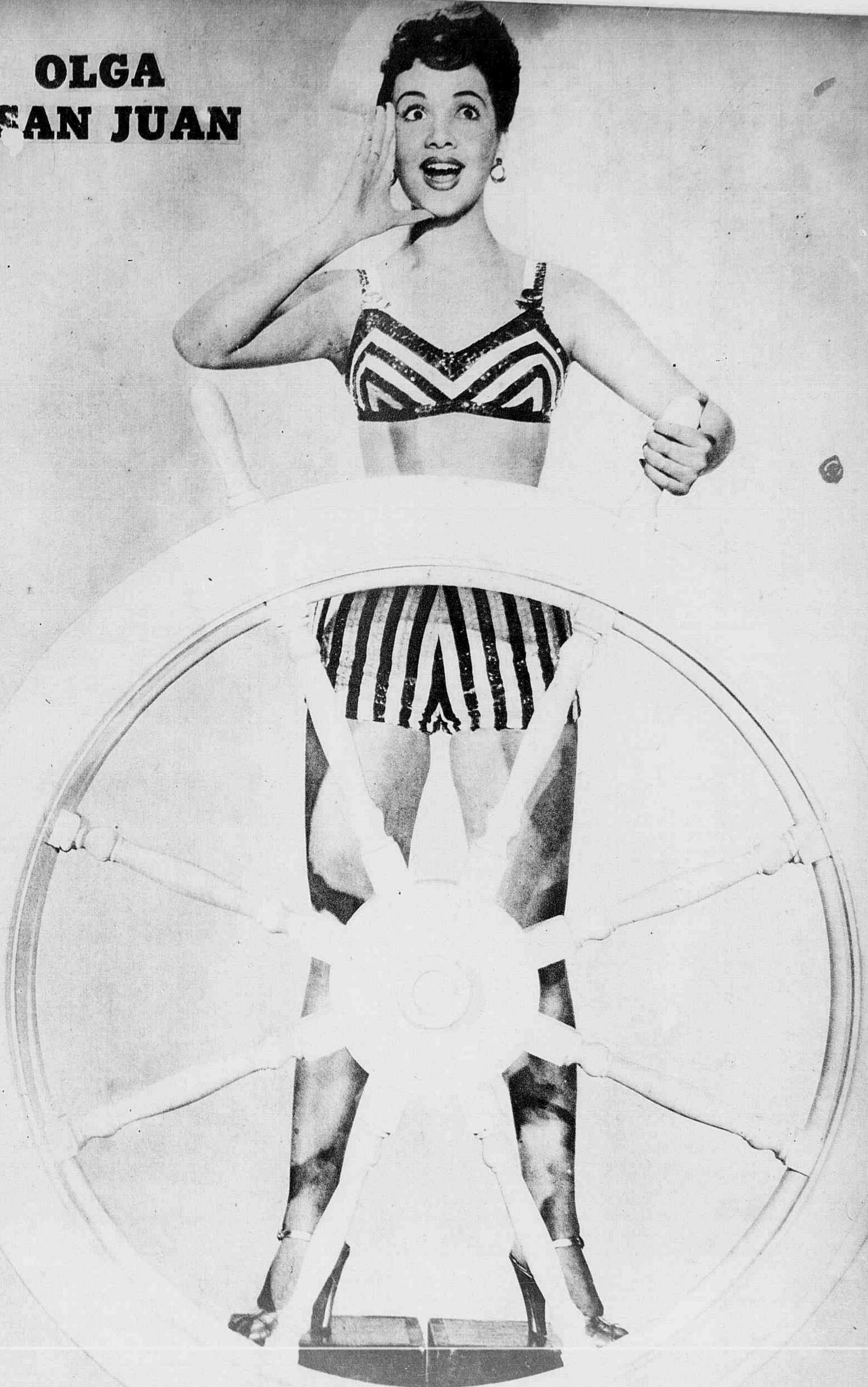
Diz-se que só Viaro conseguiu transpor o limite da "influência negativa" de Andersen. E por que os outros o não fizeram? Por que ficaram dentro do "limite de perfeição e até de escola" do mestre incriminado?

Eu nada entendo destas coisas de arte. Hoje, falar sobre o assunto é exclusivismo de certa casta.

Lamento apenas que um mestre leve tantos anos a trabalhar pela criação e desenvolvimento de uma arte, a formar e orientar gerações, para depois de morto servir de alvo indefeso a toda sorte de calculada incompreensão e evidente maldade.

LEIAM
"A NOITE
ILUSTRADA"

**OLGA
SAN JUAN**



CARMEN MIRANDA continuará solteira

CARIOCA se fez representar no desembarque da senhora Maria Miranda, mãe de Carmem Miranda, que chegou dos Estados-Unidos, onde reside em companhia da filha. No intuito de esclarecer o nosso público a respeito do noivado da mais popular de nossas cantoras de samba, que levou à América e ao mundo inteiro a realidade de nossa música popular, não poderíamos deixar de ouvir um depoimento que por sua própria natureza, é dos mais autorizados.

A senhora Maria Miranda parece mais irmã mais velha das filhas e possui o mesmo ar de simpatia, que é o máximo divisor comum da família. É alegre, jovial, olhos pequenos e inteligentes e o sotaque ligeiramente português, dá um encanto todo especial à sua palavra viva e encantadora. Repitamos o diálogo:

— Que nos diz, Mrs. Miranda, sobre o noivado de sua filha Carmem?

— Não tem nenhum fundamento. Carmem não está noiva do tenente Carlos Niemayer e as notícias veiculadas a este respeito, a têm preocupado pela inveracidade das mesmas. Recebemos em nossa casa todos os brasileiros que nos procuram. Ela é um pedaço da Pátria plantado no coração do cinema. Carmem ama extraordinariamente o Brasil. Somente quando estamos distantes, podemos aquilatar a falta que nos faz esta terra tão querida. O Rio é um fetiche: encanta, prende e tem o poder de tornar-se inesquecível. Aqui tivemos nossa luta ini-

Mrs. Miranda desmente as notícias do compromisso nupcial da filha — Os brasileiros encontram um lugar muito grande no coração da cantora — A vida nos Estados Unidos

TANIA REGINA

cial; aqui Carmem cantou pela primeira vez; aqui recebeu os aplausos definitivos que lhe deram o incentivo e o entusiasmo para chegar à vitória. Todas essas lembranças

que são tão agradáveis e comovedoras, nos fazem sofrer, porque se transformam em saudade. Por isso Carmem faz questão de tratar com toda a ternura aos bra-

sileiros, mas a todos igualmente.

— Como explica, então, as fotografias que deram início aos rumores e boatos que tanto empolgaram os fans da

cantora brasileira?

— A verdade é a seguinte: Carlos Niemayer fazia parte de um grupo de vinte aviado-

CONCLUE NA PAGINA 63



Carmem Miranda



Carmem Miranda recebeu como irmãos os aviadores brasileiros. A sua direita, nesta foto tirada em Hollywood, vemos o tenente Carlos Niemayer



Eis aqui uma das fotos que deu origem à notícia: Carmem e Carlos compareceram juntos a uma "premiere".



Mrs. Miranda

"ELAS"

LONGE

DA

CÂMERA!

O reporter, você e todos nós somos indiscretos! — Aqui estão algumas cenas "particulares"

De TEDDY JOYCE



1 — Shirley Temple adora as coisas simples e primitivas. A querida estrela acerta sempre o seu relógio pelo relógio de sol do jardim de sua casa em Santa Mônica.



2 — Parecidas como duas gotas d'água... ou melhor dois bules de louça! É uma estrelinha Nanetti Parks, a sua "stand-in" Jane. Não admira, entretanto, que se pareçam dessa maneira, pois Jane é irmã de Nanette.



3 — Rita Hayworth continua a ser a "namorada do Exército americano". Basta a bela estrela aparecer na Cantina de Hollywood, que os "caçadores de autógrafos" não lhe dão uma folga.



4 — A Condessa de Montrevel, ou melhor, a nossa querida Anita Louise, costura tranquilamente em seu camarim. Daí a cinco minutos ela estará envolvida na rede de intrigas e aventuras de "Os Três Mosqueteiros do Rei", o movimentado romance de Dumas.



5 — Martha Verbeck e Marilyn Johnson, duas das doze lindíssimas "Picka-Dilly Beauties", "batem papo" no camarim enquanto as câmeras descansam.



6 — Nina Foch é uma pequena elegantíssima. Ai está Nina examinando com o produtor Wallace McDonald acessórios do seu magnífico guarda-roupa.



7 — Em "Aladim e a Princesa de Bagdá", o "Gênio da Lâmpada" (Evelyn Keyes) realiza os mais fantásticos milagres, menos manter em ordem o próprio penteado. Isso ficou a cargo da cabeleireira Helen Hunt.



3 — O garoto é inteligente. Está muito maior, agora, como vêm nesta foto recentíssima.

O CASAL DA HARMONIA

Um bom músico, uma linda loura, um romance e... um baby encantador!

Por JOLS



1 — $1 + 1 = 3$. Sim, casaram os dois e eis o fruto do matrimônio: um garoto do outro mundo!



2 — Harry, antigamente, quando o "baby" tinha 3 meses de idade, fazia questão de se encarregar do leite (ainda hoje é assim).



HARRY executava um magnífico solo de trompete, em um "blue" qualquer, à frente de sua orquestra, em um "night-club". De repente, entra uma jovem de porte elegante, acompanhada por um cavalheiro e toma um lugar em uma mesa próxima ao "stand" reservado para os "jazzmen". O solo era longo e expressivo e mexeu com o coração da garota. Harry não percebeu que estava sendo muito "olhado"... Quando acabou, estendeu as vistas pelos quatro cantos do salão e viu que a loura estava lhe dando "bolas"... O notável músico desconfiou e disse com os seus botões: "Que é que há"? — E arrematou: "Será que es estou com o rosto sujo de carvão e essa mulher está gozando às minhas custas? Ou será que ela está observando algum dos meus rapazes aqui atrás"? — Olhou para trás e ninguém se preocupava com os presentes. Tirou um pequeno espelho do bolso e viu que a sua cara estava perfeitamente limpa. Ficou meio confuso e afinal se decidiu a arriscar uma olhadela. Acontece que a pequena fez um ar de riso e o nosso herói não "bobeou": tocou mais um número musical para depois passar o comando da orquestra ao seu substituto eventual, o pianista. Desceu as escadas e convidou-a a dançar, dizendo gentil e educadamente para o cavalheiro que a acompanhava:

— Dá licença?
 — Pois não.
 E os dois saíram pela pista. Uma conversa baixa e Harry perguntou:
 — Seu nome, senhorita?
 — Betty Grable.

O rapaz ficou espantado, porém, nada deu a entender. Mais um diálogo e nasceu o romance que acabou mais tarde em presença do juiz. Casaram-se. E o resultado é que têm sido felizes. Veio um bebê que é um amor. Não chega para os beijos e abraços. Harry enche um vidro de leite e tem prazer em alimentar o garoto. Betty troca suas roupas, se encarrega dos banhos e no final das contas o músico não tem tempo para cuidar dos "arranjos" para o seu conjunto. Betty esquece até suas responsabilidades nos estúdios e o grande artista do piston pouco se importa pelos "swings"...

E' o casal mais feliz de Hollywood. Seus gênios combinam otimamente, nunca brigam, andam sempre juntos e... um tem ciúmes do outro... O "baby" pra eles é a mais cara jóia do mundo. Sabem quantos "berços" tem o menino? Trinta e dois! E olhem que vinte e um foram feitos pelo próprio Harry, depois de muito trabalho!...

ORSON WELLES VERSUS RITA HAYWORTH

JACK WILSON



Rita Hayworth

A notícia não me agradou. A princípio, pensei tratar-se de uma conversa mole, dessas que os jornais costumam espalhar e que resultam em publicidade em torno dos artistas de cinema. Mas, me enganei redondamente: a no-

tícia era verdadeira e o telegrama publicado no vespertino que comprei no jornaleiro de minha rua, me deixou perplexo. Afinal acreditei. Não compreendi a que quero me referir? Impossível! Será que vocês não lêem jornais?

Orson Welles, um sujeito feio como é, e meio maluco (todo gênio é maluco) de barbas repugnantes, alcoolatra inveterado, teve a infelicidade de arranjar a melhor esposa do mundo: Rita Hayworth. Viveram bem durante muito tempo, tudo na santa paz do Senhor, nada acontecendo para atrapalhar o ritmo feliz da união matrimonial. Um reporter mexeriqueiro de Nova York chegou a afirmar que somente Rita poderia diminuir a movimentação da agitadíssima vida do grande cineasta. Mas tal não sucedeu. Rita, certo dia, queixou-se a uma de suas amigas contra as infidelidades praticadas pelo esposo. Agora, confidencialmente: eles se desaviam muitas vezes, embora a imprensa americana tenha silenciado.

Há pouco, quando todos pensavam estar o barquinho navegando em plácidas águas

azuis, chega um telegrama anunciando ao mundo a separação do mais famoso casal dos últimos tempos. Alega Rita que o seu marido tem múltiplas atividades, desdobrando-se como produtor, diretor, comentarista radiofônico, ator e político e... que a esquece!... Avaliem... Essa gente tem cada uma. O fato é que a linda estrela não está satisfeita e pronto: vai se divorciar, no duro, não tem talvez. Botou isso na cabeça e não há quem possa convencê-la do contrário. Ademais, em briga de marido e mulher, ninguém deve meter a colher... Portanto, é melhor que fiquemos por aqui, apenas tomando conhecimento das notícias através os jornais. E digamos: "Rita também é bonita demais para o Cidadão Kane!" — E perguntemos: "Quem será a futura esposa do renomado astro"??...



Orson Welles quando esteve no Rio

Cine Hollywood

mermoor", no Teatro Shrine, de Los Angeles, houve uma confusão tremenda, que deu a impressão de ter havido um princípio de incêndio ou coisa semelhante. O que em realidade sucedeu, foi o seguinte: Uma jovem, percebendo que estava sentado a seu lado o famoso astro Van Johnson, fez tanto alarido que os demais espectadores levantaram-se a fim de ver aquele ídolo do cinema norte-americano. Vendo que sua presença não permitia a continuação do espetáculo, Johnson não teve outro remédio senão se retirar. E o coitado gosta tanto de ópera! Aí está quanto custa ser popular...

*

O diretor Herman Shunlin, acreditando que o êxito de um filme depende sobremaneira da exatidão com que se reproduz o ambiente no qual se movem os personagens, durante a filmagem de uma película cuja ação se desenvolve em Londres e numa região mineira do norte da Inglaterra, percorre os jardins dos studios montado numa original bicicleta-bretanha que, entre outras excentricidades, possui três velocidades, circulação de óleo no quadro, paralamas aéreo-dinâmicos e freios ultra-modernos. Não fica nisso, apenas, o psicólogo diretor. Em vez de tomar o seu costumeiro café, passa a tomar chá, costume tipicamente inglês. Além disso, fiel aos seus princípios, procura falar com um acento típico de Londres.

*

Certo dia, ao entrar nos studios onde trabalha, Lana Turner, escutando uma voz de homem cantando, perguntou a quem pertencia. Quando o dono da voz, um modesto electricista, jovem e de boa aparência, pensando que havia molestado a linda artista, pediu-lhe desculpas, esta lhe assegurou não o haver chamado por isso, mas porque havia gostado tanto de sua voz que fazia questão de o apresentar ao diretor da Companhia. Este foi da mesma opinião de Lana, oferecendo imediatamente ao rapaz incluí-lo no próximo filme, não só como cantor, mas também como ator. Assim sucedem as coisas em Hollywood.

*

Ida Lupino acaba de escrever duas adaptações cinematográficas em colaboração com Barbara Reed, jovem atriz que apareceu, faz algum tempo, em muitos filmes de êxito. Ida declarou que na sua opinião uma das adaptações mencionadas seria um magnífico tema para uma película interpretada por Margaret Sullavan. O personagem principal da obra é uma professora de colégio muito cumpridora de seus deveres que, durante suas férias, descobre-se a si mesma, olhando a vida por novo prisma...



*

Durante o espetáculo de "Lucia de Lam-



Ida Lupino

UM grupo de visitantes percorreu há dias um dos mais famosos studios de Hollywood.

Bette Davis, Glenn Ford, Gary Grant e Alexis Smith, ao voltarem de uma reunião, que tiveram com o diretor Herman Shunlin, no intervalo de uma filmagem, foram vistos pelos visitantes, tendo um deles dito, com entusiasmo, nessa ocasião: "O único artista que nos falta ver, para que este momento seja insuperável

e inolvidável, é Charles Boyer..." Dito e feito. O querido galã francês, escutando aquelas lisonjeiras palavras, saiu de trás de um bastidor e, com um amável sorriso, agradeceu o elogio.

O grupo se retirou encantado com Boyer. E' fácil fazer amigos com um sorriso. Fácil e... barato!

ANDREA KING

MERECE UMA CHANCE

De JOHNNY DOYLE

QUEM assistiu há tempos um dos últimos filmes anti-nazistas, "Hotel Berlim", não pôde deixar de notar a excelente interpretação de Andrea King, a "co-star" de Helmut Dantine e Faye Emerson no mesmo celulóide. Sua beleza fascinante, no papel de Lisa Dorn, a espiã que trabalhava para ambos os inimigos e que finalmente acaba sendo justificada pelas mãos de Martin Richter (Helmut Dantine), foi bem escolhida para Miss King que como pudemos ver, foi muito bem interpretado. Contudo, a experiência teatral que possui, vem quase do berço, porque foi com a idade de 14 anos que ela decidiu dedicar-se ao teatro. Mas, antes que pudesse abraçar a carreira que havia escolhido, Andrea teve muito que chorar em virtude de seu pai ter dado o contranessa idéia da filha. Isso fez com que Andrea se encerrasse em seu quarto e chorasse a valer. Pouco depois de soltar os cabelos e mirar-se no espelho, pensou: — "Não pode ser... estes cabelos castanhos não combinam comigo... amanhã mesmo, terei outros, e louros..." Claro está que foi um verdadeiro conflito em sua casa, pois para os pais, foi uma grande novidade vê-la com a sua nova personalidade. Seus cabelos louros brilhantes e sapatos altos, faziam-na parecer mais alta e muito maior que na realidade. Estando em vésperas de embarcar com seu pai para Nova York, achou Andrea chegado o momento de provar as suas qualidades artísticas nos palcos de Tio Sam, por intermédio da influência dos pais de suas amigas naquela cidade. E foi graças a essas boas amizades, que se lhe apresentou a oportunidade de um papel numa peça de grande êxito. Depois desse seu primeiro triunfo inicial, seria impossível fazê-la abandonar a carreira artística. De êxitos em êxitos, sempre figurando em peças teatrais de maior sucesso da época, a sua companhia saiu em "tourné" por algumas cida-

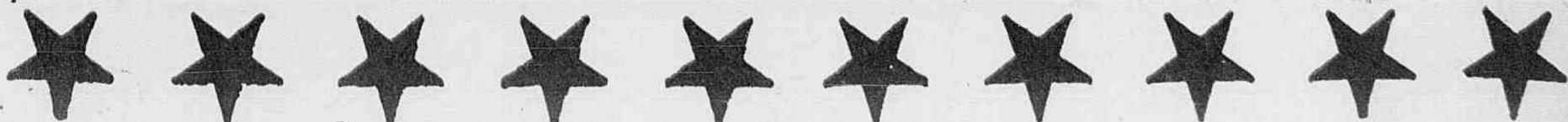




des do interior americano, onde prosseguia apresentando a celebradíssima comédia que leva o título de "Life With Father", na qual Andrea tinha um papel de relevada importância.

Essa foi a primeira etapa da sua carreira, pois durante a estada em Chicago, conheceu o jovem N. H. Willis, que acabava de graduar-se pela Universidade de Yale, o qual se enamorando loucamente por ela, acabou pedindo-a em casamento. E foi assim que um dia Andrea, vestindo-se em gala nupcial, se casou com o elegante jovem, que havia conhecido no club mais exclusivo de Hinsdale... porque não se passaram muitos meses antes que fôsse Willis chamado às fileiras da Marinha norte-americana, e enviado para as ilhas do Pacífico. Sentindo a solidão, Andrea King não refreiou o impulso de novamente procurar fazer algo que lhe fizesse esquecer a longa espera. E tão pronto começou a atuar num teatro de Los Angeles, recebeu várias propostas de contratos para o cinema. Sua primeira aparição na tela, foi em "Pensando sempre em você", no qual ela fez um papel de esposa frívola, que toma parte em festas, e tem romances passageiros com amigos encontrados ao acaso. A esta atuação, se seguiu a sua participação na grande película "Um sonho em Hollywood", em "O Preço da Liberdade", e o último e mais importante que fez até agora, no drama "Hotel Berlim".

Andrea nasceu em Paris, França, e nada mais se lembra de lá, pois foi ainda muito criança que viajou para a América, e se educou em colégios americanos. Em primeiro de fevereiro, completa mais uma primavera; mas ainda que nada nos tenha dito, suspeitamos que ela tenha uns 25 anos. Andrea é uma estrela que toma seu trabalho muito a sério, o que a faz possuir elevadas qualidades para chegar a ser uma grande atriz dramática.



**ESPÍRITO DE
DUMAS AMPARA
ANITA LOUISE**

Mais bela que nunca no seu último film





Anita Louise e Willard Parker numa cena de "Os Mosqueteiros do Rei"

SUA VOLTA AO CINEMA — FONTE INESGOTAVEL DE HOLLYWOOD

De CARLOS FERNANDO

AS principais fontes de onde Hollywood toma os seus argumentos, são novelas contemporâneas, as obras teatrais, ou as tramas originais escritas especialmente para o cinema. As chamadas novelas clássicas, é o que mais as câmeras vem explorando ultimamente. Algumas das melhores versões cinematográficas que o cinema já produziu, foram tiradas destas últimas, convenientemente adaptadas para a sua apresentação na tela. Entre os autores clássicos, ninguém tem sido mais explorado pelos "experts", que o famoso Alexandre Dumas. O interessante, é que o inesquecível Dumas, sem saber, continua sendo o principal alvo visado pelos autores dos "Screen-plays" de Hollywood. A mais célebre das suas obras, "Os Três Mosqueteiros", cobriu de glórias o finado Douglas Fairbanks. Notando o sucesso

(CONCLUE NA PAGINA 60)

Anita Louise





HOLLYWOOD SUGERE PARA O CARNAVAL CARIOCA

- 4 — O SULTÃO E O GÊNIO — Cornel Wilde e Evelyn Keyes apresentam duas curiosas sugestões.
- 6 — O LADRÃO E A ESCRAVA — Phil Silvers e Dusty Anderson, numa pôse gozadíssima, estão trajados: ele de ladrão e ela de escrava.

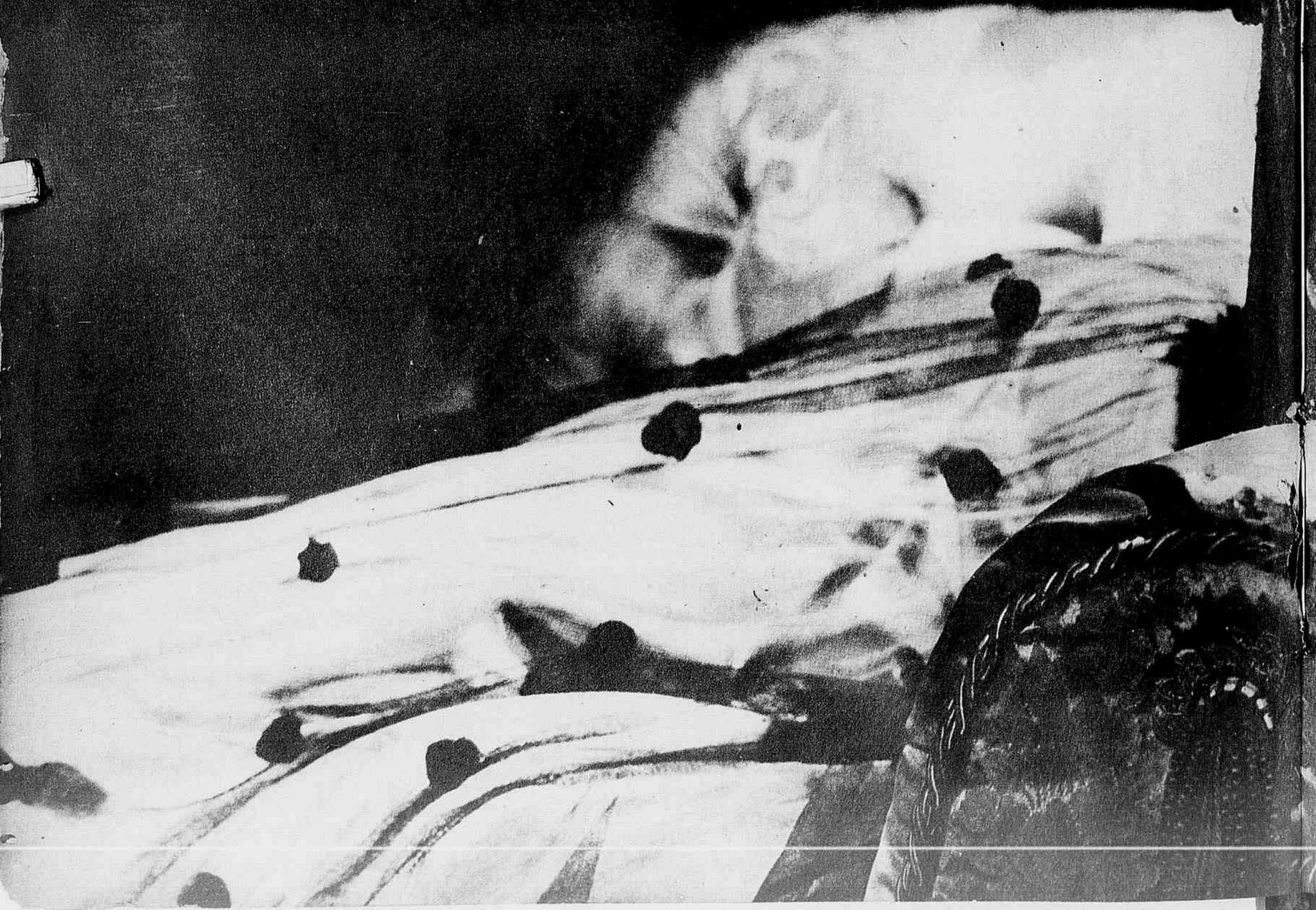
ESTÁ chegando o Carnaval da Vitória! Não se deve falar mais em guerra. O que passou, passou! Mas devemos lembrar ao amigo leitor que o Carnaval que aí vem, é algo mais que um simples Carnaval. Sua data, inicia também a alegria que descera sobre todos os povos do mundo, trazendo um pouco mais de conforto e felicidades aos lares que viveram até aqui sacrificados por um mundo de opressão, mostrando que eles ainda sa-

bem sorrir. O próximo Carnaval despertará em todos os recantos do nosso globo, o verdadeiro sentido de paz e alegria que une e unirá sempre as Américas. Depois de todos esses anos de verdadeiro sofrimento para a humanidade, enfim, iremos sentir novamente a alegria de uma paz que tantos sacrifícios custou àqueles que jamais chegaram a conhecer o resultado conseguido com o seu sangue heróico. Agora que finalmente a paz voltou ao convívio dos homens, ouviremos novamente os clarins anunciarem a chegada de Momo, o soberano da maior festa do ano. As serpentinas novamente se entrelaçarão pelas ruas, pelos salões, e os confeti, caindo como chuva miuda, darão maior esplendor aos festejos. Nos feéricos salões dos clubs e das sociedades, tornaremos a brincar, pular, e gritar ao som das orquestras dos reco-recos, e das cuicas... Novamente veremos a alegria estampada na fisionomia daqueles que saem à rua, pontilhando o borborinho que cresce cada vez mais, com as variadas e brilhantes cores de suas fantasias. Ah!... As fantasias!... Estas sim, são as que emprestam maior alegria ao Carnaval. Porque graças a elas, é que está o verdadeiro sentido dos três dias que se aproximam, empolgando as crianças, embriagando os jovens e alegrando os velhos. E de acordo com o que Hollywood vem lançando ultimamente, é que **CARIOCA** apresenta uma sugestão aos seus leitores para os próximos dias de intenso júbilo.

2 — ARQUEIRO — Aqui está uma interessante pose de Anita Louise, com uma linda e simples fantasia de arqueiro, sendo que pode ser sãia, ou "short", de acordo com a blusa.



**INGRID
BERGMAN**







CELSE GUIMARAES — “Ano Novo, novos sonhos, novos programas... Pretendo publicar um livro, comprar uma casa e, sinceramente, trabalhar muito para melhorar no máximo o que ficou por fazer...”



STELINHA EGG — “Ah! meu caríssimo 1946: seja bonzinho para mim tanto quanto o seu colega 1945; se você, jovem amigo 1946, me proporcionar um punhado de multiplas satisfações, me darei por feliz. Quero que você me facilite: muito sucesso para mim e para o meu marido Gaia; aprender a tocar piano, adquirir uma fazenda no interior e uma lancha moderna. Só isto é o que eu quero de Você, 1946.”



O QUE PRETENDE VOCÊ REALIZAR EM 1946?



ADEMILDE FONSECA — “Não aspiro realizar nada de impossível este ano. Ficarei satisfeita se fizer, pelo menos, parte do que pretendo: visitar o Rio Grande do Norte, cantar e gravar boas músicas, renovar meu contrato, comprar um apartamento em Copacabana e... Somente. — Acho que tudo isto é possível.”



AÍDE MIRANDA — “Firmar definitivamente o meu nome no conceito dos fãs, eis o meu maior desejo. Se fiz muito ou pouco em 45, o fato é que não me considero plenamente satisfeita, embora isso venha atestar que eu seja uma garota ambiciosa. Aceitarei com prazer esse adjetivo, pois creio ser melhor a sede de ambição que a negligência. Em face desses motivos, adianto que pretendo também como toda moça, casar.”



GHITA YABLOUSKI — “Neste ano de paz para o Brasil e para o mundo, que deixou para trás o triste ano de 45, desejo realizar alguns sonhos: — continuar a morar no Rio, ir à Europa, selecionar um grande repertório e comprar uma vivenda em um bairro tranquilo.”



ZILAH FONSECA — “Tudo que não consegui por em prática em 1945: ganhar muito dinheiro, passear pelo interior e concretizar um velho sonho: ir à Argentina.



SAINT CLAIR LOPES — “O que pretendo realizar em 1946? — Eis uma pergunta ampla e uma resposta sintética: não preciso ter novas idéias... Basta que realize o que a realidade tem destruído nos anos atrás... O. K?”



VELHO ano de 1945 que se foi, que morreu para nunca mais voltar... que cedeu, em boa hora, lugar ao novo ano em que já estamos vivendo, em que já estamos sonhando, e no qual depositamos muitas das nossas esperanças, certos de que as águas correrão mais azuis, mais límpidas, sem a contaminação das manchas de óleo deixadas por corsários inimigos no torpedeamento de

Vários astros do rádio guanabarrino dizem à CARIOCA o que projetam realizar este ano



navios, no meio dos oceanos; sem o perigo do terrível fantasma da guerra que acabou...

Ano velho, ano novo. O primeiro talvez tenha proporcionado a muitos uma porção de coisas boas. A outros foi mau, muito mau. O segundo aqui está, novinho em folha; recém-nascido, de olhos

(CONCLUE NA PAGINA 63)



GHIARONI — “Pretendo viver, em 1946, tal como vivi na companhia dos meus irmãos mais velhos: fazendo sempre alguma coisa de útil e recebendo em troca, alguma coisa útil. Desejo escrever uma peça de teatro e, se houver tempo, algumas novelas. Mas a minha maior aspiração é inventar o mais retumbante “slogan” do mundo!”



ALZIRO ZARUR — “Em 1946, eu espero dar o passo mais sério da minha vida: casar: Que Deus me ajude a encontrar casa, sem luvas e leilão de mobília velha! Conseguindo isso, já me darei por muito feliz.”



GRANICE FRANCO — “Desculpem-me, senhores, mas em 1946, eu pretendo escrever uma porção de novelas. (Porção é mentira — mas uma, duas, ou três). — Pretendo ainda tomar resoluções definitivas: — ficar noivo, tirar o bigode, comprar um automovel e... bem, talvez eu não faça nada disso. Mas é gostoso a gente arquitetar novos planos para um novo ano que nos chega, depois de uma guerra, tão cheio de promessas...”

DÉO E ARY BARROSO VÃO VIAJAR

Reportagem de MIGUEL CURI

DÉO andava afastado das páginas da CARIOCA. Por isto, acoitamos a idéia de ouvi-lo, convictos de que ele nos exporia fatos e curiosidades da sua carreira de seresteiro.

Assentada a entrevista, ela se desenvolveu numa atmosfera de franca amistosidade.

À nossa ilharga, o afamado difusor do nosso cancionário — à primeira indagação que formulamos — começou a desfiar um rosário de revelações, cada qual mais ao sabor de suas fans:

— É verdade. No sábado de Carnaval, partirei, em companhia de Ary Barroso e de uma orquestra, para Montevidéu, com o fito de atender a um contrato de 30 dias que fechamos com a Prefeitura de lá. Depois desta temporada na capital uruguaia, seguiremos para Buenos Aires, onde nos demoraremos um mês, atuando na Rádio Belgrano ou El Mundo, não me recordo bem.

— Levaremos — continua Déo — o que há de melhor na nossa música popular,

pois é indispensável que os nossos vizinhos continentais conheçam o valor dos nossos maestros e compositores, a fim de terem uma impressão mais aguda da nossa melodia, dos motivos cheios de cá-lida sensualidade e de opulenta energia humana que ela encerra.

Acredito que a música é o veículo, por excelência, do Panamericanismo. Porque nada se lhe avanta no conteúdo poético e na essência espiritual. Subsídio que é para a análise crítica e psicológica da alma de um povo, a música — a par da poesia — deve merecer, de seus divulgadores, o mesmo cuidado que os pais dão à educação de seus filhos. Assim, para o bom êxito da nossa excursão, apresentaremos arranjos de Radamés Gnattali, Lírio Panicelli, Guerra Peixe e outros ex-

poentes da música nacional.

— É a primeira vez que sai do Brasil?

— É. E o faço com emoção e entusiasmo, malgrado eu desejasse, imensamente, comemorar o Carnaval aqui, ao lado dos meus amigos e patricios.

Imagino como será ardente e insuperável o Carnaval deste ano! Mas, resigno-me a não participar dessa alegria, só por força das injunções de minha vida artística. Em compensação, sinto uma grande alegria patriótica, ao saber que, dentro de minha arte, eu coopero para ampliar os horizontes de simpatia que cobrem o nome do Brasil.

Para o Carnaval, que ele não assistirá, Déo gravou os sambas "Me deixa em paz", "Humilde teto", "Quem canta", "Deixa-me partir" e "Amor carinhoso"; e as marchas "Nova dama das Camélias", "Chô-pirú" e "Telegrama", além dos frevos "Ai, amor", dos irmãos Valença (autores de "Teu cabelo não i.e.ga") e "Não precisa pensar".

Interrogado sobre os seus discos de maior sucesso, Déo respondeu:

— Os destinados ao Reinado de Momó, foram: "Casta Suzana", de Ary Barroso e Aleyr Pires Vermelho; "Lá vem Mangueira", de Wilson Batista e Haroldo Lobo, e o frevo de Nássara e Frazão, "Vou pra Pernambuco" — frevo este que estimulou a aceitação dos que se lhe sucederam.

— E qual foi a sua emoção mais viva?

— Quando da gravação de "Terra seca". Parece mentira que me acontecesse tal coisa, mas, ao enfrentar a aparelhagem de gravação, (eu que já a enfrentei não sei quantas vezes)! vi-me tolhido na minha serenidade, tendo estranhos e inesperados sobressaltos de gaguez. A custo, fiz a gravação, vindo, depois, a atinar com os motivos de tal perturbação. É que me integrei, com toda a minha capacidade de sentir, no espírito da letra, transportando-me para os tempos da escravatura, quando os negros sofriam os seus amargores. A cadência, o ritmo, a dolência cortante de "Terra seca", traduzem a brutalidade moral dos senhores feudais, e unge-se com as penas e dores dos servos acorrentados a uma lei estúpida. Uma composição assim, teria que penetrar no cerne de minha sensibilidade.

Foi, então, que avaliei o quanto a arte requer do artista.

Mudando o aspecto da entrevista, entramos na intimidade do nosso interlocutor. E as perguntas foram ao ar:

— Ator de Hollywood, qual a atriz que gostaria de beijar?

— Oh! Lana Turner, sem dúvida. E Déo devolveu a inquirição ao repórter, que lhe retrucou: "Greer Garson".

— O seu prato predileto é...

(CONCLUE NA PÁGINA 60)



A última foto de Déo



UM PERFUME

Inesquecível!

Os perfumes são as recordações mais duradouras!...

Eles são a música dos sentidos e ficam na memória como as canções!...

E ha um perfume que nunca mais se pode esquecer: — é o perfume **ORGANDY** de **BAZIN**. O perfume que é sensibilidade, o perfume que é uma noite cheia de estrelas, o perfume do amor é da poesia!...

Agua da Colônia
Brilhantina
Extrato

Loção

Óleo perfumado

Pó de Arroz

Sabonete

Talco

Organdy

de **BAZIN**

Obra prima da perfumaria!

À VENDA EM TODO O BRASIL

ARTISTAS QUE SE CASAM...



Madeleine Rosay

ARTISTAS que se casam! Mudaram de vida! Mudaram mesmo? Quem sabe! E' sempre duvidoso o se afirmar que a artista que contrai casamento, continue na carreira. Salvo quando ambos são artistas. Esses casos são inúmeros. A verdade é que os "senhores de engenho" não gostam muito de ser o "marido da artista"... Nestes últimos dois meses, várias artistas patricias e uma estrangeira, acrescentaram outros nomes aos seus. O juiz e o padre os ligaram pelo santo casamento. Maria Augusta Costa, a brilhante soprano lírico ligeiro, colocada a aliança no dedo, já está de malas prontas para os Estados Unidos. Maria Helena Martins, tirando o "vestido de noiva", prepara seus documentos para uma viagem à Itália. Margareth Lanthos, logo após trocas de

indumentária, preferiu sentir todo o fragor da natureza brasileira, deixando-se ficar por aqui mesmo, onde o gorgoeio da passarinhada é um convite ao sonho cor de ouro...

E Lêda Yuqui? Esta preferiu ir contrair matrimônio "longe dos olhos" curiosos... Foi até Assuncion. Ali pertinho. Com o avião, tudo é perto. A bailarina de um dos nossos "nights-clubs" foi mais moderna. Foi mais real em seu amor. Destruiu todos os obstáculos para ir tão longe, dar o seu amor ao seu amor...

Vão passear levando dentro d'alma todo o esplendor de uma nova vida, de um sentimento maior e de uma responsabilidade infinitamente bela.

Essas cantoras patricias terão, de certo, "tempo" para apreciarem os ambientes artísticos dos países visitados. Terão ensejo de sentir a arte mais patente e mais produtiva. São cantoras de méritos já firmados, necessitando, apenas, a visão dos grandes centros artísticos.

Lêda Yuqui, nome já consagrado no "ballet", pouco se demorou em Assunção. O suficiente para cumprir as "ordens do seu coração".

Mas, uma permanece na fila, esperando sua vez...

E' a notável bailarina Madeleine Rosay!

Noiva! Ainda não oficial, porém, aguardando a vez de "pisar na casca de banana"...

E deixará de dançar, segundo os meus "mediuns"...

Palavra de rei. E a jovem bailarina cederá em favor do seu grande amor.

O arte do "ballet" perderá, dessa forma, um dos maiores nomes do nosso panorama artístico. Cupido tem muito mais força do que se possa imaginar. Ela irá para os Estados Unidos. Seus sapatinhos de ponta, seus "maillots", suas blusas,



Maria Helena Martins

Mudaram de vida... umas viajarão... — Maria Augusta Costa, Maria Helena Martins, Lêda Yuqui e Margareth Lanthos — Madeleine Rosay

MARFON



Lêda Yuqui



Maria Augusta Costa

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

ESALTARÁ DA CAMA DISPOSTO A TUDO

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pilulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr\$ 3,00.

tudo isso, ficará dentro do seu guarda-móveis, guardado com carinho, como perene recordação de sua fé de ofício artística.

Sua figura será sempre recordada. E um dia, quando alguém escrever a história do "ballet" nacional, o nome de Madeleine Rosay, terá uma das primeiras páginas. Lugar de honra.

Outras virão, dizem logo. Sim, outras virão, porém, nunca, nenhuma Madeleine Rosay. Está na fila. Poucas estão à sua frente.

Que todas elas sejam felizes!

E que regressem à arte para a grandeza da nossa cultura artística, para elevação do nosso meio artístico e para alegria de toda uma multidão de admiradores.



Leiam "Figurino"



PARA VIVER TRANQUILO:

Seguro de vida.

PARA SEGURO DE VIDA:

PREVIDÊNCIA do SUL



O QUE NOS DISSE JAMIL ALMANSUR HADDAD

NA moderna geração de intelectuais de São Paulo, Jamil Almansur Haddad é figura de proa. Mal entrado nos trinta anos, já a sua obra de poeta e ensaísta entremostra-nos que vai formar um patrimônio com que contará a sua geração. O seu retraimento incurável não permitiu que ela tivesse ainda a repercussão merecida.

Trabalhador infatigável, é dos autores brasileiros de maior produção. E' assim que iniciou este ano de 1945 com a publicação de sua "História Poética do Brasil", trabalho recomendável por sua erudição. Pouco depois se absorvia nas lides de um concurso a que se submeteu para a cadeira de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo. Comportou-se brilhantemente, havendo conquistado a livre-

docência da cadeira em questão. A sua tese que versou sobre "O Romantismo Brasileiro e as Sociedades Secretas do Tempo" é trabalho de grande originalidade e que põe a prova as qualidades de investigação e cultura de seu autor. E agora, mal termina o ano, lança Jamil Almansur Haddad a sua tradução do "Cancioneiro de Petrarca".

A sua situação professoral não lhe tira nada de habitual displicência. A conversa não teve outro jeito senão girar sobre a atividade literária do nosso entrevistado.

— Allah determinou que bem ou mal este seu servo fôsse poeta. Melhor coisa seria a gente ser sultão, califa ou pelo menos diretor do Banco do Brasil. Mas isso de fatalidade é coisa muito séria... (A obra de poeta e Jamil Almansur

Haddad principia com "Alkamar, a minha amante", publicado em 1935, livro de fortes laivos orientais e com reminiscências bilaqueanas quanto à forma. Depois adere ao surto de poesia social e publica "Orações Negras" que em 1937 a Academia Brasileira de Letras premiou. De 1944, é o seu volume "Poemas", em que enfeixou "Orações Roxas", "Orações Vermelhas" e "Novas Orações Negras". A crítica sempre louvou-lhe a obra e sobre ela um dos críticos de São Paulo, Carlos Burlamaqui Kopke, escreveu um substancioso ensaio, "Os caminhos Poéticos e Jamil Almansur Haddad".

— A tradução de poesias é uma decorrência razoável da vocação poética da gente. A gente traduz um poeta por vários

(CONCLUE NA PÁGINA 56)

Uma vida absorvida pela poesia — O Poeta, o tradutor de poesia e o crítico de poesia — O Artista e a sua displicência — O homem que traduziu Petrarca — A Poesia e a Guerra

Reportagem de Antônio Calandriello
Para CARIOCA



HERMINIA CONDE

MÁRIA EDUARDA

A POETISA E A INTÉRPRETE

Maria Wanderley de Menezes

HÁ, às vezes, entre as almas humanas, um elo misterioso e inexplicável que as une, mesmo à distância, mesmo que as criaturas não se conheçam pessoalmente. Este elo nasce em um momento de emoção, quando esta emoção foi tão intensa que se tornou realidade inspiradora.

Um homem vê e sente uma paisagem qualquer, a qual de tal maneira o impressionou, que ele resolveu transportá-la para uma tela ou fixá-la em notas musicais. Mas o verdadeiro artista dá à paisagem entrevista a alma de sua alma, isto é, empresta-lhe seu próprio sentimento emotivo. Anos passam... o quadro percorre o mundo, a música é escutada por milhões; outros homens se detêm diante da beleza pressentida. Mas o que lhes desperta a admiração não é o que lhes desperta a admiração não é um retalho azul de céu, nem a nesga verde de mar, não é o colorido das árvores, não é a perfeição do conjunto das notas. É antes de tudo a presença da alma daquele que criou o belo, é o seu sentir que se mostra verdadeiro e forte. E da intensidade desse sentir, da afinidade de sentimentos entre o que cria e o que admira, nasce o artista. E' assim também na poesia. O poeta é um pintor e um músico que em lugar de utilizar-se das tintas ou das notas musicais, usa as palavras. Nas rimas de seus versos está toda uma melodia, está a maravilhosa harmo-

nia do som. Nas palavras está todo um colorido, às vezes forte e carregado de luz, às vezes suave, falando de penumbras.

Herminia Conde escreveu um dia um livro de versos. Os poemas nascidos aqui e ali, frutos boêmios de sua imaginação criadora, semelhavam pequeninas folhas espalhadas, folhas que o vento leva e que faz rodopiar num bailado infinito de beleza e graça... páginas arrancadas de um livro, que, onde quer que estejam trazem consigo a inspiração. Por isso intitulou-o de: "Folhas Dispersas".

E, um dia, a emotividade de Maria Eduarda encontrou o livro e através das suas páginas as suas almas encontraram-se. A poesia foi o traço de união entre elas. Ambas femininas, ambas sutis, ambas inteligentes, ambas sensíveis... Era todo um mundo a uni-las. E prefaciando o livro de Herminia Conde, Maria Eduarda escreveu estas palavras: — "Herminia Conde, remarcada poetisa de emotividade, que marcou seus versos na inspiração, como os perfumistas marcaram no álcool a essência do precioso aroma, que os tornará famosos, por sua bondade, escolheu-me para prefaciá-lo seu livro de versos, o que faço, não por me julgar uma intelectual de largos recursos, mas sim porque eu gosto muito dos poetas e não posso por isso furtar-me de satisfazer o desejo desta magnífica representante das Musas."

Mas Maria Eduarda não se contentou apenas em dizer em palavras escritas a impressão sentida. Quis também cantar nas palavras faladas de sua declaração a melodia das rimas bem formadas. E com a força incontestada de sua arte de declamadora. Disse para seus ouvintes os poemas de Herminia Conde, entre os quais destacamos o que transcrevemos a seguir:

DON JUAN

*Sinto que não me inspiras, como outrora,
poesias repletas de ternura.
Mais uma vez soa a maldita hora
para a minha alma sedenta de aventura.*

*Não me cries rancor, não sou culpada...
Vai... não te entregues ao sofrimento
[mudo,
Pois se em minha vida não serás mais
[nada,
resta-te a glória de haver sido tudo!...*

*Cobre o passado com o véu do esqueci-
[mento,
que eu não valho o teu sublime sofrimento.
[mento.*

*.....
Meu coração é um verdadeiro "Don
[Juan.."*

*Amo o meu próprio Amor, unicamente...
e uns lábios que hoje beijo ardentemente,
causa-me tédio tocá-los amanhã!...*



faça
à sua cutis
presente
ela pede:

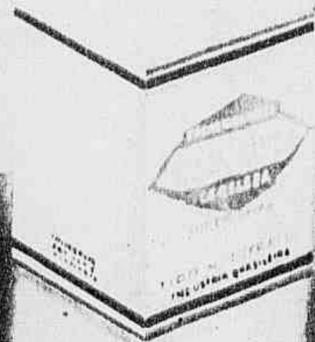
ANTISARDINA

SALVE 1946

A vocês, minhas milhares de FANS, saúde, almejado a todas um novo ano próspero e muitíssimo feliz.
ORGULHA-ME a preferência honrosa que mereço de vocês.
CONFORTA-ME a certeza de ter correspondido à confiança de todas as que a mim recorreram, proporcionando-lhes o prazer de passar mais um ano sem aborrecimentos com sua pele, sempre mais admirada e cobiçada quando usam diariamente.

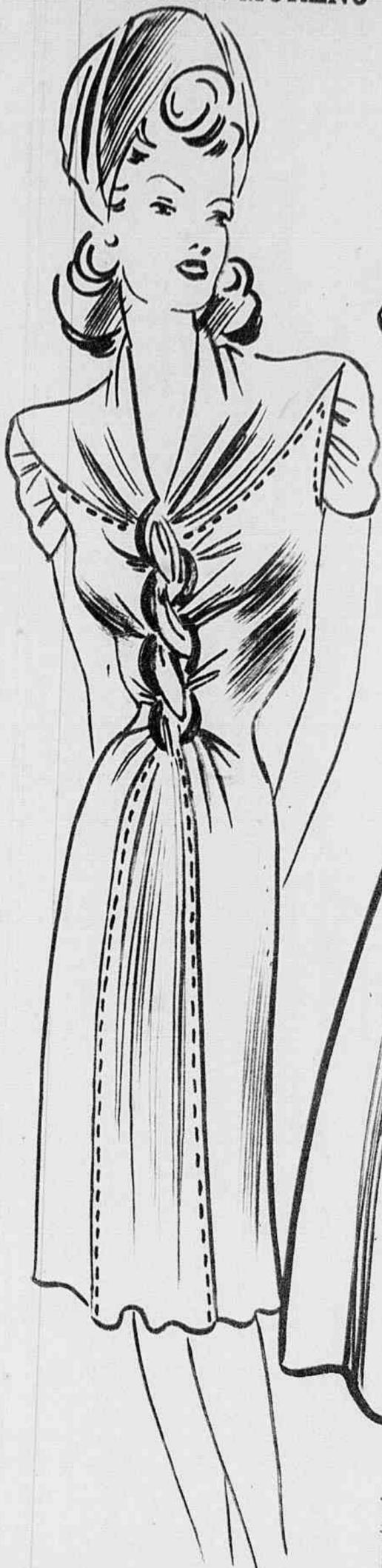
Outras amigas têm inveja da boa pele de vocês. EU, amiga sincera, uiano-me de concorrer para a perfeição de sua cutis, pois só eu produzo os efeitos anunciados e sou o único creme de beleza verdadeiramente científico.

Sua melhor amiga.
ANTISARDINA

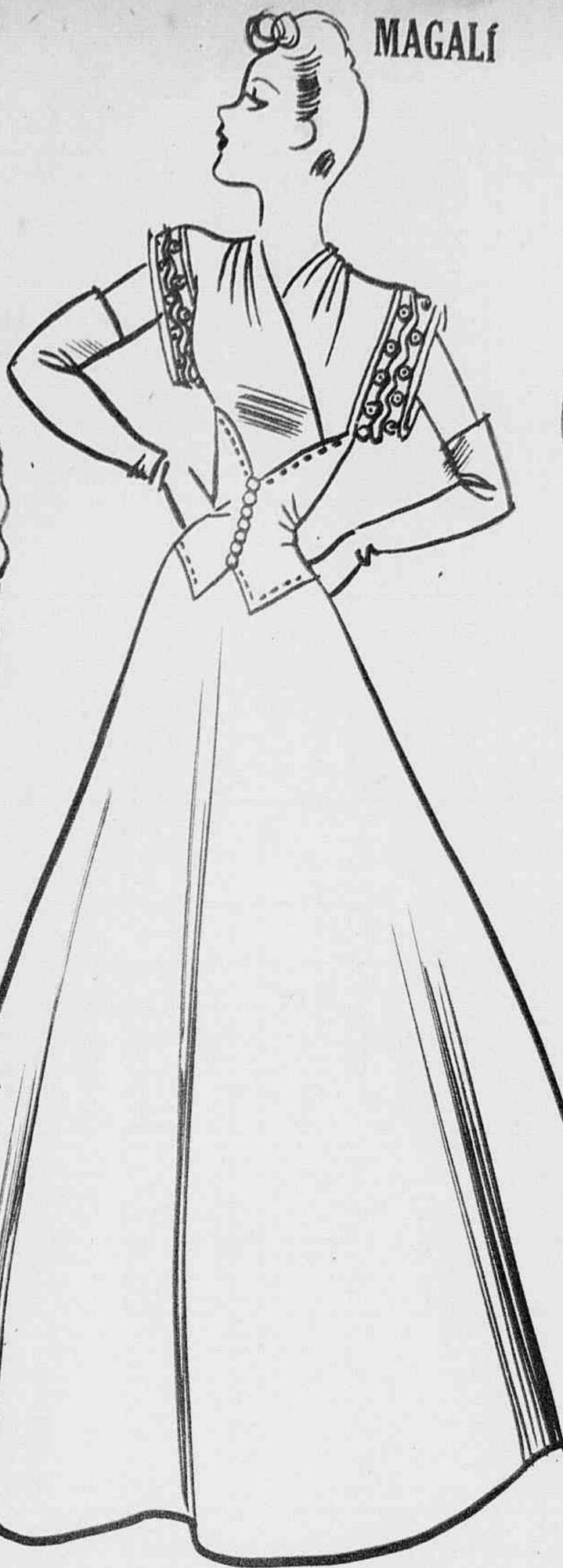


Leopoldo

JANE MORENO



MAGALI



FLOR DE LOTUS



RESPOSTAS ÀS LEITORAS

JANE MORENO — Hoje satisfação apenas uma parte de seu pedido, pois não me mandou a data completa do seu nascimento. O seu vestido deverá ser feito em seda branca, negra ou azul rei.

Guarnece-o um interessante bordado a missangas do mesmo tom.

MAGALI FIGUEIREDO THEODORO — B. do Pirai — Para a sua formatura escolhi um vestido de organza guarnecido com babados de "laize" que formam as mangas. Eis o seu estudo: Força de vontade firme, não vacila para chegar ao objetivo desejado. Mentalidade bem de-

finida. Controla seus impulsos instintivos. Constante nas suas amizades e no amor. Gostaria de ter uma bela posição social e não desdenha homenagens. Opiniões fixas, apaixonadas, por vezes exageradas. Terá dinheiro e amigos influentes. Vários filhos e possivelmente gêmeos.

* Uma herança tornará sua vida mais fácil, principalmente a de seus filhos que serão os mais beneficiados. Algumas viagens marítimas.

FLOR DE LOTUS — S. João del Rei — O modelo para o seu estampado é adornado com babadinhos "godet" do mesmo tecido. Prega funda na frente da saia. Vejamos agora o resultado de seu horóscopo: Vocação natural para as belas artes, ciências ou literatura. Poderá chegar à popularidade desde que se dedique com amor. Certa dose de inquietação, com disposição para encontrar defeito em tudo o que faz. Um tanto pessimista. Natureza mental dupla, um ver-

DULCE PEIXOTO

LUIZA D. P.

STA.

BORBOREMA



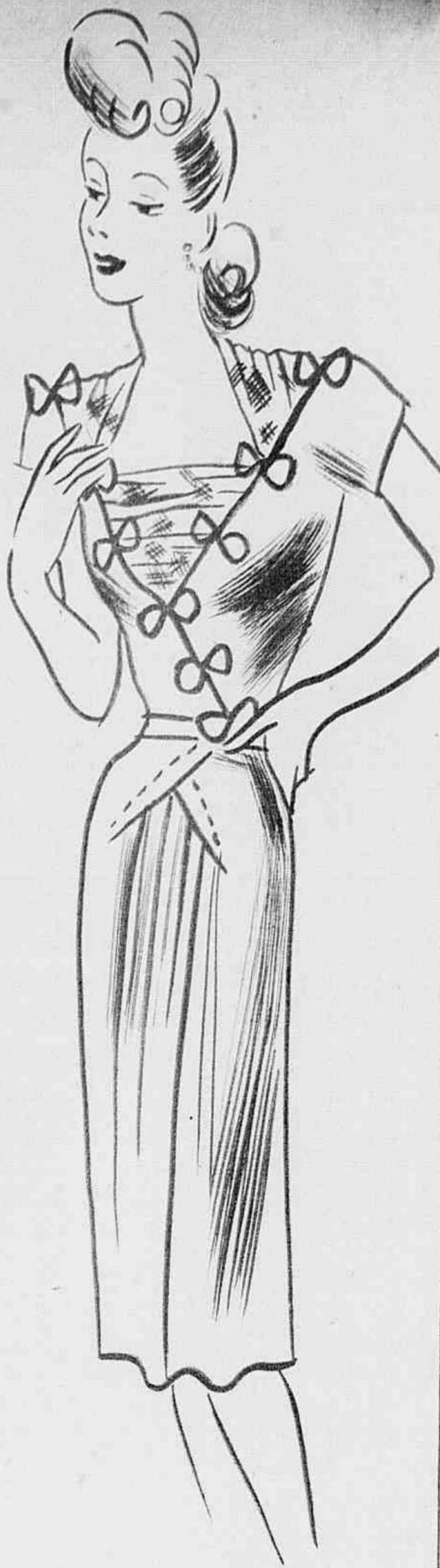
dadeiro problema para quem a procura sondar. Honesta, sonhadora e mística. Moral pura e que não obsta que ame os prazeres. Vontade firme embora mude frequentemente de objetivo. Irônica e sarcástica nas suas observações. Eloquente no discurso e na escrita. Riqueza adquirida pelos seus méritos pessoais. Dois casamentos.

DULCE PEIXOTO — Rio — Penso que ficará satisfeita com esse modelinho de casaco curto com aba "godet". Franzi-dos no decote presos por presilha. Saia ligeiramente rodada. Seu estudo: Natureza moral doce, modesta, amável e confiante. Força de vontade influenciada por motivos sentimentais. Vocação para a vida do claustro e amor às idéias divinas. Gosta de cultivar plantas e flores. Sérios discos na infância. Vida difícil no

início. Terá mais sorte depois. Uma viagem poderá trazer melhoria de fortuna. Parentes mais prejudiciais que amigos. Desarmonia entre eles. Obstáculos em questões de amor ou questões judiciais, ou discordia conjugal. Depois de grandes esforços triunfará. "Antes tarde do que nunca" deve ser o seu lema. Talvez case-se duas vezes, o segundo casamento poderá ser vantajoso.

LUIZA D. P. — S. Gonçalo — Rio —

Escolha para o seu vestido de baile um crêpe branco, opaco. Faça-o com pelerine bordada a lantejoulas prateadas. Laço do mesmo tecido arrematando o recorte da saia. Quanto ao seu horóscopo: Seria conveniente combater a teimosia e certo ar de arrogância que dificulta a



aproximação de pessoas bem intencionadas. Alimenta discussões pelo prazer de contrariar. Apesar desses defeitos que podem ser perfeitamente controlados, possui caráter reto e justo. Impressões violentas mas pouco duradouras. Gosta de impôr a sua vontade, de mandar. Terá dinheiro embora com perigo de perdê-lo. Melhoria de posição proporcionada por uma pessoa amada. Viagens. Deverá ter muito cuidado com os filhos, pois terão saúde delicada. A maior parte de sua vida será pacífica e sem acontecimentos.

STA. BORBOREMA N. PEREIRA — R. Grande do Sul — Esse modelo é de seda opaca azul celeste, com basque e gala bordadas a lantejoulas prateadas. Prega na frente da saia. Outro poderá ser feito pelo figurino indicado a Luiza. O seu estudo revela: Força de vontade firme, embora sujeita aos seus sentimentos que a subjugarão apaixonadamente. Custa a exaltar-se e muito mais a acalmar-se. Aptidão e ocultismo. Vida difícil nos primeiros anos, doença e dificuldades financeiras. Poderá divorciar-se ou ter uma complicação judiciária. Seguramente uma questão no tribunal. Probabilidades de dois casamentos. Poucas heranças. Embora a contragosto fará muitas viagens. Triunfará finalmente.

SUELY FREITAS — São Paulo — Vestido de noiva em cetim com bordados lisos formando basque. Franzidos no corpo, tiras terminadas em laço. Para o civil faça um vestido verde mar de seda de seda opaca, *guarnecidos com laços bordados a missangas brancas. Peitilho de gaze do mesmo tom de tecidos. Vejamos agora o seu heróscopo: Inteligente, engenhosa, razão fria, espírito de equidade, gosto por tudo que é honesto e reto. Natureza moral suave e modesta. Todos os seus prazeres estarão sob o seu controle e suas opiniões são fáceis de mudar. Apesar do seu signo predizer fortuna devida ao trabalho rudo e à inteligência aplicada no campo da ciência e da arte, há probabilidades de perdas tanto de dinheiro como da posição. Desarmonia em casa entre irmãos, caso os tenha. Uma separação ou divórcio causará grande aborrecimento em família. É religiosa. Viajará frequentemente. Poucos amigos e incertos.

Editora A NOITE

Temos o prazer de recomendar aos leitores desta Revista, os seguintes livros oportunos e de grande utilidade:

Heróis da História Norte-Americana — Biografia dos vultos históricos da grande Nação Irmã — por Fortunato Azulay Cr\$ 35,00

—o—

Os Homens da Guerra — Histórico da 2.ª Guerra Mundial, com estudo primoroso sobre suas causas, seus responsáveis e os defensores da humanidade, salva pelas Nações Unidas. Trabalho destinado aos homens de boa vontade (numerosos clichês) — de Epaminondas Martins (Livro publicado neste mês) 40,00

—o—

CONTOS, ROMANCES E NOVELAS

(Salomé) — De Menotti Del Picchia 18,00
Lais — De Menotti Del Picchia... 8,00
Antologia dos Contos Brasileiros — De Donatelo Grieco 8,00
Ânsia Eterna — De Julia Lopes de Almeida 7,00
Amor de Sogra — De Epiteto Fontes 6,00
Salvação — De Itala Gomes Vaz de Carvalho 6,00
Fuga e outros Contos — De R. Magalhães Jr. 5,00
A Dama da Túnica Escarlate (C. Policial) de Doriol Taborada 7,00
Os Casos do Carimbamba — De Amadeu Queiroz 6,00
Aconteceu... Ou poderia ter acontecido — De Bastos Tigre 8,00

HISTÓRIA E BIOGRAFIA

Os Anos Perigosos da Inglaterra — De Paul Frischauer 25,00
Episódios Históricos do Brasil — De Heitor Moniz 10,00
Caiapônia — História romanceada da terra e do homem do Brasil Central, escrita pelas Bandeiras — de C. Chaves 30,00
Precursoras Brasileiras — De Barros Vidal 40,00
Grandjean de Montigny — De A. Morales de los Rios (cartonado) 40,00
Rodrigues Alves e sua Época — De Gastão Pereira da Silva 10,00
Amor Infeliz de Marília e Dirceu — De Augusto Lima Jr. 6,00

IMPRESSÕES DE VIAGEM, PROBLEMAS BRASILEIROS E POESIA

Estados Unidos de Leste a Oeste — De Pedro Calmon 18,00
Sociedade Rural — De A. Carneiro Leão 10,00
No Império de Boiuna — De Guttemberg Fernandes 10,00
Canto de Minha Terra — Poesias — 3.ª ed., de Olegario Mariano 12,00
Bandoleiros das Caatingas — Reportagens — de Melquiades Rocha 12,00

—o—

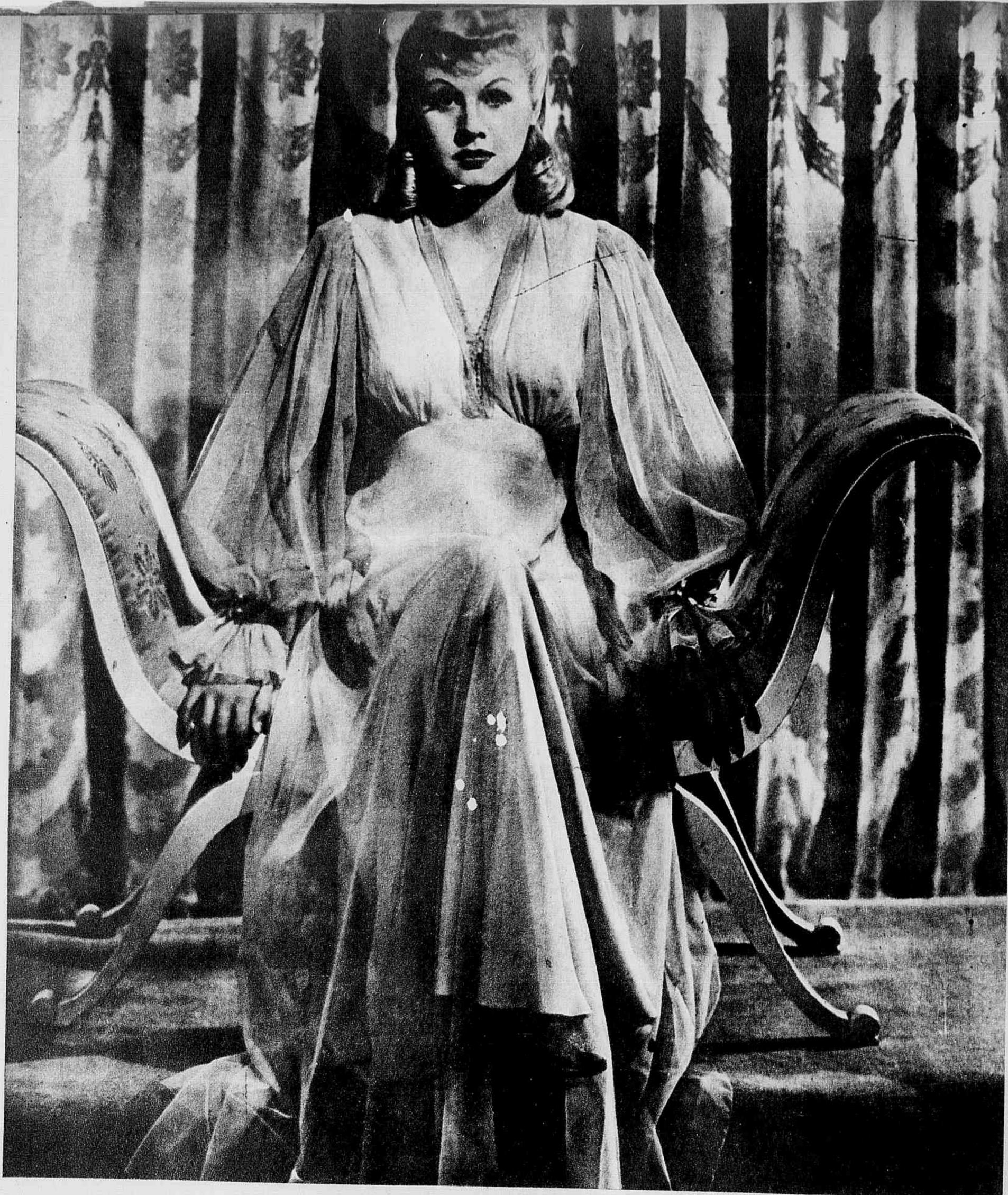
À venda em todas as Livrarias. Para revendedores e "Reembolso Postal" — pedidos a

EDITORIA A NOITE

Rua Sacadura Cabral, 43

— RIO DE JANEIRO —

(PEÇAM CATALOGOS)



NA INTIMIDADE

O nosso lar deve reunir um conjunto de fatores harmoniosos que o tornem agradável e aconchegante.

Infelizmente nem todos possuem bom gosto para adorná-lo com objetos graciosos, para despi-lo de enfeites banais, para reunir

dentro dele o conforto e a beleza. É verdade que muitas revistas trazem idéias sobre a ornamentação de casas, quer suntuosas quer rústicas e modestas.

Entretanto, não só os móveis e os adornos serão suficientes para fazer do lar, um "sweet home", a verda-

deira suavidade deve vir da alma dos que nele moram, deve se desprender em cada gesto, em cada palavra. Uma atitude brusca e impensada, uma frase violenta poderá romper as puras vibrações que o percorrem.

É comum entre nós o tipo de marido que volta para

a casa, depois do trabalho, mal humorado e com pouca disposição para amabilidades, talvez por fadiga, talvez porque os negócios não lhe corressesem bem, talvez por falta de controle de educação. A esposa ao vê-lo ou sufoca a alegria ou assedia-o com perguntas que servem



apenas para irritá-lo ainda mais.

Esses maridos que fazem do lar uma sucursal da casa de negócios deveriam ir para uma "Escola de maridos", não para aquela que o despetto de Mollière descreve, mas para uma escola que ensinasse maneiras gentis e o modo de cultivar o bom humor.

E as esposas de gênio irascível para outra de combate ao ciúme e às perguntas impertinentes. Só assim o casamento deixaria de amedrontar os celibatários que veem nele uma verdadeira cruz.

Outro fator que contribui de maneira extraordinária para manter a alegria do interior é a maneira com que ambos os cônjuges se apre-

sentam. Não é pelo fato de se acharem na intimidade que o homem deve se apresentar com um pijama velho e a esposa com um "peignoir" desbotado. Isto depõe contra o senso estético de ambos, principalmente na época atual em que esse problema é resolvido com trajos caseiros elegantes e graciosos, tal como vemos no cinema.

Num ambiente luxuoso, um "peignoir" de organza como o de Jean Philli causará sensação.

O de seda adamascada e as sandálias de cetim com "ruches" são de perfeita elegância.

A renda e o cetim ficam sempre bem na "lingerie", assim pensa Joyce Reynolds.

A Arte Lírica na França

ENTRE os nomes que hoje vemos brilhar na arte lírica francesa, nem todos são os mesmos que durante os anos de glória e sucesso se irradiaram pelos quatro cantos do mundo.

Contamos ainda com Ninon Vallin, cuja voz, maravilhosamente pura, continua entusiasmando os amadores do belcanto. Georges Thill, novamente dominando as platéias após cinco anos de silêncio, Georges Bourdin, o excelente barítono da Ópera-Cômica que mereceria ocupar um papel mais em evidência e um lugar de maior destaque.

Lily Pons, tornou-se a estrela mais popular da América. Muito trabalhou ela pela França, e, embora não a vejamos senão de quando em quando, ela conservou, apesar da distância que a separava da Pátria, um coração bem francês. De regresso à França, assistiu, a 25 de agosto último, à festa de aniversário da Libertação, dando-nos, mais uma vez, provas de sua excepcional virtuosidade.

Artistas jovens, porém, vieram acrescentar sua glória à dos nomes já consagrados. Entre eles, podemos citar: Germaine Roger, cuja voz e encantador sorriso iluminam a cena da Ópera-Cômica, onde canta "Malvina", de Reynaldo Hahn; Mado Robin, uma das maiores sopranos do mundo, aluna de Marie Podesta, que na Ópera, após ter recantado o "Rigoletto", renovou contrato e interpreta ao lado de Janine Michaud, "La flute enchantée" de Mozart, no tom original. Geori Foue, cantora que, com grande êxito estreou, não há muito, na Ópera de Toulouse, conquistando, pelo valor de sua voz renome internacional. Malibran do echan, ela tem aberta diante de si uma brilhante carreira; Irene Joachim e Jacques Jansen, brilhantes intérpretes de "Pelléas e Mélisanda" de Claude Debussy, ótimos artista tanto na Ópera-Cômica como na gravação de discos clássicos.



Jacques Jansen



Lily Pons

Acrescentamos, também, Jansen, o melhor aluno de Panzera, que um acaso conduziu à carreira artística. Decorador de profissão, viu-se obrigado, por prescrição médica, a praticar canto para higiene respiratória. A receita lhe valeu a revelação de uma linda voz. Primeiro prêmio de Canto e Comédia no Conservatório, Jansen estreou em 1934, interpretando uma Cantata de Monteverdi,

sob a tireção de Charles Munch. Desde então adquiriu sua nomeada. Brilhante intérprete de numerosas operetas, prima sobretudo, como Danilo, em "Viuva Alegre" e Florestan em "Veronique". É o cantor das melodias de nossos grandes mestres de canto. Ninguém melhor do que ele sabe dar toda força de emoção aos amores do poeta de Schumann, aos cantos religiosos de Beethoven ou às melodias de Gounoud ou Faure.

Com tais artistas, a França possui mais que esperanças... Possui certezas. Geori Boue, Irene Joachim e Jacques Jansen, são os nomes dos que resumem todo o porvir do canto na França.

**Do Serviço Francês de
Informação
Especial para CARIOCA**

GIACOMO VAGHI

CANTARÁ NO "METROPOLITANO"

O trem corria velozmente em busca do seu destino. Alguém à minha frente falava sobre assuntos líricos e o nome do "baixo" Giacomo Vaghi veio à tona. Comentários à propósito da última temporada lírica do Municipal e a ausência desse notável artista no elenco. Nem todos diziam a verdade sobre o assunto. Opiniões desencontradas. Uma senhora já idosa era a que mais perto da questão andava. Por vezes, ponderava com grande acerto e, no meu íntimo aplaudia-a, gostosamente. Afinal, chegamos a um ponto da palestra que veio dar ao reporter excelente oportunidade de escrever. Giacomo Vaghi iria, contratado, cantar no "Metropolitano Ópera House" de Nova York, ao invés de seguir para a Itália, como, à princípio, por meu intermédio, ficaram sabendo os nossos leitores. Coisas de teatro. Giacomo Vaghi deixará o Rio, no próximo dia 29, devendo fazer sua estréia no importante teatro no dia 11 de fevereiro, com a ópera "Il Barbieri di Sevilgia", em que esse consagrado cantor tem uma das suas maiores criações. O seu "Dom Basilio" é um trabalho excepcional no teatro de aquele teatro não causa surpresa, porquanto, em 1940, dirigia uma carta ao ópera. Aliás, para mim, sua ida para "manager" daquele teatro, Mr. Jonhson, no sentido de encontrar possibilidades de

(CONCLUE NA PÁGINA 56)

Sua partida para os Estados Unidos, no próximo dia 29 — Estreará no dia 11 de fevereiro com "Il Barbieri di Sevilgia" — Despedindo-se do sítio "Rancho Grande"...

De MARTINS DA FONSECA, Para CARIOCA



Giacomo Vaghi



PERGUNTE O QUE QUISER

CONCURSO RELÂMPAGO DO P. Q. Q.

Como prometi, aqui estão as bases do primeiro concurso organizado nestas valorosas páginas de "Pergunte o Que Quiser", por intermédio da sua mais notável revista amigo leitor, que é a CARIÓCA. Pretendendo alargar ainda mais o número de fans premiados, resolvi elevar o número de fotos de Rita Hayworth além dos 25 primeiros premiados, a cem (100), ao contrário dos cinquenta (50) como havia dito antes. Portanto, ficará assim composto os prêmios: do 1.º ao 25.º colocados — 2 fotos (Rita Hayworth e Lee Bowman). Do 25.º ao 100.º colocados — 1 foto de Rita Hayworth. Tudo de acordo? Pois então vamos a ele!

★

Rita Hayworth é indiscutivelmente uma das mais queridas figuras que o cinema já possuiu, e os seus films se contam por sucessos. Quem não se lembra ainda de "Modelos", o suntuoso musical da Colúmbia que marcou a sua última aparição nas telas do Brasil? Pois bem, a linda estréla aí vem de novo e num musical tecnicolorido que marcará época. Sobre esse film encantador, é que versam as perguntas que se seguem:

- 1.ª — Qual o título do próximo film de Rita Hayworth?
- 2.ª — Quais os astros de primeira grandeza que com ela aparecem nesse film? Olhe que são três!
- 3.ª — Nesse novo tecnicolor de Rita aparecem duas garotas sensacionais, que veremos já como estrelas em "Aladim e a Princesa de Bagdá". Quem são elas?
- 4.ª — Qual o título da composição musical que "Modelos" popularizou?
- 5.ª — Qual o ator que secundou Rita Hayworth e Gene Kelly em "Modelos" é agora o "leading-man" de Rita em seu novo musical. Qual o nome dele?

★

Aos primeiros cem (100) concorrentes que enviarem respostas certas do teste acima à Carlos Fernando, "Concurso Relâmpago PQQ" — Redação de CARIÓCA, Praça Mauá, 7, 5.º andar, Rio de Janeiro, estarão aptas a receberem o prêmio oferecido. A relação dos premiados será brevemente dada a publicidade, a fim de que os leitores do Distrito Federal possam vir buscar aqui na redação. Aos leitores do interior serão enviados pelo correio. Mão à obra pessoal! Toca p'ro páu, e fogo na caldeira!!!

CORREIO DOS FANS

RUTH SANTANA MAGAGGI — Paranaguá, Paraná — Alô baby? Queira tomar nota das suas respostas "please"! Jane Withers atualmente não tem estúdio certo. Nelson Eddy está na Metro Goldwyn Mayer que fica em Culver City, Califórnia. John Boles também não tem produzido nada atualmente, o que torna difícil saber se ainda tem contrato com alguma companhia, e Linda Darnell pertence a 20th. Century Fox Studio,

Box 900, Beverly Hills, Califórnia, USA. Deana Durbin é casada com o produtor Felix Jackson, e nasceu em 4-12-1922.

ANTONIO PACHECO — S. Paulo — Caro amigo leitor: sinto não poder atendê-lo no que concerne ao pedido da norma de carta em inglês. Isso porque é contraproducente para a maioria das estrelas de Hollywood, chegando algumas delas a receber milhares dessas cartas na maior parte todas iguais. Portanto não se avexe, e escreva mesmo em português que o resultado é o mesmo. Sim June Allyson casar-se-á muito brevemente com Dick Powell. Desculpe o retrospecto e apareça.

G. S. SANTO — João Pessoa — John Haii, Maria Montez e Sabú fazem parte do cast da Universal Pictures Studios, que fica situado em Universal City, Califórnia, USA. Você já notou o quanto está sendo modesto entre esta turma que aqui responde? Pois bem; se todos fossem assim como você, daria espaço para muita gente, e um maior número de pessoas seria satisfeita nos seus pedidos não acha?

MAHONEY — Campos de Jordão, São Paulo — Ok Boss! Aceite meu "quebra-costelas" e outros bichos!... As suas respostas, são as seguintes: 1 — Metro Goldwyn Mayer British Studios Ltd., Denham, Uxbridge, Middlesex, England. 2 — Não sei informar se este número encontra-se esgotado — o preço é de dois cruzeiros. 3 — A biografia de Dian Lynn continua na "fila" das próximas publicações. Thank's!

ALCINDA WAGNER — Rio — Querida fan: O nosso amigo José Mojica, continua satisfeíttimo entre as montanhas do Perú, interpretando o mais sério papel de sua vida. Bem a pouco tempo, cantou êle numa procissão em louvor ao Senhor dos Milagres, diante de uma multidão de ifiéis calculada em 50.000 pessoas. Está satisfeita? Então apareça sempre que terei o máximo prazer em atendê-la no que fôr possível. — C.

GABRIEL SILVA — Rio — Francamente amigo leitor; não creio nada na veracidade dessa notícia sobre Nelson Eddy (talvez nem o coitado saiba disso), porque senão os jornais diários teriam anunciado em primeira mão, não acha? Talvez mesmo, a sua dedução esteja errada concorda? Enfim isso tudo é boato em primeiro grau. 2 — Jane Withers atualmente não tem contrato com nenhuma companhia de cinema. Fez "Estrela do Norte" para a RKO, e já tem outro celulóide na Republic ainda sem título em português. 3 — São os seguintes os endereços das companhias cinematográficas: Warner Bros. Studios, Burbank, Califórnia. Colúmbia Pictures Studios, 1438 Gower Street, Hollywood, Califórnia. RKO Radio Pictures Studios, 780 Gower Street, Los Angeles, Califórnia. Walt Disney Productions, 2917 Hyperion Avenue, Hollywood, Califórnia. Selznick International Pictures Inc., 9336 Washington Boulevard, Culver City, Califórnia. 4 — As Andrews Sisters não têm contrato certo com nenhum deles, mas têm atuado com muita frequência nos estúdios da Universal. 5 — Marlene Dietrich virá brevemente ao lado de Ronald Colman integrando o "cast" de "Kismet" para

a Metro. Quanto a Jeanette McDonald e Greta Garbo, nada ainda em cartaz. Carmen Miranda somente em princípios de 1946, que irá definitivamente para a Universal.

JAIRO NUNES QUNHA — Realengo, D. F. — Grande amigo: Vamos deixar de pinimba, e diga aos seus amigos que a estrela principal de "Estrada Proibida", é Lana Turner. Não poderei lhe dar a minha cotação de "Vidas Solitárias", porque achava-me fora quando foi exibido o citado film nos nossos cinemas.

ARMANDO VIANA — Meu amigo, você poderá se corresponder com Betty Grable, escrevendo suas cartas para a 20th. Century Fox, Box 900, Beverly Hills, Califórnia, USA.

HUMBERTO DO VAL — Embora você não tenha assinado a sua última carta, pude adivinhar pela sua predileção a respeito de Lynn Bari. Não tem muito que esperar, porque "O Capitão Eddie" estará ainda esta semana em cartaz. A biografia de Susan Hayward brevemente darei à publicidade, pois já me encontro possuidor da mesma. Lynn como faz parte dos estúdios da Fox, tem como endereço o seguinte: 20th. Century Fox Studios, Box 900, Beverly Hills, Califórnia, USA.

ADAIR PALÁCIO — Hellô baby ! Coitadinha, só isso ? Pois bem, tome nota, que aí vai: — Claudette Colbert, Paramount Pictures Studios, 5451 Marathon Street Hollywood, Califórnia, USA. Apareça que estarei sempre pronto para atendê-la.

WILSON SANTANA — Ida Lupino faz parte do "cast" da Warner Bros. Pictures Studios, Burbank, Califórnia, USA. Quanto a Veronica Lake, seu endereço é o mesmo dado para a ilustre leitora Adair Palácio. Portanto, queira tomar nota "please".

JOSÉ FARIAS — Atendendo o seu pedido, aqui vai o endereço de Roddy McDowall o notável intérprete de "A Força do Coração". Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia, USA.

A. S. MELLO — Meu amigo, o diretor Irving Cummings, emprega seus esforços para os estúdios da Colúmbia. Qualquer coisa mais, apareça que aqui estou.

JOSÉ ROBERGE — Satisfazendo o seu pedido, aqui vão os seguintes endereços: Libertad Lamarque — Estúdios San Miguel, Buenos Aires, República Argentina. Ivonne De Carlo e Maria Montez — Universal Pictures Studios, Universal City, Califórnia, USA. Ann Sheridan — Warner Bros. Studios, Burbank, Califórnia, USA. E finalmente Gene Tierney — 20th. Century Fox Studios, Box 900, Beverly Hills, Califórnia, USA.

Maria Montez se apresentará brevemente aos seus inúmeros fans, em seu último film "A Rainha do Nilo". Trata-se de um suntuoso tecnicolor de muita ação, aventuras e romance. John Hall desta vez perde parada para Turhan Bey. Trata-se de um dos romances mais românticos e aventureiros jamais filmados em Hollywood. Naila, a filha espirituosa do Rei Khemmis, cujo corpo havia sido encontrado e que indicava uma morte misteriosa, sobe ao trono com a morte do pai, mas a camarilha antiga tece um complot para se apoderar do trono, derrubando a princesa.

Primeiro torna-se necessário desfazer-se de Naila, e para isto ela é vendida em leilão de escravas. Ela, porém, consegue fugir de maneira espetacular, e acaba no deserto, onde a encontra desfalecida um grupo de aventureiros. John Hall e Andy Devine, ambos tomam contra da bela adormecida, levando-a para lugar desconhecido.

Mas a fatalidade quer que Naila e seus salvadores sejam presos pelos mercadores de escravos e terão agora que enfrentar a força, quando surge inesperadamente Turhan Bey, líder de um grupo de escravos foragidos. Somente depois de uma luta encarnecida entre os vassalos do rei, o antigo ministro e Turhan e seus companheiros é que se revela a verdade. Ele, Turhan, está inocente, o rei foi assassinado, mas quem é o verdadeiro culpado ? Bem, isto deixarei a cargo de você. Afinal de contas, não me considero nenhum amigo da onça !



Irmã de sua filha...
PORQUE A SUA CUTIS MANTEM A ETERNA MOCIDADE



ONDE NASCE A VELHICE
RUGAS NA TESTA - Marcam o fim da mocidade... destroem a beleza. Entretanto, Rugól as faz desaparecer em poucos dias.
PÉS-DE GALINHA - Pequenas rugas que aparecem no canto dos olhos dando ao rosto a aparência de muitos anos a mais.
CRAVOS E ESPINHAS - Frequentes defeitos da cutis feminina, em qualquer idade. A ação de Rugól é de toda a eficácia no combate a estas imperfeições.

Um só creme, que atua interna e externamente, sobre a pele!

Rugól realiza um tratamento de beleza completo. Veja como êle atua quando aplicado em sua pele.

Rugól penetra até as camadas sub-cutâneas e ativa a circulação do sangue nos tecidos e músculos. Remoça-os e fortalece-os. Estimula o funcionamento das glândulas e promove a renovação das células. Externamente Rugól exerce uma ação suavizante, corrigindo tanto o ressecamento como a oleosidade da cutis e fechando os poros dilatados. Remove também os resíduos de poeira e *maquillage*. Comece hoje mesmo a usar o Creme Rugól e em pouco tempo notará o desaparecimento de rugas, cravos, manchas e espinhas.



Quasi todas as imperfeições da pele nascem nas camadas sub-cutâneas, onde Rugól exerce a sua ação estimulante e nutritiva. Aplique Rugól todas as noites em massagens de 3 a 5 minutos.



CREME
RUGÓL

LABORATÓRIOS
ALVIM & FREITAS
SÃO PAULO



Conserva a sua idade em segredo!

LEITOR AMIGO!



PARA MAIOR
RAPIDEZ

PEÇA O SEU LIVRO DIRETAMENTE À
LIVRARIA DA A NOITE
PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

SEMPRE AS
MAIORES
NOVIDADES
EM TODOS OS
GÊNEROS
LITERÁRIOS

AVD. RIO BRANCO, 120 - LOJ. 18 - 20 -- RIO DE JANEIRO

**LIVROS DE TODOS OS EDITORES PARA HOMENS, SENHORAS,
MOÇAS E CRIANÇAS!**

SABEDORIA DA CHINA E DA ÍNDIA, de Lin Yutang — Uma antologia dos tesouros das suas grandes literaturas orientais, coligida, anotada e prefaciada pelo notável escritor chinês — Volume em brochura, Cr\$ 80,00, e encadernado	Cr\$ 100,00
AGENTE PRESIDENCIAL — Romance, intriga e história moderna num novo e espetacular romance de Upton Sinclair — Brochura	Cr\$ 45,00
TALLEYRAND — Na lista de obras ultimamente publicadas, que de perto ou de longe tratam da política internacional de todos os tempos, o "TALLEYRAND", de Duff Cooper, merece destaque pelos infinitos ensinamentos que contém — Brochura	Cr\$ 25,00
ROMANCES:	
A ABADIA DE NORTHANGER, de Jane Austen, trad. por Ledo Ivo, Broch.	Cr\$ 18,00
DIANA, de Emil Ludwig, trad. por Oswaldo Alves, Broch	Cr\$ 22,00
A MÃE DOS DESAMPARADOS, de Perez Escrich, Broch.	Cr\$ 35,00
O INFERNO DOS CIUMES, de Perez Escrich, Broch.	Cr\$ 30,00
MULHERES DE BRONZE, de Xavier de Montepin, Broch.	Cr\$ 35,00
O ROMANCE DE TERESA BERNARD, da Sra. Leandro Dupré, Broch.	Cr\$ 30,00
MANSFIELD PARK, de Jane Austen, Broch.	Cr\$ 15,00
O MANTO DE CRISTO, de L. C. Douglas, Broch	Cr\$ 40,00
O ROMANCE DO DR. HARVEY LEITH, de A. J. Cronin, Broch. ..	Cr\$ 15,00
RESSURREIÇÃO, de Machado de Assis, Broch.	Cr\$ 18,00
RELÍQUIAS DA CASA VELHA, 2 vols., Machado de Assis, Broch. ..	Cr\$ 36,00
OS MISERÁVEIS, de Victor Hugo, 2 vol., Broch.	Cr\$ 50,00
SÉRIE CLÁSSICA:	
JERUSALÉM LIBERTADA, 2 volumes	Cr\$ 80,00
Torquato Tasso, trad. por Ramos Coelho	
A. F. DE CASTILHO — Obras — 2 volumes	Cr\$ 80,00
ORLANDO FURIOSO — Ariosto — 2 volumes	Cr\$ 100,00
VERGÍLIO — Obras completas	Cr\$ 40,00
IBSEN — Teatro	Cr\$ 30,00
HEINE — Obras	Cr\$ 30,00
BYRON — Obras	Cr\$ 30,00
DEFOE — ROBINSON CRUSOÉ	Cr\$ 25,00
DIVERSOS:	
A CÔRTE DE D. JOÃO NO RIO DE JANEIRO, de Luiz Edmundo 3 vol.	Cr\$ 180,00
PROBLEMAS DA GUERRA E DA PAZ, de S. S. o Papa Pio XII, prefaciado por D. Manuel Gonçalves Cerejeira, Broch.	Cr\$ 30,00
A NATUREZA DO ESPÍRITO E DO HOMEM, do Rev. C. Giles, trad. por A. de Gregorio, Broch.	Cr\$ 10,00
A MULHER NA RÚSSIA, de Gastão Pereira da Silva, Broch.	Cr\$ 14,00
A RELIGIÃO NA RÚSSIA SOVIÉTICA, de N. S. Timasnef, Broch	Cr\$ 18,00
HISTÓRIA DA RÚSSIA, de Otto Shneider, Broch.	Cr\$ 50,00
CASAMENTO, MORAL E GUERRA, de R. Malkin, Broch.	Cr\$ 22,00
CORRESPONDÊNCIA, de Machado de Assis, Broch.	Cr\$ 18,00
TIRADENTES, de Luís Pinto, Broch.	Cr\$ 16,00
TERRA VIRGEM, de Turguenev, Broch.	Cr\$ 20,00
IVANA ROWENA, de P. Mac Nilven, Broch.	Cr\$ 25,00
UMBANDA, de João de Freitas — "Rituais, Reportagens, Entrevistas, Comentários, etc." — Broch.	Cr\$ 10,00

LIVRARIA DA A NOITE

AVENIDA RIO BRANCO, 120, LOJAS 18 E 20 — RIO DE JANEIRO
ACEITAMOS PEDIDOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

**POR TR
D I**

As cartas para esta seção devem ser dirigidas a Miguel Curi, Praça Mauá, 7 — redação de CARIOCA — Rio.

PARA O CARNAVAL

As previsões para este Carnaval são de que será superior aos dez anteriores.

E o será, não há dúvida, pois o término da guerra, a normalização da nossa vida política, o advento da era que se presume seja a da paz — tudo isto, adjuado a outros fatores e circunstâncias — farão, da máxima tertúlia dos cariocas, uma apoteótica manifestação de regozijo ao triunfo das Nações Unidas sobre os componentes do Eixo nazi-nipo-fascista.

E quando entrarmos nos cordões, cantemos a marcha "Perdão, madame", e o samba "Última chance" — composições de Roberto Martins e Mario Rossi, gravadas por Gilberto Alves.

Os versos de "Perdão, madame":

Perdão, madame,
Permita que eu lhe chame
Para reclame
Do meu bazar.
O seu retrato
Numa capa de revista,
Será um sucesso
Espetacular.
No chá das cinco, no mundo inteiro,
Entre senhoras da alta roda:
— Sua beleza correrá de boca em boca
E o seu nome ficará na moda.

ÚLTIMA CHANCE

Tens o corpo marcado e eu sei o motivo,
Tens a alma cansada de tanto penar,
Por que é que não vens procurar lenitivo
Na última chance que eu quero te dar?

Se falam de ti — eu escuto e não ligo,
A boca do mundo não sabe o que diz,
O meu coração sempre foi teu amigo
E ainda deseja que sejas feliz.

A MÚSICA DO LEITOR

Para os colecionadores, aqui apresentamos, por um "tour de force", a letra do último tango vindo da Argentina — "Mi último tango" — cujo título parece um mau agouro ou um grito de desesperança dos seus autores: German Rogelio Teisseira e José Fernandez.

Vamos ao que diz:

Di mi pasión
a la mujer que adoré.
Más su incomprensión
destrozó mi fe.
Fué mi sentir
distinto al suyo tal vez.
No nos compendimos
jamás en el querer.

AS DO AL

Fulgor, ensueños y un ayer
sellaron mi último tango!
Amor, cariño y fiel pasión,
éste es mi último tango!
Adiós, rosadas esperanças!
Adiós, quimeras de mi vida!
Hoy el destino apagó,
las luces de mi ilusión.

Hoy mi perdón
le dí al Ser que adoré.
Y mi corazón
perdonó también.
En el dolor
busqué la resignación.
Y en éstas verdades
sabrà mi padecer!

CORRESPONDÊNCIA

Aos que se acham inscritos nesta seção, fazemos, hoje, dois pedidos. O primeiro é que nos digam — os que tiverem menos de vinte um anos — qual é a sua idade. O segundo é para que renovem sua inscrição, sob pena de cancelarmos os nomes dos que assim não procederem.

Em seguida, daremos nos nomes das pessoas que pretendem cartear-se com os seus patricios. Após os nomes, vêm — quando preciso — a idade, os temas e os estados preferidos por quem deseja corresponder-se, além do endereço.

CURITIBA — Sandra Maria Azevedo (R. Zibagi, 389). Assis de Miranda (17 anos — R. Comendador Araujo, 460). Levy Forbeck (R. Paula Gomes, 217). René Milton Speltz (Campinas — Alameda Julia da Costa, 413). Antonio Havro (Praça Tiradentes, 246). Ney de Oliveira (R. G. do Sul, São Paulo, Rio e Minas — Avenida Vicente Machado, 130). Celso Castro (Rio, São Paulo e Minas — C. Postal, 276). Cilda Oliver (R. Ermelino Leão, 513). C. S. Oliveira (R. São Paulo, 90 — Água Verde).

RIO AZUL — Paraná — Amílcar J. Castro (Hotel do Comércio).

RECIFE — Joseph Dietz (Com estudantes pernambucanos — R. Tupiniquins, 317 — Sto. Amaro).

SALVADOR — Bala — Osvaldo Cova (R. Senador Costa Pinto, 7). Hildemar Cunha e José P. Netto (R. José Marcelino, 37 e 38). Afrânio Andrade (Praça Barão do Triunfo, 11).

S. LUIZ — Maranhão — Lena C. Branco (Com alagoanos de São Miguel de Campos — R. Herculano Parga, 53). Ivana Carvalho (R. 14 de Julho, 183).

GOIAZ — Goiaz — Indiana de Alencar (C. Postal, 7). Maria Bastos e Joselina Abreu (Goiaz).

CAMPANHA — Sul de Minas — Enaura Ricardo (R. Toledo Pisa, 422).

CAMPOS — Est. do Rio — Heloisa Marques, Suely Cheny e Katia Helena (R. Aquidabã, 122). Wilson Costa (R. Barão do Amazonas, 92). Afonso e Antonio Pin-

to (R. 13 de Maio, 167). Maringá Medeiros e Suzy Severn (R. Ipiranga, 25). Regina Caram (R. Oliveira Botelho, 159). Margaret de Oliveira (R. Barão do Amazonas, 48).

VILA FREDERICO WESTPHALEN — R. G. do Sul — Wilson Farias (R. Cel. Aparício Borges).

P. ALEGRE — Fernando de Almeida (R. Felicissimo de Azevedo, 272). Odete de Souza (Rio, Baía, Maranhão e Amazonas — R. Gaspar Martins, 123).

MONTENEGRO — R. G. do Sul — Flor de Lis Lamport (R. Assis Brasil, 1.200). Lezi Tabajara (Com os filatelistas — R. Ramiro Barcelos, 1673). Eneidi Wolff (R. Osvaldo Aranha, 2042). Java Maciel (R. Dr. Flores, 1252). Myriam Morschell (Tupandí). Nadia Montovani (R. Osvaldo Aranha, 2206).

SÃO LEOPOLDO — R. G. do Sul — Oyara Kley (R. Bento Gonçalves, 612). Terezinha Seixas (R. São José, 364).

B. HORIZONTE — Sergio Gonçalves (R. Pitangui, 1530 — Floresta). G. Andrade (Rio e Minas — C. Postal, 129). Sebastião de Carvalho (R. Contagem, 508 — Carlos Prates). Marco Antonio (R. Baturité, 98 — Floresta). Neuza (R. Varginha, 501 — Floresta).

LAMBARI — Minas — José Magalhães (C. Postal, 43).

VARGINHA — Sul de Minas — Maria de Souza (Hotel Maduro). Maria Reis, Cíntia Leal, Ivete Maria, Sylvia de Souza, Maria Alice Bueno, Valkiria Correa Edward de Toledo e Vera Martins (C. Postal, 81 — 81 — 74 — 26 — 107 — 132 — 74 — 27 — 26). Ana de Almeida (São Paulo, Rio e Minas — C. Postal, 96). Ana Maria de Mendonça, Marta de Almeida e Sônio Torres (C. Postal, 96). Solange Pádua (R. Sta. Cruz, 270).

PAINS — Minas — Waine Coimbra (Pains). Grace Moura e Dora Silvia (Via Formiga).

ARAGUARI — Minas — E. Clerici (C. Postal, 60).

DIST. FEDERAL — Aloysio Cerlitzki (Acre e Amazonas — Parque de Aeronáutica dos Afonsos — Arquivo da Direção Técnica — Marechal Hermes). Maria Terezinha (R. Barão de Bom Retiro, 828 — Grajaú). Adolfo Monteiro (R. Alvaro Ramos, 105 — apt. 102). Luiz de Carvalho (R. Queiroz Lima, 54 — apt. 201). Henrique Gomes (R. Barão de São Feliz, 144 — sob.). Celita Gurgel (R. Roberto Silva, 104 — Ramos). Cacilda de Oliveira (R. Pompílio de Albuquerque, 136 — Encantado). Joana D'Arc França (Com universitários de Minas. E. Santo e o Sul — R. Pereira da Silva, 140 — Laranjeiras). Libanta Gonçalves (Cartas em inglês, com todo o Brasil; em português, com S. Cat., Baía e B. Horizonte (R. São Cristovão, 1259 — apt. 301). Cheila Wandrey (16 anos — R. G. do Sul — R. Sorocaba, 637 — apt. 1 — Botafogo). Nina Rosa Basbaum (R. Senador Vergueiro, 55 — apt. 602 — Flamengo). Ridovalda Maria (R. Vis. de São Vicente, 106 — Grajaú). J. Lourdes de Oliveira (História e Literatura — Ouro Preto, São João Del Rei e Sabará — R. Bueno de Paiva, 103 — Meyer). Manoel F. Trindade (Av. Gomes Freire, 130-A).

SANTOS — São Paulo — Caildo de Oliveira (R. Alto de São João, 6).

BIRIGUI — São Paulo — Alcides Perez (C. Postal, 37).

SOROCABA — S. Paulo — Olímpio de



De Witt • Rio - Londres - N. York - Buenos Aires



Almeida e Baptista Cepellos (C. Postal, 8 e 65).

CAPITAL — S. Paulo — Waldemar Issa (R. Maria de Figueiredo, 625). Kleber Ribeiro, Afonso Medeiros e Milton de Castro (2.º — 5.º e 3.º Esquadilha — Esc. Técnica de Aviação). Lais, Vera, Yara e Waldyr Guimarães (R. da Alfândega, 170). Emanuel Silva (Av. 11 de junho, 711 — V. Mariana). Julieta Pinheiro (R. Rafael de Barros, 505 — Paraíso). Gabriel Ferreira (R. Humberto I — 511). Berthold Ilenfeld e Assis de Alencar (5.º e 4.º Esquadilha — Esc. Técnica de Aviação). Jean-Jacques Junior (R. Helvetia, 991). Mario Martins (R. Siqueira Bueno, 656).

ARAQUARA — São Paulo — Thelma de Albuquerque e Rosina Stela (Av. Portugal, 219 e 407). Ziegler de Carvalho e Suzana Amaral (R. Padre Duarte, 1098). Lília Alves (Av. 7 de Set. 942). Ernesto, Margot, Wilma Helena, Maria Stela, Maria Nilce e Vera Lúcia Camargo; Regina Célia e Mercia Maria Aranha (Av. 15 de Nov. 959). Mary Morley (Av. Barroso, 654). Regina Helena (Posta Restante). Ilhandra Leal (Av. Espanha, 558). Sonia Maria Amaral, Carmen Lígia e Lés Silva (Av. Prudente de Moraes, 597). Carmen Lemos (Av. Prudente de Moraes, 581). Cleibe Medeiros (R. São Bento, 1393). Lucia Nascimento (Sta. Lúcia).

FLORIANÓPOLIS — Sta. Cat. — Katia Fernandez (Rio, São Paulo, Paraná e R. G. do Sul — R. Bocaiuva, 162). Lélis Ballad (Uruguai e Brasil — R. Deodoro, 37). Bela Gomes (Av. Mauro Ramos, 241). Selma Navarro (R. Campos Novos, 26).

CAÇADOR — Sta. Cat. — Adelar Gattermann e Manoel Lima Junior (Com pessoas do estrangeiro ou aqui radicadas — Cartas em inglês, francês, castelhano, português e italiano — C. Postal, 23).

CAMPINA GRANDE — Paraíba — Kaki S. S. (R. 13 de Maio, 109).

MACEIÓ — Alagoas — Estudante Albino de Vasconcelos (R. Boa Vista, 56).

FORTALEZA — Ceará — Manuel dos Santos (C. Postal, 63).

CAMPOS — Est. do Rio — Neusa das Neves (R. José do Patrocínio, 40). Amorita Siqueira (Av. 28 de Março, 311). Sydney Sanz (R. Pereira Nunes, 40). Sonia Ornelas (R. João Pessoa, 143). Sheila Rutenndorf, Nadja Sullivan e Silvana Manhães (Av. 15 de Nov. 1181 — 1591 e 607). Vera Lucia Silva (R. Lacerda Sobrinho, 37). Suely Martins, Marcia Guimarães e Gilda G. Netto (R. Alberto Torres, 212). Regina H. Silva (R. Joaquim Tavora, 42). Sheila Dantas (Rádio e cinema — R. Alberto Torres, 448). Sheila Fassauer e Sandra Mossely (Av. 15 de Nov. 274). Carmen L. Ribeiro (R. Americo Machado, 53). Rosemary Magalhães (R. Sto. Antonio, 163). Magaly Deffontaine (R. dos Andradas, 10). Sonia Romenac (Av. 15 de Nov. 1181).

BARRA DO PIRAI — Est. do Rio — Nice de Souza e Heidi Franco (R. Paulo de Frontin, 336).

MURUNDÚ — Est. do Rio — Rizete Oliveira Moraes (Murundú).

DIST. FEDERAL — Alair Galeno e Dalila Sanson (S. Paulo e R. G. do Sul — R. 4 de Nov. 150 — Ramos). Estudante

Hildete Marques (R. Pirajura, 86 — Rea-lengo). Tânia Finza (16 anos — R. G. do Sul — R. Pinheiro Guimarães, 21 — apt. 101 — Botafogo). Decia Bertetti e Marcia San Martin (São Paulo e R. G. do Sul — Av. Osvaldo Cruz, 121 — Flamengo). Ronaldo Cividanes (R. David Campista, 103 — apt. 1001 — andar). Magaly de Castro, Jeanine M. dos Santos e Katherine Veiga (S. Paulo e Minas — R. 4 de Nov. 150 — Ramos).

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de Alface ultra concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar e ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface Brillante.

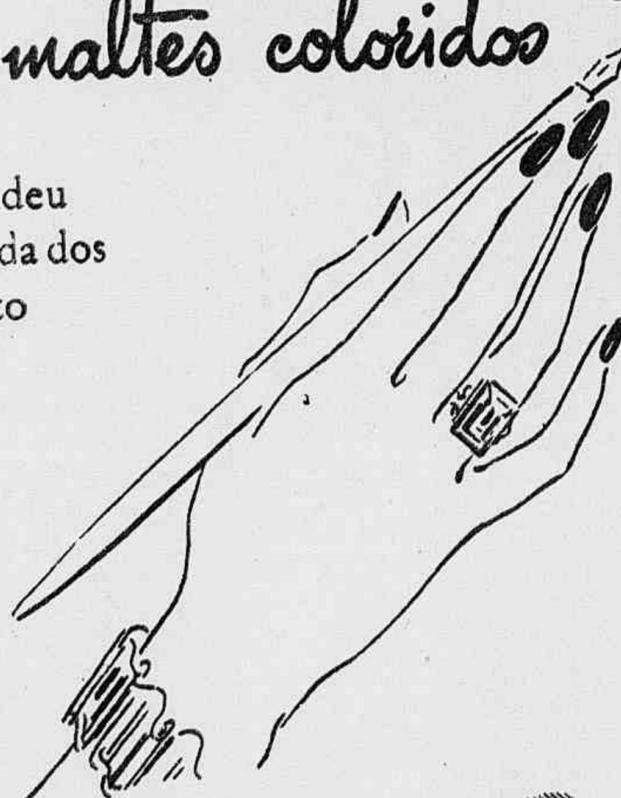
Experimente-o.

Quem lançou a moda dos esmaltes coloridos?

• Seu nome é Peggy Sage. Ela surpreendeu o mundo feminino, quando criou a moda dos esmaltes coloridos, hoje complemento indispensável a uma toilette perfeita. Seu gênio criador é a inesgotável origem das mais exquisitas nuances, expressões de bom-gosto para as mãos fidalgas da Mulher...

Tons moderníssimos:

VINTAGE • SCARLET
INCARNAT • CEREJA
CEREJA NEGRA
PRAIA • GIG



Peggy Sage





UMA HUNGARA NO RIO

Yolanda Varga estreou no rádio carioca — “De simples dona de casa me fiz artista”, declara à reportagem a cantora que nasceu em Nagy Varád

JOSÉ redigiu

— **R**EALMENTE, às vezes tenho saudades dos meus tempos de menina, em minha cidade natal, onde a vida era um sorriso permanente. Hoje, longe da Pátria, sinto-me, em muitas ocasiões, triste, somente por lembrar meus dias de garota. Eu tinha 3 anos de idade quando, como amadora, comecei a cantar. Não ligava importância à arte. Tomei parte em cerca de trinta operetas. Depois, me fiz dona de casa... Abandonei o canto. Entretanto, anos mais tarde, nas horas vagas, reiniciei os meus estudos. As preocupações do lar me fizeram perder o adiantado grau de progresso a que tinha chegado antes. Certa noite desembarquei no porto de Santos, tendo viajado em um navio que fazia a linha Brasil-Europa, juntamente com mi-

nha família, há uns dois anos atrás. Com apreciáveis conhecimentos artísticos surgiu no rádio tomando parte em programas especiais da PRE-4, em São Paulo. Ao terminar a série de audições pelo microfone da Cultura sai em “turnê”. Atingi em Serra Negra, Poços de Caldas, São Lourenço, Caxambú, Cambuquira, Curitiba, Salvador, enfim percorri quase todos os pontos principais deste gigantesco país. Nasci na pequena cidade de Nagy Varád, Hungria. Tenho saudades de lá. Mas vivo feliz no Brasil. Logo que acabe minha atual temporada, no Rio, viajarei para o Prata, onde cumprirei mais uma etapa de minha carreira.

— Quais as páginas do seu repertório que considera como fatores de maior

sucesso? — perguntamos.

— Sem dúvida “Traviata” e “Butterfly”, são os números com os quais tenho recebido os melhores aplausos.

— Por falar em aplausos, tem recebido muitas manifestações de simpatia por parte do público carioca?

— Não. O sucesso poderia ser maior. Mas ainda assim me dou por satisfeita.

Este leitor, foi o diálogo estabelecido por CARIOCA com a consagrada cantora húngara Yolanda Varga, que além de abrilhantar, no momento canta numa de nossas rádios, onde tem constituído um dos pontos altos da programação da emissora. Yolanda, como artista estrangeira, firmou um conceito digno de nota

CONCLUE NA PAGINA 56

Carioca

O QUE NOS...

CONCLUSÃO DA PÁGINA 40

motivos: — por gostar muito deste poeta, às vezes, por sentir com êle certas afinidades; e em outras para ganhar alguns "cobres" do editor...

— Mas não é coisa muito importante essa questão de afinidade entre tradutor e traduzido?

— Não creio. Não tenho a menor afinidade com Petrarca e traduzi Petrarca e de maneira que não foi julgada comprometedor para o cantor de Laura. Guilherme de Almeida nunca foi baudelaireano e traduziu muito bem Baudelaire. O trabalho de tradução de poesia é muito mais exterior que essencial. Pura questão de técnica, virtuosismo puro.

— E quanto às obras originais?

— Tenho dois livros de versos no prelo. Um de poemas de guerra; outro de poemas líricos: "A Noiva Perdida no Mar". O primeiro abstrai-se completamente dos aspectos políticos da questão e prende-se exclusivamente ao drama humano, à formidável tragédia humana que é a guerra. O segundo trata de coisa aparentemente menos importante que é o amor... São livros antigos relativamente e considero-os uma coisa ultrapassada diante da poesia que no momento estou realizando. Quanto a ensaio, trabalho na ampliação de minha tese sobre "Romantismo e Sociedades Secretas" de maneira a dar um trabalho mais completo e num estudo crítico sobre Basílio da Gama, por quem aliás nutro grande admiração. É o grande modernista da escola mineira.

E assim terminou a nossa conversa com o jovem poeta de São Paulo.

GIACOMO...

CONCLUSÃO DA PÁGINA 49

um contrato para esse notável artista. Respondia Jonhson, ser impossível — apesar de bem conhecer o artista desde a Itália, — devido a estar completo o elenco para a temporada, porém, possivelmente, no ano seguinte, tudo estaria preparado. A guerra veio modificar todos os planos. Vaghi já estava portanto, na "fila", aguardando a sua vez. Agora, isso, verificou-se e com alegria para os seus admiradores. É um grande artista. Atingiu ao "climax" de sua carreira. Seu sonho dourado tornou-se realidade. O público norte-americano irá conhecer um dos maiores "baixos" da presente geração artística. Um cantante completo e que, sem dúvida alguma, logo ao primeiro contacto com a platéia novaiorquina, deixará seu nome gravado com letras de ouro. Giacomo Vaghi ganhou um belo presente de Natal. O público carioca vai perdê-lo por muito tempo. Por que, indo para aquele importante centro, jamais poderá de lá sair, pois, o povo americano reconhecerá o grande artista

que conquistou. Em sua companhia irá sua esposa, a cantora Maria de Lourdes Sá Earp Vaghi, ou Maria Saerpi — na Itália, ou Maria Sá Earp, no Brasil. Maria Sá Earp, não irá com a responsabilidade de cantar, tudo indica, entretanto, grande viabilidade para que seja apresentada, também. Ainda escreverei para os nossos leitores a história completa da carreira artística de Maria Sá Earp, seu secretário que fui, durante o "curto período de 10 anos". Aquela senhora dizia, então, aos do grupo, ir a Nogueira — estávamos num trem de Petrópolis — visitar o casal de artistas em seu sítio "Rancho Grande", onde, neste momento, faziam as suas despedidas daquele maravilhoso recanto, recanto esse em que solidificaram mais ainda as suas vidas unidas sob os ditames de Deus. Naquele "Rancho Grande", Giacomo Vaghi viveu dias felizes ao lado da esposa que o idolatra e o filho que é o seu sonho. Mas, também, elevou seus pensamentos para o outro lado do mundo, pensando, e com justas razões, em sua querida mãe, residente na Itália, uma das inúmeras vítimas da ira sanguinária do fascismo. Nunca a ol-

vidou e sofria em vê-la envolta em tão desgraçada fogueira provocada pelos homens maus que o mundo um dia criou. Giacomo Vaghi vencerá no "Metropolitano Opera House" em grande estilo, de maneira soberba, porque, é, realmente, um artista excepcional. Deixará saudades. Por que tem amigos. E de todas as horas e momentos. Esperemos, pois, seja-nos anunciada sua vitória e dessa terão conhecimento os nossos leitores.

UMA HÚNGARA...

CONCLUSÃO DA PÁGINA 55

entré os fãs guanabarinos e afirmamos o quanto ela é querida entre nós.

Vala dizer que em todos os lugares onde aparece deixa ao sair muitas saudades no seio do povo pelas suas interpretações magníficas dos mais difíceis números da música fina que formam o seu album.



Realiza-se o enlace matrimonial do Sr. Nicolau Barbastefano, com a senhora Saad Nasri. O ato civil foi realizado na 13.ª Circunscrição e o religioso às 16 horas, na basílica de Santa Teresinha de Jesus, na rua Mariz e Barros. Foram padrinhos dos noivos o Sr. Luiz Barbastefano e sua esposa Sra. Eleonora Voza Barbastefano, José Barbastefano e sua esposa, Sra. Emília Santana Barbastefano.

**JOAN
LESLIE**



CASA GUIOMAR

CALÇADO "DADO"

É o expoente máximo dos preços mínimos

Filiais:

CASA NORAH — A. Passos, 59

CASA GUIOMAR (Filial) — P. TIRADENTES, 66



124 — Cr\$ 90,00

Pelica azul marinho, preto, havana, bordeaux, ou Camurça nas cores acima, com biqueira e talão de pelica nas mesmas cores, salto cavalieri 6 1/2.

O mesmo modelo nas mesmas cores, em salto Carlioca 3 1/2. CR\$ 85,00 De ns. 32 a 39.



2863 — Cr\$ 95,00

Camurça preta, azul marinho ou marron, salto Cavalieri 6 1/2. De ns. 32 à 39.



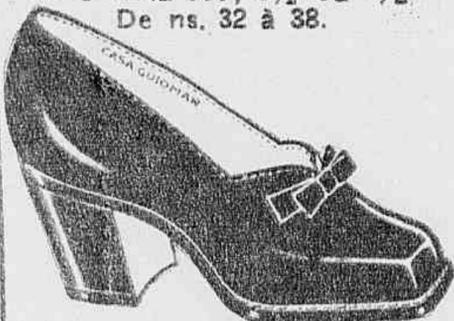
450 1/2 — Cr\$ 100,00

Búfalo branco, camurça preta, azul marinho ou marron, salto Luiz XV, 5 1/2 ou 6 1/2. De ns. 32 à 38.



200 1/2 — Cr\$ 100,00

Camurça preta, azul marinho, ou marron, e búfalo branco, salto Luiz XV 5 1/2. De ns. 32 à 39.



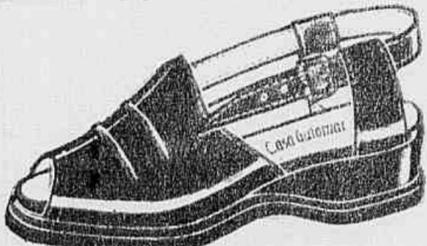
2321 — Camurças Cr\$ 90,00. Pelicas Cr\$ 85,00.

Camurça preta, azul marinho ou marron; pelica preta, havana, bordeaux ou azul marinho, salto carlioca 4 cent.; o mesmo modelo em salto Cavalieri 6 cent., mais Cr\$ 5,00. De ns. 32 à 39.



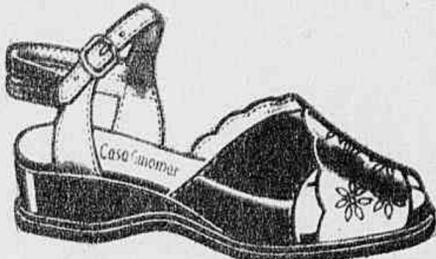
4061 — Cr\$ 85,00

Pelica preta, azul marinho ou havana, salto Carlioca 3 1/2, Sport. De ns. 32 à 39.



1130 — De 28 à 33, Cr\$ 70,00. De 34 à 39, Cr\$ 75,00.

Pelica havana, envernizado preto, búfalo branco, camurças pretas ou azul marinho. Sport.



1136 — De 28 à 33, Cr\$ 70,00. De 34 à 39, Cr\$ 75,00

Pelica havana, naco béje e sangue; búfalo branco, camurça preta com verniz preto, ou camurça marron, com pelica da mesma cor, salto embutido 1 1/2, Sport.

PORTE DO CORREIO — Cr\$ 3,00

JULIO N. DE SOUZA & CIA.
AVENIDA PASSOS, 120

NOVIDADES, MEXER HOLLY

Por MARIA C

Ginger está precisando de benzer-se...

Tendo lutado dezto meses consecutivamente no Pacífico Sul, o marido da simpática estrela regressou ao lar para ela contrá-la de... queixo envolto em esparadrapo e gaze.

A artista fizera uso de banhos de sol intenso e sem reparar aplicou maquiagem sobre a pele queimada, resultando-lhe de tudo isso tremenda urticária.

O pior é que todos esses males apareceram precisamente no regresso do esposo de Gingers!

Vejam só como é diferente a sorte!

Van Johnson está interessadíssimo em montar uma casa grande, onde possa receber os amigos. Tem tudo, menos a casa... Há pouco encontrando-se com Cary Grant, ouviu deste que não pode manter, por mais tempo, o casarão de Belair, e os compromissos sociais que adquiriu.

— Pois eu invejo-o! exclamou Van. Queria ter um lar muito bem organizado e poder dizer: "Bom, hoje virão oito pessoas para jantar".

— Você está louco! exclamou Grant. Oito pessoas para jantar no tempo que passa! E os criados, e o racionamento.

Durante a sua última estada nos Estados Unidos, Jean Pierre Aumont pronunciou algumas conferências em ginásios.

Quando chegou ao fim de uma dessas conferências, observando um hábito muito americano, perguntou ao auditório se deseja perguntar-lhe alguma coisa. Uma garota, erguendo-se, fez:

— Os franceses são tão românticos quanto se diz por aí?

O tenente Aumont sorriu e respondeu que não tinha certeza, mas pensava que sim.

Estava na sala a esposa de Pierre, Maria Montez, e alguém pediu para que ela subisse ao palco. Montez logo que chegou acima, disse que adivinhara o pedido: queriam que ela respondesse à pergunta sobre os franceses... E foi logo dizendo:

— Sim, na verdade eles são muito românticos — e olhou maliciosamente, para o esposo, que corava, até a raiz dos cabelos, refugiado atrás das cortinas...

O público, enquanto isso, desfazia-se em gostosas gargalhadas.

Bonita Granville somente agora conseguiu realizar um dos seus sonhos: representar um papel de adulto!

Isso lhe foi proporcionado em *The Lie Detector*.

A morte de Robert Benchley foi uma dupla perda: para o Hollywood e para a literatura americana.

Além do ator consagrado, era Benchley um humorista dos mais queridos da atualidade.

BOATOS E PICOS DE WOOD GERTRUDES

Como artista de cinema nunca atingiu o estrelato, mas em sua classe disfrutava um lugar de destaque.

Frank Sinatra há muito tempo que vem trabalhando para ajudar a resolver o problema da delinquência juvenil, que aumenta todos os dias nos Estados Unidos.

Neste instante lançou-se em uma nova campanha, batendo-se para que as idéias democráticas sejam postas em vigor, sem distinção de raça, de cor e de estado social.

Hollywood está orgulhosa com o trabalho benemérito desse seu "filho".

Pride of the Marines é um dos filmes mais reais que esta guerra inspirou. Várias das cenas que nele podemos ver foram tiradas ao vivo, durante batalhas encarniçadíssimas, e a história é baseada na vida de Al Schmid, um "fusileiro" que saiu sem vista por efeito de uma bomba que explodiu quando ele combatia em Guadalcanal.

O herói ainda existe, e John Garfield visitou-o algumas vezes antes de filmar, desejoso de "sentir" como o seu personagem, o mais fielmente possível.

A película é, na verdade, uma obra prima no gênero.

Entre os homens que do "cast", participando de batalhas fictícias, encontram-se 93 que lutaram efetivamente nos mesmos lugares que o filme espelha.

Há nomes que valem por grandes cartazes!

O caso do cabo Marlon Hargrove, por exemplo. Desde que tornou famoso, pelo livro de sua autoria, que ele recebe as propostas mais tentadoras. Agora mesmo a Metro Goldwyn Mayer pagou-lhe cem mil dólares pelo direito de usar-lhe o nome em um novo filme — What Next, Cpl. Hargrove?

Certas heroínas, que gostam de flirter com seus galãs, ficam imensamente decepcionadas se tivessem de trabalhar com o Sargento Wilde.

Apesar de ter casado há sete anos, Corny ainda é o marido mais enamorado de Hollywood. Imaginem que todos os dias tenta ir para Pa, sua esposa, convidando-a para jantar como durante o período do noivado.

Além disso, remete-lhe, constantemente, flôres, acompanha-lhe com cartões muito expressivos.

Também não se cansa de achá-la maravilhosa.

— Quando nos casamos, estávamos ambos sem emprego. Fimos um pacto: o primeiro que se empregasse, repartiria com o outro o seu salário. Pa empregou-se primeiro e cumpriu a promessa.

Agora que conseguiram fama e fortuna, ele retribui tudo o que ela lhe faz.

Tudo o que encontra em jóias e peles lhe parece nada para sua Pa!

Protegida
contra
o suor
desde o momento
em que se veste!

Um pouco de ODORONO nas axilas é o quanto basta para proteger contra o suor de um a três dias! ODORONO é a resposta a uma genial fórmula médica; evita inofensivamente a transpiração; não irrita a pele, não causa dano aos vestidos, é de fácil aplicação.

Quando a Senhora usa ODORONO, a mesma coisa lhe ocorre nos salões ou nos lugares onde pratica os esportes: toda liberdade de movimentos e confiança. Por isso, milhares de Senhoras elegantes usam o desodorante e corretivo da transpiração ODORONO. Experimente-o: existem duas espécies: ODORONO "REGULAR" — para uma proteção duradoura: — e ODORONO "INSTANTANEO", para as peles delicadas.



ODO-RONO

DESODORANTE E CORRETIVO DA TRANSPIRAÇÃO

ODORONO é oferecido também em forma de creme, suave e não gorduroso; aplica-se como um creme vaporoso.

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 5)

fartura de frutas inclusive bananas de todas as qualidades e côcos verdes em abundância a preços reduzidos.

No dia 8 de agosto de cada ano, a população festeja a maior data católica do lugar — o dia de N. S. da Guia. É uma festa que atrai muitos forasteiros vindos de Santa Cruz, Itaguaí, Itacurussá, S. João Marcos, Angra dos Reis, etc.

Antigamente, — lembro-me bem ainda — os festeiros organizavam procissões concorridíssimas, levando a Santa numa grande canôa caprichosamente enfeitada de flores, bandeirinhas e lanternas de papel de seda. Os leilões transcorriam animados. O jardim da praça onde se acha a igreja, servia de dormitório para muitos forasteiros que não conseguiam alojamento, após a festa. No dia 11 de novembro de 1931 a cidade comemorou com imponentes festas o seu primeiro centenário.

A estrada de rodagem que une Mangaratiba a São João Marcos é considerada a primeira estrada a ser macadamizada no país.

Além dessa rodovia, de importância relevante para Mangaratiba, encontramos, em vias de conclusão, uma outra que ligará a cidade à estrada Rio-São Paulo.

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 12)

Mme. de Grafigny dizia: "Emilia é dura mas ele não se deixa vencer. Embora de temperamento impulsivo, sabe dissimular, o que desperta nela terrível desconfiança. Então, suspeita de tudo e de todos".

A publicação de "Mondain" provocou

CASA DOS OCULOS

Avia-se qualquer receita dos Srs. médicos oculistas

JOSÉ SEABRA MATTOS & CIA

Rua Andrade Neves, 364
Telef. 3486 — Campinas

escândalo e Voltaire resolveu fazer uma curta viagem à Holanda, Mme. de Châtelet afronta as censuras de sua família e defende Voltaire publicamente, sem cuidar de sua própria reputação. Mostra-se ao mesmo tempo delirante e comovedora.

Volta o filósofo para continuar a interrompida vida de ambos. Assim transcorrem cinco anos, ao fim dos quais a vida em Cirey começa a ser monótona. Em 1739 vão a Bruxelas, onde permanecem três anos.

Foi nesta época que se acusou Mme. de Châtelet de haver plagiado as teorias de um tal Koenig em sua obra: "Instituições da física". Koenig trabalhara algum tempo em Cirey. A acusada defendeu-se valentemente e com tal propriedade que triunfou de seus acusadores.

De maior importância, foi a rivalidade de Mme. de Châtelet e Frederico II. Sentia ciúmes do rei da Prússia, empenhado em arrebatá-lo Voltaire. Este, naturalmente sente louca vontade de ir para a Alemanha. Oculta engenhosamente seus desejos e adota ares de vítima cada vez que se afasta. Como a corte de França não vê com bons olhos essas viagens do filósofo, a marquesa defende-o calorosamente e fica em Paris para justificar o ausente.

Voltaire mostra-se encantado com este novo gênero de vida. Voltaire em 1741 já não conhece socêgo. Quer viajar continuamente. Vão de Lily para Reims, voltam a Cirey, vão a Paris, de onde Voltaire dirige-se para Aix-la-Chapelle afim de encontrar-se com o rei da Prússia. Depois, novamente Bruxelas. Emilia leva-o para Paris. Ante seu fracasso na Academia, o príncipe chama-o.

Voltaire consegue, não sem trabalho, desprender-se de sua incomoda amiga. Não lhe concede nem a esmola de uma correspondência regular. Mal se acham juntos brigam e discutem continuamente, e todavia não podem viver separados.

Mme. Châtelet leva uma vida dupla. Procura conciliar a solidão com a vida mundana. Vai Cirey, onde traduz Newton e logo volta a Paris. Sua ligação com Voltaire é aceita na corte. Goza de favor e aproveita essa circunstância em benefício de Voltaire, fazendo representar suas peças e receber na Academia.

Depois de períodos ativos de luta voltam a Cirey onde, frente a frente, sentem crescente cansaço. Em 1748, chamados por Stanilas, vão a Luneville. A corte é divertida mas cheia de intrigas. Mme. Châtelet não escapa a elas. Revive seus vinte anos junto a Saint-Lambert. Em consequência, espera o nascimento de um filho. E em consequência deste nascimento, Mme. Châtelet morre a 4 de setembro de 1749. Foi enterrada em Luneville.

(Conclusão da pág. 29)

que alcançou a primeira produção nesse gênero, os grandes estúdios não perderam tempo em produzirem outras que tiveram lançamentos sucessivos, como: "O Conde de Monte Cristo", "A Máscara de Ferro" que foi produzida duas vezes, e "O Filho do Conde de Monte Cristo", que foram levados a tela num completo êxito. Agora foi filmada uma outra obra de Dumas, "Os Mosqueteiros do Rei", baseada no famoso romance "Os Companheiros de Jehu". Será que o espírito de Dumas, assim como fez com o grande Douglas Fairbanks, dará sorte à principal estrela desta nova produção? Embora Anita Louise não seja propriamente uma novata, merece um novo impulso, mormente agora no seu período de reabilitação, quando finalmente volta à tela para a alegria de inúmeros fans. O caso é que Anita apareceu pela primeira vez no cinema quando era ainda uma garotinha. Tinha apenas sete anos de idade. O filme foi "O Sexto Mandamento", com Neil Hamilton e desde então Anita nunca mais abandonou o cinema, a não ser para curtíssimas temporadas teatrais. Isso foi no tempo do cinema silencioso. Com o advento do som, a carreira de Anita ganhou um impulso e um brilho incomparáveis com filmes como "Millie" com Helen Twelvetrees; "Our Betters" com Constance Bennett, "O Canto do Cisne", e sobretudo "Sonho de Uma Noite de Verão", que é a melhor recordação de sua vida artística. De então para cá Anita apareceu em grandes filmes, como "Pasteur", "Tovarich", "Antony Adverse", "Maria Antonieta" e tantos outros. Até que, há cerca de três anos, abandonou toda a atividade artística para se dedicar inteiramente, ela e seu marido, o capitão Maurice Adler, ao esforço de guerra americano. Anita serviu como enfermeira no Hospital de Santa Monica, enquanto o capitão Adler estava alistado no Corpo de Sinais dos Estados Unidos.

Com a terminação da guerra, Anita Louise voltou aos estúdios cinematográficos.

CONCLUSÃO DA PÁGINA 36

★ ★ ★ ★ ★ DIGA CONOSCO: ★ ★ ★ ★ ★



Secativo e antisséptico. O tratamento ideal para as Molestias da Pele: FERIDAS - FRIEIRAS - BROTOEJAS - DARTROS - COMICHÕES - ASSADURAS - SUOR nos PÉS e nas AXILAS
FÓRMULA DO DR. EDUARDO FRANÇA - Distr. Araújo Freitas & Cia. - Rio

— ... "filet", abafado com alho e óleo.

— E o gênero de música?

— Pra cantar, é o "samba-grandioso", como "Terra seca" e "Sinfonia do café". Pra dançar, é o samba, preferindo o cinema ao teatro.

— E sua cor favorita?

— É o "cinza azulado", mas, para a roupa, é a branca.

(CONCLUE NA PÁGINA 61)

UM MAGO DO "BEL CANTO"

SYLVINO GONÇALVES



Quer aqui no Rio, como na Capital Paulista, participou de diversas temporadas líricas, tendo alcançado grande sucesso.

Em palestra com nosso redator, Mario De Lorenzo, ao ser inquirido, confessou ser a sua ópera preferida entre todas "La Bohème". Confessou, também, que dentre os nossos compositores aprecia Joubert de Carvalho. Quanto aos estrangeiros, tem predileção por Puccini, Verdi e Massenet.

Nas óperas em que tomou parte, interpretou, com geral agrado, de modo a impressionar bem os críticos, os papéis de Alfredo, Rodolfo, Duque de Mantua e muitos outros.

Dono de verdadeiros talento interpretativo, conhecedor seguro do jogo de cena e dos segredos expressionais, Mario De Lorenzo é uma das robustas esperanças da cena lírica brasileira na época presente.

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 60)

MARIO de Lorenzo é um bom elemento da "Rádio Gazeta", de São Paulo, desde a fundação daquela emissora paulista, que se verificou em 1939.

Antes, mesmo, De Lorenzo já era figura bastante conhecida.

Vocês sabiam, naturalmente, que Mario De Lorenzo como campeão de natação, era conhecidíssimo, tendo marcado espetaculares triunfos no salutar esporte de Maria Lenk. Mas o tempo, o implacável tempo, fez com que fosse vencida a fisicultura de Mario De Lorenzo, razão por que se dedicou o nosso "Mago", de corpo e alma, ao "bel canto".

Déo já foi um "crack" na natação, quando sócio do Tieté, em São Paulo. E por falar em São Paulo. Déo não é paulista, como julgam quase todos. É carioca da gema e...

— ... paulista de coração.

No Natal, recebeu muitos telegramas de suas admiradoras e, não raro, presentes.

Ao regressar de Buenos Aires, gravará duas inspiradas feitura de Ary Barroso: "Onde o sol doura as espigas" e "Aquarela mineira". Também dará uma série de recitais na Tupi Paulista, para matar as saudades e rever as pessoas de

sua familiaridade. Isto, após quatro anos de ausência.

Torcedor impenitente, Déo não perde um jogo sequer do Flamengo. Grita, discute e, se for preciso, até briga.

— E eu não sou de briga! — arrematou Déo, a palestra que eretabolamos. Gostaram?



O primeiro olhar é para o busto!

Si a plástica do seu busto não a satisfaz, é tão simples corrigi-la! Quando os seios são atrofiados, fácil é desenvolvê-los com a PASTA RUSSA. Quando aos seios falt firmeza, a PASTA RUSSA restabelece a linha justa da plástica feminina, fortificando os tecidos e ativando a circulação local.

PASTA RUSSA

Distr.: Araujo Freitas & C. - Rio

SINAIS DE AVISO DA terrível PIORRÉIA De cada 5 pessoas — 4 estão ameaçadas!

As suas gengivas estão sensíveis ao tocá-las? Sangram um pouco quando escova os dentes? Se fôr assim, V. S. pode estar contraindo a terrível Piórria, com o seu horrível encolhimento das gengivas e afrouxamento dos dentes. Mas, V. S. poderá evitá-la, se agir depressa: consulte seu dentista sem perda de tempo e comece logo a proteger-se com o método fácil e experimentado FORHAN. Faça massagem nas gengivas e escove os dentes duas vezes ao dia com Forhan's — o único dentifríco que contém o adstringente especial anti-piórria do Dr. R. J. Forhan. Num recente exame clínico, 95% dos casos ameaçados de Piórria apresentaram surpreendente melhora em apenas 30 dias, seguindo-se simplesmente o tratamento Forhan's duas vezes ao dia. As gengivas tornaram-se mais firmes e vigorosas, mais resistentes à infecção. Consulte seu dentista e, para a saúde, firmeza e brilho natural de seus dentes, comece a usar agora o dentifríco Forhan's.

"Não espere sofrer de piórria para usar Forhan's — use Forhan's e evite a piórria".



FP 13

Escove os dentes com
Forhan's

R. J. Forhan D.D.S.



Carteca

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 3

isto talvez venha a ser dado aos homens um dia...

Quem sabe?

— V. A. hoje está francamente sonhador, ao que vejo. O homem voar seria um milagre... E os milagres já atualmente...

— Deus permita que os homens nunca vôem, meu amigo. Eles que já são assim perversos cá em baixo, que fariam pelos ares?... Porém, como vos dizia, essa ponte será de todo custeada pela administração. Não precisa o povo concorrer diretamente para as obras. Aliás, da outra, o povo pagou, porém divertiu-se...

— Panem et circenses...

O latim era bem de frei Manuel Calado.

Entresorvendo uma pitada, faz a apologia das pontes:

— Os canoeiros estavam ficando atrávidos e exigentes. Tudo aumentava de preço por causa do transporte nos rios! Agora, não, as carroças passam do istmo para Mauricea e daqui para o continente também passarão sem incômodos nem demoras. Até as damas nas suas cadeirinhas e os nobres nos seus cavalos podem passear à vontade por toda parte. Esta terra vai dia a dia ficando mais bela e mais civilizada.

Nassau modificara sua habitual expressão de bonomia sua habitual exselle no rosto um quê de sonho, de entusiasmo, e, simultaneamente, de dúvida. Falou, então, com certa melancolia:

— Na verdade minha opinião é que esta cidade é das mais bem fadadas do universo. Esses dois rios que se enlaçam aqui perto, essas planuras atapetadas de verde, essa luminosidade indefinível, esse azul impecável do céu, esta viração ameníssima que disfarça o verão... Tudo, uma inegável maravilha! Nunca vi ocasos como os das nossas tardes nem uma brandura de noites como as que nos caem em todas as épocas. Não há tempestades. Nem o frio entorpece nem a canícula mata. E as árvores, e as águas, e as aves, e os frutos... Ah! meu amigo! Sinto muita pena de me ir embora... Isto é um paraíso!

— Ir embora? V. A. pensa nisso?

— Não penso, prevejo. A Companhia pôde resolver minha substituição de um momento para outro. Sei o que anda nos ares contra mim... Temos tido divergências; elas são públicas... O general Artichofsky, como não ignoram, trama contra mim. Há pontos de grande discordância entre mim e a metrópole. Os de religião, por exemplo... Frei Calado anda a par de tudo, neste particular, não é? Sempre me inclinei pela liberdade dos cultos e pelo respeito à fé dos naturais. Medida de consciência e de boa política. Não se vencem tradições dessa natureza: nunca os exércitos conseguiram destroçar o credo de um povo vencido pelas armas. Dominam-se guerreiros sem abater crentes. Eu preferiria a tolerância; dei provas dessa tendência. Contudo, os homens da Companhia entendem de outra forma...

Nada para os católicos, que são os donos da casa, e tudo para os luteranos que são "hospedes"... Por meu gosto, o nosso amigo frei Calado não precisaria dizer a sua missa em segredo; fa-lo-ia num templo para todos e com a solenidade que quisesse.

— A obra de V. A. no entanto ficaria pela metade. Fala-se num grande incentivo a policultura... Não mais somente cana de açúcar e algodão...

— De fato lembrei esse novo rumo para a lavoura no encerramento da Assembléia. Deveríamos explorar outros produtos: o fumo, o cacau, a mandioca, a pimenta, o cravo, a canéla... As especiárias ainda encontram boas cotações nos mercados da Europa. A Assembléia, como sabem, aceitou bem minha sugestão. Homens como Antonio Cavalcanti, Arnau de Holanda, Gaspar Dias, João Fernandes Vieira, Amador de Araujo e outros que ali representavam freguesias importantes, aprovaram-na de envolta com outras medidas de justiça, de guerra, de indústria, de ordem pública... Neste ano de 1641 que vai começando iam cuidar dessas coisas... Mas...

— Esse seu regresso, Sr. Conde, por enquanto não passa de uma suposição. Talvez...

— É o que o reverendo pensa. Tenho razões para acreditar que se darão em breve mudanças por aqui. Não soube que ontem aqui deitou âncoras o barco do piloto João Lopes, vindo da Bahia?

— Assim se falou na cidade sem que se soubesse o fim dessa viagem.

— Pois êle trouxe uma grande novidade, a notícia de um acontecimento relevantíssimo que eu ia anunciar hoje mesmo. Tem V. Revma. a primazia de sabê-lo.

O padre estava ávido. O Conde fizera uma pausa:

— O piloto João Lopes foi portador de uma mensagem especial do marquês de Montalvão....

— Do vice-rei? Da cidade do Salvador?

— Exatamente. O marquês, com o maior aprazimento, trazia-me ao conhecimento a grande, a extraordinária nova de que Portugal se achava de novo soberano.

— Então, a Espanha?

— Derrotada nas lutas restauradoras. O Duque de Bragança fôra aclamado Rei. E já estava no trono desde 1.º de dezembro de 1640... Como vêdes, o domínio espanhol caíra nas terras lusitanas.

— Louvado seja Deus! E que o céu abençoe Sua Majestade o Rei D. João IV!

— É um sensacional episódio internacional. Rejubilo-me com êle pois espero que o Brasil Holandês manterá cordiais relações com o novo Rei. Terminaram de vez entre nós as guerras... Para regozijo público, vou ordenar festas populares suntuosas, nunca vistas. Além de um banquete de muitos talheres. Teremos tocatas das bandas dos regimentos neste parque por 8 dias; no terreno dos Coqueiros, tôdo engalanado, com palanques para damas e cavalheiros, garbosos torneios de argolinhas, com cavallhadas, canas e alcanzís. Dias de muita contenteza. Formar-se-ão dois partidos, escolhendo cada um sua dama para ho-

menegá-la. E com prêmios. Uma cadeia de volta de três voltas e um rico anel de brilhantes. V. Revma. não faltará, sem dúvida...

— Pois não, pois não.

Um pagem negro, de libré vistosa, trazia numa salva de prata dois cálices cheios de um líquido côr de ouro.

— V. Revma. não aceita?

— Vinho do Porto?

— Não. Cousa mais fina... Licôr de genipapo. Adoro os frutos da terra e aproveito-lhes o sabor... Antes de me ir embora...

— Não pense em tal V. Alteza.

O Conde calou-se. E quando o padre se retirou, deixou-se ficar em atitude de demorada contemplação ao quadro que Franz Post ia pintando...

PERSONALIDADE

CONCLUSÃO DA PÁGINA 6

deshonestidade flagrante, pois queriam, na verdade, morde-lo. Porque, dali em diante, Jorge seria sómente seu, Jorge, o bem-querido, o inimitável. Ela o sentiu, mas corria, sorria...

De súbito, como que a um tácito acôrdo, abriram espaço ao redor dos dois. É que Júlia se aproximava, sorridente, uma luz estranha nos olhos escuros.

Chegou diante de Jorge, olhou-o um momento e em seguida, num gesto que ultrapassou a mais fantástica expectativa, lançou-se ao pescoço do rapaz e, de sopetão, deu-lhe na boca um longo, furioso, um escandaloso beijo.

Uma rajada de gêlo desceu no ambiente. E todos se imobilizaram em assombrada estupefação.

Aquele beijo parecia ter durado uma eternidade.

Era a vingança de Júlia, sua mesquinha vingança de mulher.

Quando, parecendo ter decorrido um século desde que aquilo começara, ela enfim largou o rapaz, dezenas de pares de olhos cravaram-se em Maria Clara. E todos pareciam perguntar-lhe; "Então, você não faz nada? Vai aturar esse insulto? Um insulto como jamais se viu semelhante?"

Qualquer outra mulher teria rompido em lágrimas e soluços, ou então desmaiado, pura e simplesmente, numa situação daquelas.

Mas Maria Clara não era uma mulher qualquer.

Souberam-no, naquele momento, quando ela avançou para Jorge, idiotizado com o que jamais pudera prever.

Os mais nervosos faziam a si próprios mil perguntas: — "Irá esbofeteá-lo? Agarrar Júlia pelos cabelos?"

Mas deu-se o inaudito.

Calmamente, ela tirou do bolso do rapaz seu lenço branco e levou-o à sua boca, esfregando com fôrça, até dela tirar todo o vestígio do baton da outra.

Parecia uma previdente mãe, limpando dos lábios de sua criança os restos de uma guloseima que lhe pudesse fazer mal, conhecida às escondidas, em inocente travessura.

Depois, sorridente e tranquila, como se nada tivesse acontecido, enlaçou o pescoço do marido e beijou-o por sua vez, longa e suavemente.

Ficaram sabendo, então por que Jorge ficara prêso para sempre àquela mulher.

CARMEN...

CONCLUSÃO DA PÁGINA 18

res que, no momento, se encontravam em São Francisco e que frequentavam nossa casa. Como já disse, minha filha faz questão de dar a todos os brasileiros que nos visitam mostras de seu grande carinho pela nossa gente. Aqueles aviadores eram, portanto, tratados como se fôssem velhos amigos. Não havia preferência por nenhum deles. Carmem repartia com todos sua alegria sempre renovada e seus cuidados de dona de casa. Tanto assim que a pedido de seus subordinados, o Cel. Fontenelle foi à nossa casa procurá-la, a fim de agradecer a acolhida carinhosa que lhes fizera. O caso da fotografia em que Carmem e Carlos aparecem lado a lado foi mera coincidência. Foi por ocasião de uma "premiere". Nós todos,

Carmem, eu, os aviadores e outros amigos, fomos assistila. Como era natural, os cavalheiros tinham que acompanhar as senhoras e, como Carlos foi o primeiro a chegar, seguiu com Carmem. No momento em que entravam no salão, os fotógrafos bateram a chapa. Eles estavam sorridentes e felizes, porque são jovens e mesmo ao lado de minha filha, é quase impossível alguém ficar triste ou preocupado. Ela tem o dom de espalhar a alegria e a felicidade em sua volta. Sua vivacidade e confiança na vida são contagiantes.

— E quando nos fará uma visita?

— Muito breve. Ela tem saudades muito grandes do Brasil, apesar de gostar muito da América, onde teve tão enternecedora acolhida e onde um grande número de amigos a cercam constantemente. Mas na véspera de minha partida, uma sombra de tristeza e de saudade invadiu-lhe os olhos sempre tão sorridentes, quando falou: —

"Como gostaria de ir com você, mamãe!... Ver minha terra, minha gente... Às vezes penso que desejaria ir ao Brasil sem avisar a ninguém e chegar lá, inteiramente incógnita, percorrer todas aquelas ruas, abraçar toda a gente, descansar à sombra das árvores amigas que me viram crescer, ver as ondas tão verdes bailando na baía de Guanabara. Mas, diga aos brasileiros que irei assim que poder".

E Mrs. Miranda continuou:

— Carmem está fazendo um novo filme. Por isso não poderá viajar imediatamente. Mas logo que termine virá ao Brasil.

— E que nos diz de seu último trabalho?

— Muito bom. "Doll Face" é um film alegre e muito interessante. É nele que Carmem dança um samba descalça.

— Sim?!

— É certo... descalça. Imagine que estavam em cena, Carmem e seu par.

Encantada pelo ritmo tão

nosso, Carmem deixava que seu corpo, guiado pelo ritmo do samba, falasse ao mundo da música brasileira. O entusiasmo crescia. A um dado momento, notou que seu companheiro de dança era de estatura um pouco mais baixa que a sua. E num gesto, onde havia tanto de vivacidade quanto de graça, tirou rapidamente os sapatos e continuou a dançar com os pés nus.

— E sobre a Norte-América, quais suas impressões?

— Muito boas. São Francisco, onde residimos, é lugar de clima adorável. O povo americano tem todo o conforto necessário à vida. É alegre e acolhedor. Nosso círculo de relações é vasto e agradável.

Despedimo-nos, depois de termos agradecido a delicada e atenciosa entrevista e Mrs. Miranda fez uma última recomendação:

— Digam aos brasileiros que Carmem Miranda continua solteira e que em breve virá visitá-los.

EUTANASIA

CONCLUSÃO DA PÁGINA 10

uma dose mais forte de morfina, meu coração não suportará. Prometes-me que se a dor vier forte, aplicar-me-ás injeção? — Prometes?

— Augusto. Mas não vais morrer... Não poderei fazer isto... Não. Não poderei...

Augusto gemia, gemia. Agora, mais forte, mais forte. Parecia uma fera em agonia. Lúcia tapava os ouvidos, procurando não ouvir. Não queria ouvir, não queria pensar. "Mas, afinal, não seria uma caridade? — Não seria o descanso para ele?" E a cadeira de embalo respondeu... liberdade... liberdade. A chuva, lá fora: liberdade... o próprio vaporzinho parecia agora cantar: liberdade... Os seringueiros cantavam: liberdade... Os gemidos foram diminuindo, Augusto dormia. Agora dormia calmamente, sem dor. Pegou a seringa de injeção. Suas mãos tremiam. Vacilava. E como doida, completamente alucinada, aplicou a morfina.

— Só aí, então, viu que tinha perdido a liberdade, desta vez para sempre, porque nunca, nunca mais, poderia ser de Mário. E saiu, cabeça descoberta, ao leo, à chuva, sem saber para onde ia, nem o que queria...

O QUE PRETENDE...

CONCLUSÃO DA PÁGINA 35

vivos e, por enquanto, deixando no ar uma interrogação sobre os seus planos, suas realizações em benefício da huma-

nidade já tão saturada de sofrimentos. Todo mundo espera concretizar em 1946 antigas esperanças. Escolhemos um grupo de expressivos astros do nosso rádio para declararem à CARIOCA o que esperam fazer neste ano. Além de outros, falaram à reportagem, três radiomen, que também são jornalistas: Oranimo Franco, autor de "Clarisse", cronista radiofônico de "A Noite Ilustrada", elemento de destaque na PRE-8; Mario Brasini, astro do cinema, produtor de programas e narrador; e Alziro Zarur, o consagrado "Sherlok" do ar, escritor de novelas, reporter dos melhores.

Tivemos também a palavra de Ghiaironi, o poeta de "A graças de Deus"; Celso Guimarães speaker e radiator; Saint Clair Lopes, speaker, radiator, e radiador; Zilah Fonseca, Aidê Miranda e

PASTA ALIZABEM



Produto
A EMBELEZA-
DORA — Av. Pas-
sos, 22 — Sob. —
Rio — Cr\$ 15,00 —
Para o interior mais
Cr\$ 3,00. A venda
na Perfumaria Lo-
pes — Rio — e São
Paulo e em todas
as boas casas.

Ademilde Fonseca, sambistas; e Ghyta Yambiouski e Stelinha Egg, da Rádio Tupi. Todos expressam nestas páginas os seus desejos para 1946.

Já leu VAMOS LER!?



**LORETTA
YOUNG e
ROBERT
PRESTON**

**TRES RAZÕES
PARA UMA SÓ ESCOLHA!**

- Quem exige um sabonete fino e de preço econômico — prefere o DORLY.
- Quem prefere um sabonete consistente e suavemente perfumado — usa o DORLY.
- Quem usa um sabonete de classe — escolhe também o DORLY, porque o

Sabonete DORLY

PREÇO POR PREÇO É O MELHOR!

À venda em todo o Brasil.